

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**O FEMINISMO PÓS-COLONIALISTA DE JAMAICA KINCAID: RUMO À
LIBERDADE**

MÁRCIA MARIA OLIVEIRA SILVA

RECIFE
2012

MÁRCIA MARIA OLIVEIRA SILVA

**O FEMINISMO PÓS-COLONIALISTA DE JAMAICA KINCAID: RUMO À
LIBERDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Teoria da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Roland Walter

Recife
2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

S586f	<p>Silva, Márcia Maria Oliveira. O feminismo pós-colonialista de Jamaica Kincaid: rumo à liberdade / Silva, Márcia Maria Oliveira. – Recife: O autor, 2012. 148 p. : il.</p> <p>Orientador: Roland Walter. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2012. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Literatura. 2. Feminismo. 3. Literatura caribenha (Inglês). 4. Pós- colonialismo na literatura. I. Walter, Roland. (Orientador). II. Título.</p> <p>809 CDD (22.ed.)</p>	UFPE (CAC2012-26)
-------	--	-------------------

**O FEMINISMO PÓS-COLONIALISTA DE JAMAICA KINCAID: Rumo à
Liberdade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria da Literatura, em 28/2/2012.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roland Gerhard Mike Walter
Orientador – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola
LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Alexandre Furtado de Albuquerque Correa
LETRAS - FAFIRE

MÁRCIA MARIA OLIVEIRA SILVA

**O FEMINISMO PÓS-COLONIALISTA DE JAMAICA KINCAID: Rumo à
Liberdade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Teoria da Literatura, em 28/2/2012.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi fruto de um trabalho que só foi possível graças à colaboração que recebi durante todo o processo:

- À Deus por ter me dado a vida;

- Aos meus pais (Ednaldo e Lucineide) e meus avós maternos (Luiz e Margarida) pelo amor incondicional e pelas oportunidades dadas ao longo de minha vida;

- Ao meu esposo Josemar que através de seu apoio e confiança constantes não me deixou fraquejar;

- Ao meu orientador Roland Walter, pelas aulas maravilhosas, pela paciência e direcionamento;

- À Universidade Federal de Pernambuco, através de seus professores e demais funcionários pela disposição.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles e aquelas que buscam incessantemente romper as barreiras da alienação dos discursos opressores; não apenas para buscar seu espaço, mas com o desejo de criar um mundo mais justo, em que as pessoas sejam vistas pelo que são e não pelo que representam (homem-mulher, branco-negro, rico-pobre, etc.).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Bandeira da Antígua	10
Figura 2: Mapa das ilhas de Antígua e Barbuda	10
Figura 3: Mapa da ilha de Antígua	10
Figura 4: Capa do livro <i>Annie John</i>	23
Figura 5: Capa do livro <i>Lucy</i>	48
Figura 6: Capa do livro <i>The Autobiography of My Mother</i>	72
Figura 7: Foto da escritora Jamaica Kincaid	98
Figura 8: Desenho de Kincaid menina	98
Figura 9: Desenho de Kincaid adulta	98
Figura 10: Foto da capital Saint John's	132

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
Introdução	09
Capítulo I: A Rebeldia de Annie como forma de Libertação	22
1.1 <i>Annie John</i> enquanto Romance de (Trans)formação: a construção de uma identidade	25
1.2 Annie-mãe e Annie-filha: um jogo de amor e ódio	29
1.3 A Escola: um espaço de dominação ou libertação?	35
1.4 Annie em busca de liberdade	39
Capítulo II: A Migração de Lucy como um caminho para a Libertação	47
2.1 <i>Lucy</i> : um romance de migração	50
2.2 Relação Mãe-Filha: a busca por uma identidade própria	55
2.3 A Sexualidade em Lucy: uma prova de poder	60
2.4 O amadurecimento de Lucy através da diáspora	65
Capítulo III: Xuela e a Liberdade conquistada através da Memória	71
3.1 Um romance de memória: Xuela e a desconstrução do presente através da re-visão do passado	75
3.2 Os Laços de Sangue de Xuela: PaiXMãe	81
3.3 A Sexualidade em Xuela: uma forma de Descolonização do corpo e da alma	86
3.4 A Construção da Identidade de Xuela: entre vencedores e vencidos	91
Capítulo IV: Questões de Sexualidade, Identidade e Poder em <i>Annie John</i>, <i>Lucy</i> e <i>The Autobiography of My Mother</i>	97
4.1 Formação – Migração – Memória: uma trilogia temática	101
4.2 As tensões familiares e o processo de identificação das personagens	106
4.3 O Poder da Sexualidade como forma de resistência: desconstruindo Valores	113
4.4 A Pós-colonialidade das protagonistas Annie, Lucy e Xuela	120
4.5 A Escrita Kincaidiana e o Entrelaçamento entre Feminismo e Pós-colonialismo: a identidade vista através da diferença	127
Considerações Finais	131
Referências Bibliográficas	142

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar os romances *Annie John* (1985), *Lucy* (1990) e *The Autobiography of My Mother* (1996); a fim de compreender as representações femininas e pós-coloniais que são desenvolvidas na obra da escritora caribenha Jamaica Kincaid. Entramos em contato com personagens (Annie, Lucy e Xuela) que se encontram num processo contínuo de aprendizagem em relação ao mundo, o entendimento desse processo passa pelo aprofundamento da relação mãe-filha/nação-indivíduo. Para tanto abordamos questões como a experiência diaspórica, a memória, o poder da sexualidade, o desenvolvimento da identidade, a internalização de valores; para isso utilizamos como arcabouço teórico autores como Stuart Hall, Roland Walter, Simone de Beauvoir, Carole B. Davies, entre outros.

Palavras-chave: representação feminina, representação pós-colonial, diáspora, memória, literatura caribenha.

ABSTRACT

The purpose of this work is to analyze the novels *Annie John* (1986), *Lucy* (1990) and *The Autobiography of My Mother* (1996); this analysis intends to understand the women and post-colonial representations that are developed in the work of the Caribbean writer Jamaica Kincaid. We come into contact with characters (Annie, Lucy and Xuela) that are in a continuous process of learning in relation to the world, the understanding of this process is replaced by deepening the mother-daughter/motherland-individual relationship. To accomplish that we approach some issues such as the diasporic experience, the memory, the power of sexuality, the development of identity, the internalization of values; we have used as theoretical framework authors such as Stuart Hall, Roland Walter, Simone de Beauvoir, Carole B. Davies, among others.

Keywords: women's representation, post-colonial representation, diaspora, memory, Caribbean literature.

INTRODUÇÃO

“Nada que valha alguma coisa pode vir de um ser desunido.” (Katherine Mansfield)



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Este trabalho consiste na análise de alguns dos romances da escritora caribenha Jamaica Kincaid. Através da análise da trilogia *Annie John* (1986), *Lucy* (1990) e *The Autobiography of My Mother* (1996) temos o objetivo de nos aprofundar acerca da temática do feminismo e do pós-colonialismo levando em consideração o caminho trilhado por Kincaid em sua escrita. Os romances apresentam protagonistas que se deparam com situações que envolvem o processo diaspórico e o desenvolvimento da identidade, e por isso são importantes para a compreensão acerca das representações feminina e pós-colonial desenvolvidas ao longo do processo narrativo na obra kincaidiana; refletiremos também sobre como essas representações agem nas personagens e qual o caminho a ser percorrido para que Annie, Lucy e Xuela tornem-se agentes na busca por um caminho que as leve a liberdade do corpo, da mente, da alma e do destino.

A partir da década de 60 novas tendências relacionadas ao estudo do texto literário foram surgindo com o intuito de atender ao caráter dinâmico que a obra literária apresentava; é nesse contexto que teorias relacionadas ao feminismo e pós-colonialismo tomaram corpo. Nesse momento a obra literária começou a ser utilizada como objeto de estudo social, porque, como afirma Moser, “em nossas práticas sociais, a literatura existe e ocupa um espaço que não deve ser negligenciado” (in MARTINS, 1999, p. 30). É graças a essa mudança de paradigmas em relação ao texto literário que escritores até então considerados marginais, que escrevem sobre temáticas voltadas às ‘minorias’ – como Jamaica Kincaid – passam a ser estudados pela crítica literária, provando que com o advento dos Estudos Culturais surge um caminho novo para os estudos voltados para a literatura¹.

Nascida na capital Saint John’s, na Antígua² e vivendo desde a adolescência nos Estados Unidos Elaine Potter Richardson³ personifica muitos dos dilemas do

¹ Esse novo cenário pode ser explicado se levarmos em consideração que com o advento dos Estudos Culturais há o surgimento de um “cenário de mudança da posição do sujeito e do objeto, fragmentado, dividido, descentrado, onde o que era periférico torna-se central” (MARTINS, 1999, p. 33), ou seja, é graças a esse descentramento proposto pelos Estudos Culturais que o estudo do texto literário abre as portas para mais possibilidades.

² Localizada ao leste da América Central, no mar do Caribe, a ilha de Antígua é a maior e mais importante em relação às outras duas (Redonda e Barbuda) que formam o país. Foi colonizada por britânicos e só tornou-se independente em 1981; tendo mais de 90% da população formada por afro-caribenhos tem como principal atividade o turismo, que emprega pelo menos 50% do povo, a outra parte vive principalmente da agricultura e pecuária.

³ Jamaica Kincaid nasceu como Elaine Potter Richardson em 1949. Ela nunca conheceu o pai (o taxista Roderick Potter) e foi criada por sua mãe Annie Richardson Drew (natural da Dominica) e seu

indivíduo pós-moderno. A mudança de seu nome para Jamaica Kincaid pode ser encarada como seu primeiro ato de subversão⁴; para entender essa decisão devemos pensar em três aspectos:

First, it established a distance between her and her family, giving her the anonymity needed to adopt intensely personal material for her writing (such as the recurring theme of the love – hate relationship between mother and daughter). Second, her chosen name identified her with a specific region of the Americas – a region marked by exploitation and the violent history of slavery (another important theme in her writing). Third, it marked a transformation from an old self to a new identity (a theme that is explored in all of her novels).⁵ (EDWARDS, 2007, p. 15)

Como podemos ver os três aspectos que levam Kincaid a escolher seu novo nome têm a ver também com as temáticas abordadas por ela em suas obras, o que demonstra claramente que suas ações e sua escrita estão entrelaçadas pelos mesmos conflitos, desejos e necessidades. Essa mudança de nome ocorre em 1973, abrindo o caminho para que Kincaid começasse sua carreira como escritora⁶; essa postura não significa que a escritora caribenha negue suas raízes (com a família e a terra natal), mas indica a decisão dela de criar uma nova identidade que leve em conta todas as experiências vividas por Elaine no passado e toda a vivência de Jamaica no presente.

Nutrimos um interesse antigo na observação da construção das representações femininas em nossa sociedade, por entendermos que apesar dos avanços e conquistas as práticas sociais continuam relegando à mulher um papel

padrasto, David Drew. Até os nove anos era filha única, desfrutando de uma vida confortável; com o nascimento dos três irmãos Elaine passa por certas dificuldades, tanto no lado financeiro como principalmente pela atenção que deixa de receber da mãe e do padrasto, que passam a se preocupar mais com os meninos.

⁴ Já que a mudança para os Estados Unidos foi uma escolha da mãe para que Elaine (então com dezessete anos) estudasse e se tornasse uma enfermeira, quando resolve mudar de nome para seguir a carreira de escritora Kincaid começa a fazer suas próprias escolhas, afastando-se do caminho que a mãe escolheu para ela.

⁵ Todas as traduções feitas nesse trabalho são de nossa responsabilidade: “Primeiro, isso estabeleceu uma distância entre ela e sua família, dando a ela o anonimato necessário para adotar material intensamente pessoal para a escrita dela (como o tema recorrente do amor – relação de ódio entre mãe e filha). Segundo, o nome escolhido por ela a identificou com uma região específica das Américas – uma região marcada pela exploração e a violenta história da escravidão (outro tema importante na escrita dela). Terceiro, isso marcou uma transformação do eu antigo para uma nova identidade (um tema que é explorado em todos os seus romances).”

⁶ Nos três anos seguintes Kincaid trabalha como escritora independente e a partir de 1976 ela passa a fazer parte do quadro de colunistas da revista *New Yorker*.

secundário na história. A partir da leitura de textos da escritora Jamaica Kincaid somou-se a esse interesse o desejo em aprofundar os traços pós-coloniais presentes em sua obra, afinal, toda forma de subordinação e opressão é uma forma de colonialidade, o que significa dizer que os discursos patriarcal e colonial têm a mesma essência e, conseqüentemente, cumprem o mesmo papel⁷.

Para entender melhor a obra de Kincaid é preciso levar em consideração sua característica autobiográfica⁸. Várias passagens de seus romances dizem respeito a fatos ocorridos com a escritora entre a infância e adolescência (bem como histórias de seus ancestrais), e podem ser explicadas como sendo o caminho trilhado por Kincaid para a formação de sua identidade; é basicamente uma forma de lidar com as questões que desde sempre a incomodaram a fim de descobrir quem realmente ela é. Esses elementos autobiográficos que são encontrados com tanta frequência em sua obra funcionam como uma forma de salvação, como ela mesma afirma: “*If I hadn’t become a writer I don’t know what would have happened to me: that was a kind of self rescuing.*”⁹ As tensões vividas entre a infância e juventude são cruciais para compreendermos sua obra. Entre estas tensões destacam-se a relação mãe-filha¹⁰, que, por sua vez, está conectada com outras questões (nação, gênero, raça, colonialismo e suas conseqüências, etc.). Davies afirma que

*The autobiographical subjectivity of Black women is one of the ways in which speech is articulated and geography redefined (...). The mystified notions of home and family are removed from their romantic, idealized moorings, to speak of pain, movement, difficult, learning and love in complex ways.*¹¹ (1994, p. 21)

⁷ Os discursos patriarcal e colonial revelam a importância da internalização dos valores propagados por eles; é através dessa internalização (aprendida em casa, na escola e em outras esferas) que os indivíduos desenvolvem o sentimento de que são superiores (homem, branco, heterossexual, colonizador, rico) ou inferiores (negro, mulher, homossexual, colonizado, pobre) e por isso precisam tratar-se de maneira distinta; nesse contexto a subalternidade (SPIVAK, 1988) acaba estendendo-se a qualquer sujeito que não se enquadre nas características do centro, tornando-se assim um sujeito marginal.

⁸ Para Lejeune (1975) a autobiografia se caracteriza pela identidade entre narrador e autor; quando afirmamos que Kincaid assume em sua obra um perfil autobiográfico nos referimos exatamente a essa relação íntima entre suas experiências pessoais e a história de suas personagens.

⁹ “Se eu não tivesse me tornado uma escritora eu não sei o que teria acontecido comigo: era uma forma de autorresgate.”

¹⁰ Como veremos adiante a relação mãe-filha se equipara a relação nação-indivíduo.

¹¹ “A subjetividade autobiográfica das mulheres negras é um dos caminhos em que o discurso é articulado e a geografia redefinida (...). As noções mitificadas de casa e da família são removidas das suas amarrações românticas, idealizadas, para falar de dor, de movimento, de aprendizagem difícil e amor em maneiras complexas.”

A relação de Kincaid com suas raízes é bastante forte e transparece inúmeras vezes em sua obra, entrelaçando o amor por suas raízes com uma postura crítica em relação ao que acontece à sua terra e ao seu povo; a escritora trabalha a partir de um espaço de rememoração¹², e por essa razão as personagens kincaidianas analisadas não encontram espaço para romantização de suas histórias¹³. É através desse discurso subjetivo que Kincaid constrói suas narrativas, permitindo que seu material pessoal faça parte de seus livros. Kincaid só começa a escrever quando já se encontra nos Estados Unidos, para onde se muda aos dezessete anos¹⁴. Por essa razão ela apresenta uma visão diferenciada que pode ser considerada uma visão privilegiada do mundo a sua volta: “*Jamaica Kincaid’s work deals solidly with the Caribbean working-class*” ao mesmo tempo que lida com “*the interaction with both British colonialism and American imperialism*”¹⁵ (DAVIES, 1994, p. 116). Ao escrever Kincaid deixa suas impressões acerca da colonização de sua terra e a ideia de que a domesticação sempre colocará alguns acima dos outros. O afastamento de casa faz com que Kincaid tenha uma visão que não se restringe ao ato de olhar de dentro para fora, mas também de olhar de fora para dentro.

A escolha dos romances que farão parte desse trabalho se deu pelo fascínio que eles provocaram durante nossa leitura, sendo resultado de uma prosa envolvente e um estilo direto. Além disso, percebemos que a forma como as narrativas de *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* são desenvolvidas caracteriza esses romances como sendo uma trilogia, que se afasta do modelo de trilogia tradicional já que temos protagonistas diferentes; apesar de apresentar personagens diferentes elas vivem experiências essencialmente parecidas, o que nos permite afirmar que esses romances apresentam uma mesma rede de temáticas.

¹² Como afirma Bhabha (1998) o processo de rememoração é importante para que o indivíduo possa construir sua identidade através da evocação do passado; o papel da memória é, pois, dar suporte às identidades pessoais e coletivas, afinal como nos diz Halbwachs (1990) a memória sempre tem um caráter social.

¹³ Diferentemente de outras ocasiões em que as mulheres eram descritas como frágeis, os romances apresentados nesse trabalho trazem personagens que desenvolvem uma identidade livre graças à busca delas em descolonizar seus corpos e mentes; com essa postura elas afastam-se da figura da mulher vista como inalcançável, frágil ou incapaz.

¹⁴ Desde que começou a escrever se destacou e ganhou prêmios como *The Morton Darwen Zabel Award of the Academy of Arts and Letters* (1983), *the Anisfield-Wolf Book Awards* (1997), *the Lannan Literary Award for Fiction* (1999) e *Le Prix Femina Étranger* (2000).

¹⁵ “O trabalho de Jamaica Kincaid lida solidamente com a classe trabalhadora caribenha” e “a interação entre ambos o colonialismo britânico e o imperialismo americano”

Nosso trabalho está disposto em quatro capítulos. Os três primeiros capítulos dizem respeito à análise dos romances kincaidianos separadamente. O primeiro a ser analisado é o romance *Annie John*, o capítulo é intitulado **A Rebelião de Annie como forma de Libertação**, nele buscaremos apreender o caminho trilhado pela protagonista Annie, que a levará para longe de sua mãe e de sua terra natal. A narrativa é direcionada pela presença da mãe e a influência que ela tem para com a protagonista; o relacionamento entre ambas sofre um grande abalo quando Annie torna-se uma adolescente e a partir daí a personagem passa a sentir a necessidade de se rebelar contra a mãe, suscitando a antiga questão acerca do processo de modelação na criança, ou seja, se antes a personagem tinha orgulho da mãe ela passa a tomar atitudes que contrariam todos os ensinamentos maternos porque decide afastar-se do modelo representado por ela.

Nesse capítulo abordaremos a forma como a identidade da personagem Annie foi sendo desenvolvida graças ao processo de aprendizagem no qual ela participa. Podemos afirmar que entre os três romances escolhidos para análise esse é aquele que indica com mais força o jogo que se estabelece na relação entre mãe e filha, ao mesmo tempo em que Annie nutre um amor imenso pela mãe ela passa a se sentir desprezada e por isso passa a ter sentimentos de raiva e ódio; esse conflito é intensificado pelo fato de que essa personagem ainda é uma criança e por essa razão sua ligação com a mãe é ainda mais forte. É também por conta da idade da personagem que o romance não apresenta a interação dela com seres do sexo masculino, apesar de perceber as diferenças entre o tratamento entre meninos e meninas e não ter interesse em seguir os passos da mãe (casamento) Annie não tem nenhuma experiência de cunho sexual. A escola é outro fator que se torna importante para essa narrativa porque assim como na educação familiar a escola é uma instituição de ensinamento e internalização de valores; da mesma forma que Annie desafia o poder da mãe ela também o faz em relação ao poder da professora e, conseqüentemente, da escola.

O segundo capítulo recebeu o título **A Migração de Lucy como uma forma de Libertação** e o foco da narrativa apresenta-se na experiência diáspórica¹⁶ da protagonista do romance *Lucy*, que assim como Annie, resolve sair de casa para

¹⁶ O conceito de diáspora utilizado nesse trabalho diz respeito ao conceito trabalhado por Stuart Hall (2003), para o autor a diáspora se caracteriza por ter um núcleo que é imutável e atemporal, nesse processo passado e presente estão conectados por uma linha ininterrupta que envolve o sujeito.

afastar-se da mãe e de tudo que ela representa. Nesse caso vemos que a protagonista já se encontra em seu novo lar (Estados Unidos) e o contato de Lucy com a mãe se dá somente através das memórias que ela nutre, nelas Lucy deixa bem claro que a mãe buscava desenvolver nela uma espécie de cópia e é essa a razão para que a personagem saia de casa, para buscar um novo caminho.

A nosso ver o romance *Lucy* é um romance de migração porque revela e problematiza as experiências do sujeito que se encontra fora de sua terra natal. Vemos que a personagem se encontra numa situação conflituosa: ao mesmo tempo em que sente falta de casa e do calor que ela emana Lucy tem a certeza de que não pode voltar para lá, que deve construir sua nova vida nesse novo lar – Estados Unidos – apesar do frio que sente e de todas as decepções que venha a ter. A relação mãe-filha que era caracterizada por amor e ódio na personagem Annie, aqui continua sendo problematizadora, mas passa a ser uma relação que envolve saudade e ressentimento; apesar de Lucy sentir a falta de sua mãe ela não consegue esquecer a traição dela para com seu futuro e isso as afasta de uma forma tal que nem as cartas enviadas pela mãe são lidas. Outro ponto importante na narrativa diz respeito aos relacionamentos entre Lucy e os homens; a personagens tem alguns parceiros sexuais ao longo da narrativa, e neles busca satisfazer suas necessidades físicas, entretanto nenhum deles é levado muito a sério por Lucy, que vê a relação homem-mulher como algo aprisionante, assim como a relação entre seus pais. Com o intuito de não repetir a história da mãe Lucy decide não ter um envolvimento sério com nenhum homem. A sexualidade em Lucy aparece como forma de poder e a personagem usa esse poder para ser dona de si, livre para sentir o que deseja sentir e viver da forma que quer viver.

Ao analisarmos o romance *The Autobiography of My Mother* no terceiro capítulo (intitulado **Xuela e a Liberdade conquistada através da Memória**) nos depararemos com uma personagem que, diferentemente das outras duas analisadas não conheceu a mãe e também nunca saiu do país de origem, e que durante toda a narrativa se prende à memória com o objetivo de recuperar o passado e (re)conhecer a si mesma. O fato marcante aqui é justamente a perda da mãe e como esse episódio influenciará Xuela durante toda sua vida. Desde o começo da narrativa a personagem deixa claro que o papel que seu pai exerce é o de uma vítima algoz; vítima porque ele faz parte do povo explorado através da colonização

(representando o laço dele com a mãe), e algoz porque escolhe tornar-se um dos dominadores (representando seu laço com o pai).

Exatamente pela importância da memória para o desenvolvimento da identidade da personagem que o consideramos como um romance memorialista. A trajetória de Xuela é marcada pela perda da mãe (e também da terra natal) e suas consequências; sendo preterida pelo pai (que só se importa com o poder) e sentindo o ódio da madrasta (que a vê como uma inimiga) a personagem desse romance precisa aprender a ser autossuficiente e para isso ela recorre ao conforto de lembrar-se da mãe, mesmo sem tê-la conhecido. No caso de *The Autobiography of My Mother* os laços de sangue que são analisados pela personagem envolvem também o pai, porque Xuela o enxerga de maneira diferente das outras personagens analisadas nos capítulos um e dois. Da mesma forma que em *Lucy* esse romance levanta a questão de que a sexualidade é uma arma importante para descolonizar o corpo e a mente e por isso Xuela também relembra alguns de seus envolvimento sexuais; acreditamos que dado o amadurecimento dessa personagem ela foi capaz de casar-se mesmo sem deixar de lado suas convicções. Durante todo o romance vemos que Xuela sempre se refere às pessoas dividindo-as entre vencedores e vencidos; essa é, aliás, a mesma divisão que acontece entre seu pai (vencedor) e sua mãe (vencida).

O último capítulo é a consonância das análises feitas anteriormente e recebe o título **Questões de Sexualidade, Identidade e Poder nos romances *Annie John, Lucy e The Autobiography of My Mother***, nele desenvolvemos uma análise comparativa entre os três romances com o objetivo de levantar as principais características que aproximam as protagonistas. Apesar de serem personagens diferentes, com idades diferentes, com experiências e expectativas próprias Annie, Lucy e Xuela têm muito em comum, a começar pelos conflitos que enfrentam durante o processo de identificação e pelas escolhas feitas ao longo da narrativa.

Começaremos o capítulo levantando a questão da trilogia formada por esses romances; nesse momento explicaremos a conexão existente entre a rebeldia de Annie, a migração de Lucy e a memória de Xuela. Além dessa espécie de fio condutor que transparece nas obras abordaremos as questões que aproximam essas três narrativas; começando pela forma como as tensões familiares tomam corpo e influenciam ativamente a vida das personagens, seja através da presença

da mãe (*Annie John* e *Lucy*), seja pela ausência dela (*The Autobiography of My Mother*) as personagens vivenciam inúmeros conflitos, que vão desde a forma como são tratadas enquanto mulheres até a maneira como são vistas enquanto caribenhas. Uma das formas encontradas por Lucy e Xuela de assumir a responsabilidade de seus corpos e mentes é através do uso consciente de suas sexualidades, ou seja, deixando de lado os tabus que durante tanto tempo ‘domesticaram’ as mulheres. Através da análise feita durante esse trabalho perceberemos o quanto a escrita de Kincaid se aproxima da situação pós-colonial da escritora, que vivenciou a experiência da educação britânica e parte para os Estados Unidos com o intuito de buscar novas oportunidades e de afastar-se do jugo patriarcal e colonial¹⁷, criando uma identidade própria que não deixa de lado seu passado e suas raízes.

Walter afirma que a imitação dos valores da cultura dominante é uma peça-chave para entendermos a conexão entre o colonizador e o colonizado, segundo ele

Um dos traços marcantes da escrita kincaidiana é essa revelação e problematização impiedosa da mímica – a imitação de valores da cultura dominante dentro de uma ordem social hierárquica e racista implantada nos tempos coloniais – que cria esta máscara impregnada de ódio por si mesmo. (2009, p. 172)

Nos romances analisados nesse trabalho problematizaremos por inúmeras vezes esse ato de imitação. Em *Annie John* a cena mais clara dessa resistência à ideologia dominante se dá na escola, porque lá Annie entra em contato com o ensino da história através da óptica do colonizador; no caso de *Lucy* a personagem entra em choque com a realidade dos patrões e de seus amigos, que não percebem o quanto suas ações (enquanto povo colonizador) interferiram na vida de seu povo; por fim Xuela critica em *The Autobiography of My Mother* a postura algoz do pai, que prefere ficar do lado dos ‘vencedores’ em vez de ficar do lado de seu próprio povo.

O caminho para a análise desses três romances nos leva ao papel da família e a forma como a sociedade se mostra para as personagens. A relação com a família pode ser verificada em diversos momentos nos três romances destacados, e

¹⁷ Há de se levar em consideração que a situação da mulher no ambiente colonial é ainda mais opressora do que em outros lugares, já que nesse lugar a mulher é duplamente subjugada – por ser mulher e por ser colonizada (no caso de Kincaid, existe ainda outro atenuante: sua condição de negra).

a partir da forma como as personagens apreendem o universo das relações humanas podemos destacar o que Justin Edwards afirmou sobre a obra de Jamaica Kincaid; para ele há “two of the central themes in her fiction: the inequality of gender relations and the aftermath of colonization”¹⁸ (2007, p. 3). Vemos nesses romances o ponto-chave para entender o Feminismo Pós-colonialista de Jamaica Kincaid porque se “Kincaid’s *Annie John* and its ‘sequel’ of sorts, *Lucy*, use the ambivalent relationship between a West Indian girl and her mother as a metaphor on what it means to be a West Indian Women”¹⁹ (EDMONDSON, 1999, p. 3), já “Xuela estabelece uma ordem sensual de saber que tem como alvo a descolonização de sua mente e de seu corpo.” (WALTER, 2009, p. 173) É partindo do pressuposto que a relação entre mãe e filha está conectada com questões referentes à pátria, poder, sexualidade que traçaremos o perfil dessas três protagonistas²⁰, levantando a reflexão sobre como o universo familiar participa na construção da identidade e como Kincaid utiliza uma perspectiva subjetiva e profunda não só na problematização da condição feminina em relação à forma como a exclusão e opressão sociais se apresentam nas relações de gênero; como também na problematização da condição do indivíduo pós-colonial, marginalizado pela cultura colonial e por seus efeitos devastadores.

Nesses romances há um movimento em comum que diz respeito ao fato de que as protagonistas são mulheres e são elas mesmas que assumem a voz e narram suas próprias histórias. Para Frye (1986) esse já é um ato subversivo porque a mulher deixa de ser o objeto narrado (como outrora) e passa a ser o agente narrador. Acreditamos que as protagonistas kincaidianas assumem uma atitude ainda mais subversiva pela forma como encaram as ‘verdades’ enraizadas ao seu redor; além disso as personagens Annie, Lucy e Xuela carregam inúmeras questões ligadas à identidade delas que são desenvolvidas durante a narrativa. A postura ativa das personagens não diz respeito apenas pelo fato que elas próprias narram suas histórias mas principalmente por que elas vivem suas histórias demonstrando

¹⁸ “dois dos temas centrais da obra dela: a desigualdade na relação de gênero e as consequências da colonização”

¹⁹ “Annie John de Kincaid e sua ‘sequência’, Lucy, usam a relação ambivalente entre a garota da Índia Ocidental e a mãe dela como uma metáfora sobre o que significa ser uma mulher da Índia Ocidental”

²⁰ Levamos em consideração para a escolha dos romances: a presença da mãe (*Annie John*), a ausência da mãe provocada pelo deslocamento físico da personagem (*Lucy*) e a ausência física da mãe provocada por sua morte (*The Autobiography of My Mother*).

força e coragem; nesse caso a escolha de Jamaica Kincaid em utilizar em seus romances protagonistas mulheres indica claramente o desejo em dar-lhes voz, esse protagonismo vem com o objetivo de criticar o sistema vigente em todas as esferas (familiar, escolar, etc.)²¹. Após assumir uma atitude rebelativa em relação à mãe e à escola Annie sai de casa em busca de liberdade; é o mesmo que acontece com Lucy, que passa a experimentar a vida longe de casa e fazer suas próprias escolhas; por fim temos Xuela que além de ter consciência de seu direito em escolher seu caminho sabe de sua responsabilidade (razão pela qual escolhe fazer um aborto).

Kincaid aborda em suas obras um ambiente transculturalista; nele Annie, Lucy e Xuela são moldadas para desenvolver suas identidades confrontando a opressão patriarcal e colonial com o intuito de criar uma identidade independente, libertadora, plural e fragmentada que dê conta de desconstruir o conceito dualista de outrora e (re)construir uma nova subjetividade com múltiplas determinações. Através do arcabouço teórico a ser utilizado pretendemos compreender a obra kincaidiana levando em consideração o afastamento que ela promove frente à 'mascarização'²² promovida pelo contexto colonial. Os textos analisados promovem uma desconstrução da imagem dos conquistadores, problematizando o ato de imitar a cultura do colonizador, deixando a sua própria de lado; e levanta questões sobre o processo de desenvolvimento da identidade a partir da aprendizagem do indivíduo, de suas experiências (pessoais e coletivas) e de suas escolhas. Nesse contexto encaramos a rebeldia de Annie, a migração de Lucy e a memória de Xuela como peças fundamentais para o reconhecimento das personagens como sujeitos livres e com uma identidade descolonizada.

Os textos teóricos promoverão, portanto, uma espécie de contextualização necessária para que sejamos capazes de repensar questões como o papel da mulher na sociedade, a sexualidade feminina como forma de tabu, a diáspora

²¹ A escrita de Kincaid reflete a necessidade da escritora em buscar seu próprio espaço, utilizando sua própria voz para dar voz às minorias da qual ela mesma faz parte.

²² Nos referimos aqui ao ato de usar máscaras.

enquanto ato simbólico, a importância da memória como parte definidora de nosso presente; enfim traçaremos a descentralização e a desconstrução²³ presentes nos romances de Kincaid como um esboço do ato descentralizador e desconstrutor dos discursos hegemônicos (patriarcal e colonial), que perdem cada vez mais espaço para os discursos de resistência.

Começaremos então nossa reflexão sobre as características feministas e pós-colonialistas das personagens Annie, Lucy e Xuela para que a partir dessa reflexão sejamos capazes de compreender o lugar transgressor que essas personagens vivenciam ao longo da narrativa, lugar que Jamaica Kincaid encontrou para conectar seu passado e seu presente, suas raízes e suas escolhas; passaremos então a analisar um outro universo, um terceiro espaço formado pelas inquietações e conflitos da autora, mas formado também por sua identidade.

²³ Termo cunhado primeiramente por Derrida, desconstruir indica a postura de desmembrar as estruturas até então vigentes a fim reconstruí-las.

Capítulo I:

A Rebeldia de Annie como forma de Libertação

“Só conhecemos aqueles que nos fazem sofrer.” (Johann Goethe)

"Coming of age in Antigua—so touching and familiar...
it could be happening to any of us, anywhere, any time, any place."
—NEW YORK TIMES BOOK REVIEW



Annie John



BY

JAMAICA KINCAID

Figura 4

1. A Rebeldia de Annie como forma de Libertação

Ao entender a identidade como algo móvel e socialmente produzido, ou seja, como “algo formado ao longo do tempo, através de processo inconsciente, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38) vemos que as experiências internalizadas durante toda a vida têm um papel indispensável para a (a)firmiação de nossas identidades; pelo fato de nossa identidade ser tão fragmentada podemos considerá-la uma ‘colcha de retalhos’ em que cada pedaço representa uma parte significativa para o todo. No romance *Annie John* (1985) encontramos o olhar de uma menina que é interpelada por várias situações e que passa a observar a sociedade a sua volta (em especial nas esferas familiar e escolar) e com isso apreende sua realidade como sendo algo predominantemente envolta de exploração e subordinação.

Neste capítulo analisaremos o romance *Annie John* observando como as tensões (familiares e sociais) são desenvolvidas na narrativa e como elas são importantes para a construção da identidade de Annie, a protagonista da história; é através de seus pensamentos e atos rebeldes que a personagem demonstra o desejo genuíno de ser livre. Como resultado da busca de Annie por liberdade a personagem passa a assumir uma postura diferenciada na narrativa, que a levará à reflexão sobre seu próprio eu; sua postura rebelde revela ainda seu desejo de se separar dos paradigmas dos discursos hegemônicos que a colocam – centralizados na figura da mãe – numa posição de inferioridade enquanto mulher, e – em relação a uma antiguana – a posição é de subordinação em relação ao colonizador branco, seus costumes e sua cultura²⁴.

Este romance trata da infância da própria Annie, que é a narradora da história. Num primeiro momento a personagem apresenta ao leitor um ambiente harmonioso onde encontramos uma família aparentemente feliz e bem estruturada:

²⁴ As reflexões de Annie remetem a busca por uma consciência que se afaste dos conceitos institucionalizados pela História Oficial; essa personagem percebe que a escola em que estuda não se interessa em mostrar para os alunos as crueldades e selvagerias oriundas do processo de colonização.

o pai é o provedor da família, trabalhando durante muitas horas por dia; a mãe é uma típica dona de casa, carinhosa e cuidadosa com a filha; por fim Annie, enquanto filha única, é tratada com mimos e possui uma relação amorosa com a mãe. Esse cenário logo será substituído pelo sofrimento e revolta de Annie em relação à rejeição materna, que aparece a partir do momento que Annie começa a crescer.

A partir dessa nova realidade Annie revelar-se-á em um processo contínuo de aprendizado e desenvolvimento pessoal, sendo capaz de criticar não só a postura da mãe, como também o próprio sistema escolar e, num cenário mais amplo, o sistema social. A rebeldia da personagem surge exatamente como desdobramento de um processo de entendimento acerca das coisas da vida, e também como forma de resistência ao sistema social com o objetivo de descobrir a si mesma e afastar-se de toda a opressão envolta nas relações sociais. Pelo fato de o romance em questão abordar esse processo de aprendizagem ele é considerado um *Bildungsroman*.

1.1 Annie John enquanto Romance de (Trans)Formação: a construção de uma identidade

O termo *Bildungsroman* vem do alemão e significa ‘romance formativo’ ou ‘romance de formação’²⁵ e surgiu como forma de conceitualizar alguns textos da literatura alemã do século XIX, passando a ser utilizado para explicar os textos levando em consideração o caminho percorrido pelo personagem – que é jovem – durante a narração, com o intuito de desnudar seu amadurecimento nas mais diversas áreas (físico, psicológico, emocional) através do aprendizado construído durante sua caminhada. Segundo Luísa Flora²⁶

²⁵ Em inglês o termo correspondente seria ‘*coming-of-age*’.

²⁶ Texto publicado no site <http://www.edtl.com.pt>, acesso em 05/03/2011.

Ao centrar o processo de desenvolvimento interior do protagonista no confronto com acontecimentos que lhe são exteriores, ao tematizar o conflito entre o eu e o mundo, o *Bildungsroman* dá voz ao individualismo, ao primado da subjectividade e da vida privada perante a consolidação da sociedade burguesa.

O romance de formação acaba por trazer um aspecto mais individualista à obra, focando nas características e situações preponderantes para que a personagem tenha em seu caminho a oportunidade de crescimento pessoal. O romance de formação representa, portanto, uma tentativa de refletir sobre o amadurecimento do ser humano a partir das circunstâncias da vida do protagonista. Existe um processo de articulação na narrativa que leva ao amadurecimento da personagem principal; no caso desse romance o amadurecimento se desenvolve durante parte da infância e por quase toda a adolescência de Annie, momento em que os valores estão sendo transmitidos por meio da família e da escola (essa é uma das razões para que este romance seja caracterizado como um romance de formação); nesse caso temos “*a coming-of-age novel about the discovery of the self that recounts the process of individual development and learning about the world.*”²⁷ (EDWARDS, 2007, p. 42) Por essa razão temos uma narrativa tão focada em Annie, explicada não só pelo fato de ela mesma contar sua história, mas também porque o relato mostra as diversas experiências vivenciadas pela personagem, bem como as mudanças que passam a fazer parte de sua vida e, que conseqüentemente são responsáveis pelo desenvolvimento pessoal característico do romance de formação.

Jamaica Kincaid escreve seus livros utilizando como ingrediente especial suas próprias experiências, demonstrando que o passado é um elemento inseparável para a vivência do presente e a construção do futuro. No caso do romance a ser analisado durante este capítulo encontramos uma personagem que busca insistentemente uma identidade que seja independente da de sua mãe – que antes era sua heroína – que se tornou, com a entrada de Annie para a adolescência, sua grande inimiga. Annie também se afasta do caminho trilhado pela sociedade, mostrando consciência de que as intervenções do colonizador acabam fazendo parte da construção da identidade dos colonizados; com suas reflexões acerca do

²⁷ “um romance de formação sobre a descoberta de si mesmo que relata o processo do desenvolvimento pessoal e o aprendizado acerca do mundo.”

tema a personagem assume uma postura articuladora a fim de construir sua própria identidade.

Se olharmos para o intimismo presente no romance kincaidiano perceberemos que ele tem características que de fato o aproximam do *Bildungsroman*: temos uma personagem que é muito jovem e a narrativa se desenrola durante o processo de autoconhecimento da mesma; além disso o contato da personagem com a família (principalmente a mãe) e sua vivência na escola são peças fundamentais para o amadurecimento da mesma. Veremos que os oito capítulos que formam a narrativa²⁸ mostram o caminho que é desvendado por Annie durante esse processo de aprendizado e desenvolvimento pessoais; já no início do romance nossa personagem faz reflexões profundas acerca da morte: “*I was afraid of the dead, as was everyone I knew. We were afraid of the dead because we never could tell when they might show up again*”²⁹ (KINCAID, 1985, p. 4) demonstrando ao mesmo tempo medo pelo desconhecido e curiosidade sobre o fato, essas são demonstrações claras que a personagem está num momento de descobertas importantes para sua formação.

Apesar de tantas semelhanças é possível apontar alguns pontos interessantes que demonstram as adaptações promovidas pela autora no sentido de incluir um universo novo e diferente do vivido no século XIX. Em primeiro lugar temos como protagonista uma mulher, o que até então não era possível por conta das restrições em relação ao sexo feminino; nesse caso Annie representa uma mudança significativa porque demonstra que mesmo que haja algum tipo de restrição na educação da mulher ela também passa pelo processo (re)conhecimento do mundo ao seu redor. É preciso entender que o contexto sócio-histórico do século XIX ainda era muito discriminador em relação à posição que a mulher ocupava na sociedade, assim como Nísia Floresta afirma aos olhos da sociedade da época: “somos semelhante à Lua, que obstante por si mesma, não brilha senão por uma luz emprestada...” (1989, p. 45) neste ambiente em que a mulher necessita sempre de uma ‘bengala’ ou ‘luz exterior’ para que possa apoiá-la em sua jornada seu lugar sempre será de coadjuvante. Além disso, os poucos romances considerados de

²⁸ Os títulos dos capítulos em ordem são: *Figures in the Distance*; *The Circling Hand*; *Gwen*; *The Red Girl*; *Columbus in Chains*; *Somewhere, Belgium*; *The Long Rain*; *A Walk to the Jetty*.

²⁹ “eu tinha medo da morte, como todo mundo que eu conhecia. Nós tínhamos medo da morte porque nós nunca conseguíamos dizer quando eles podem aparecer novamente”

formação com protagonistas mulheres costumavam focar o casamento e a maternidade – considerados o caminho ‘natural’ da mulher; a personagem Annie, por outro lado, se afasta deste caminho³⁰, faz suas próprias escolhas e tenta traçar um caminho próprio que a leve para um patamar de liberdade.

Em segundo lugar vemos na própria jornada de Annie muitas peculiaridades que diferem do ‘modelo tradicional’ do romance de formação. A questão principal a ser trabalhada no romance é o ciclo que a personagem percorre para que seu amadurecimento aconteça. O amadurecimento de Annie é diferenciado do comum porque normalmente o personagem sai de casa e passa por transformações profundas na forma de ver e encarar o mundo; enquanto nossa personagem não sai da casa dos pais³¹, fazendo com que seu aprendizado ocorra através da maneira como Annie percebe e reflete sobre os acontecimentos que vivencia, como por exemplo, o afastamento da mãe; é afinal, esse processo que leva Annie ao autoconhecimento e ao autodescobrimento, só depois de passar por este estágio de aprendizagem é que a personagem encontra-se pronta para partir.

Outro ponto importante é o fato da personagem desenvolver seu modo de ver e encarar o mundo sem a ajuda de um mentor – figura mais velha e com sabedoria apurada e experiência de vida suficiente para guiar o caminho da protagonista. A pessoa mais próxima de Annie era a mãe (o pai apresenta-se como uma figura ausente) que logo se afasta; mesmo na escola, lugar que é associado ao ambiente facilitador do conhecimento, a personagem desenvolve sua capacidade de reflexão sem contar com um professor (que são responsáveis por reproduzir a História Oficial, que dá primazia à colonização britânica). Já na relação com as duas amigas (Gwen e a Red Girl) Annie desenvolve uma consciência mais apurada, no entanto isso acontece graças à convivência com o novo (Gwen) e o diferente (Red Girl) que dão a Annie a oportunidade de refletir sobre ela mesma e sobre o que aprendeu.

³⁰ Até pelo fato do romance contar a história de Annie entre os 10 e os 17 anos a figura masculina parece não ter tanta importância, por essa razão além das poucas vezes que fala sobre o pai só temos um episódio em que Annie interage com rapazes (onde fica claro que eles estão em lados opostos); além do mais das duas vezes que Gwen fala em casamento, sugerindo que Annie case com o irmão dela e quando ela mesma diz que está de casamento marcado Annie demonstra aversão a esta idéia, afastando-se assim do ‘destino natural’ das mulheres.

³¹ Este fator pode também ser um indicativo importante já que a personagem é mulher e por isso tem restrições ‘comuns’ às suas ações.

Segundo Morgenstern (in MAAS, 2000, p. 19) o romance de formação “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade”, porém no caso deste romance vemos que o início ‘real’ da trajetória de Annie se dá quando ela entra no navio com o intuito de mudar-se para a Inglaterra, deixando tudo que conhecia para trás; em outras palavras o caminho percorrido pela personagem resultou em seu deslocamento, o que significa dizer que seu aprendizado do mundo a afastou de seu lar, e não o afastamento de seu lar promoveu o aprendizado do mundo.

Diante de tudo isso e mesmo levando em consideração que o romance de formação é um processo onde há autodescobrimento e uma orientação da personagem em relação ao mundo (JACOBS & KRAUSE, 1989) acreditamos que no caso de Annie John é mais propício encará-lo também como sendo um romance de ‘trans-formação’ por que além de a personagem perceber os acontecimentos de forma a apreendê-los com criticidade, sua maturidade não se origina nem se desenvolve através de uma jornada física ou geográfica (para longe dos pais e do conhecido); nem tem como mestre uma pessoa mais velha (é o próprio mundo e as experiências vivenciadas que imprimem na protagonista o caráter formativo). Seu final tampouco é um típico ‘final feliz’, porque vemos na despedida da personagem ressentimento ao perceber a hipocrisia da mãe (KINCAID, 1985, p. 133) nem sequer é um final típico, uma vez que primeiro veio a jornada psicológica e só então Annie fará a verdadeira jornada, concretizada apenas quando a personagem deixa sua casa/terra e parte de navio para um novo mundo³².

1.2 Annie-mãe e Annie-filha: um jogo de amor e ódio

³² Logo o romance analisado inicia-se como sendo de formação e torna-se um romance de trans-formação, transformações essas que serão desenvolvidas em outros dois romances de Kincaid: *Lucy* (1990) e *The Autobiography of My Mother* (1996), ambos a serem analisados nos capítulos a seguir.

Uma temática bastante explorada na escrita kincaidiana diz respeito à tensão desenvolvida na relação mãe-filha. No livro *Annie John* essa problemática transparece inúmeras vezes e a personagem acaba estabelecendo um sentimento dúbio (amor e ódio) em relação à mãe (que carrega o mesmo nome). A relação entre as duas se deteriora de uma forma que Annie, depois de uma discussão séria com a mãe, que a vê conversando com alguns rapazes na volta da escola, chega a dizer que

*At that moment, I missed my mother more than I had ever imagined possible and wanted only to live somewhere quiet and beautiful with her alone, but also at that moment I wanted only to see her lying dead, all withered and in a coffin at my feet.*³³ (KINCAID, 1985, p. 106)

Nesse trecho vemos que a personagem sofre com a forma que passa ver a mãe (antes idolatrada), resultado direto da postura que a mãe passa a assumir desde que as características de *young lady*³⁴ começam a aparecer em Annie. De figura carinhosa e protetora a mãe de Annie passa a se afastar cada vez mais da filha, abrindo um vazio que crescerá ao longo da narrativa. No trecho acima Annie se rebela contra a mãe depois do episódio em que a mãe a critica por causa de alguns garotos; em um movimento de defesa contra as críticas da mãe Annie contra-ataca dizendo 'tão mãe tal filha', e mesmo sentindo certo arrependimento pelo que disse, porque sabe que ofendeu a mãe, demonstra claramente que não tem intenção de reaver seu relacionamento.

Como nos diz Beauvoir (1980) a mulher não nasce mulher, torna-se mulher; e este processo necessita de uma 'engrenagem' eficiente para se desenvolver, a figura da mãe surge nesse contexto como forma de confirmar os papéis de gênero na sociedade através de uma atividade contínua de educação dos filhos. A mãe representa um modelo a ser seguido pelas meninas³⁵. A partir do momento que a

³³ "Naquele momento, eu perdi minha mãe que eu nunca imaginei possível e eu queria apenas viver em algum lugar quieto e bonito com ela sozinha, mas também naquele momento eu queria apenas vê-la morta, toda murcha e num caixão embaixo dos meus pés."

³⁴ "jovem dama"

³⁵ O poder que é conferido ao homem sustenta-se basicamente em dois elos: família e educação. A família é o primeiro contato social do humano, nele há o primeiro contato com as 'verdades' propagadas pela sociedade. Por sua vez o papel da família para o estabelecimento dos dogmas sociais passa necessariamente pela figura materna, pois é sua função passar os valores da sociedade para a criança; a mãe, como representante da "família exerce determinadas pressões

filha começa a contestar o modelo proposto pela mãe a figura materna deixa de ser um modelo a ser idolatrado e passa a ser um modelo a ser ignorado. No início da narrativa Annie demonstra um amor profundo pela mãe, semeado pela idolatria da filha em relação a ela, e o mesmo parece acontecer com a mãe, que guarda todas as lembranças da filha através de vários objetos. Até este momento Annie acredita que seu mundo é um paraíso. Ao contar a história de seu pai (criado pela avó depois que seus pais foram embora) Annie chega a conclusão que *“How terrible it must be for all the people who had no one to love them so and no one whom they loved so”*³⁶ (KINCAID, 1985, p. 22-23) e é esse medo de uma separação, concretizada posteriormente, e o sentimento de abandono e desamparo que aparece na personagem nas próximas páginas – o responsável pelo amor descompassado que Annie passa a destinar à mãe – que será o precursor da atitude rebelativa da personagem Annie.

Parte dessa atitude é facilmente explicada pelo desejo de afastar-se de sua mãe, de manter-se longe de sua personalidade e de suas regras; já que neste caso a mãe não só é uma representação da sociedade patriarcalista, ensinando como Annie deve se portar como uma ‘moça de família’ como também representa claramente a cultura colonial, a mãe de Annie passa a ser um modelo a ser contestado. Um exemplo claro dessa tentativa de seguir um caminho totalmente contrário ao imposto pela mãe transparece durante o quarto capítulo, quando a personagem começa a brincar com bolas de gude (chegando a vencer vários jogos); mesmo sabendo que sua mãe desaprova essa atitude Annie não só continua com os jogos como se sente vitoriosa por que sua mãe não consegue encontrá-las (idem, p. 65). Nessa forma de agir a personagem acaba encontrando uma maneira de ser ouvida pela mãe e demonstrar o seu descontentamento pela maneira como é tratada.

Vê-se claramente que a difícil relação que Annie passa a ter com sua mãe se compara com a própria relação do indivíduo com sua terra natal, lugar que ao ser explorado pelo colonizador britânico perdeu seu encanto e um pouco da conexão

sobre as meninas, de forma a adequar o seu comportamento ao que lhes é tradicionalmente permitido...” (ALBORNOZ & CARRION, 1985, p. 44).

³⁶ “Quão terrível deveria ser para todas as pessoas que não tinham ninguém para amá-las e ninguém para elas amarem.”

com seu povo (assim como Annie perdeu a conexão que tinha com a mãe), e mesmo com a saída do colonizador é preciso entender que a sombra deste “permanece no contexto cultural e ideológico, permanece como ‘sombra’ introjetada no colonizado” (FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 111) e é justamente essa sombra imbuída de subordinação que afasta Annie de sua mãe. Ao mesmo tempo em que a figura materna se aparelha à terra ela também surge no romance como uma forma de sustentação do sistema patriarcal, já que é principalmente através da educação dada pela mãe que são estabelecidas as principais diferenças entre meninos e meninas. Annie mostra compreender essas diferenciações durante algumas situações apresentadas ao longo do romance: quando reflete sobre o porque de tomar banho quente ela diz *“If I had been a boy, I would have gotten the same treatment, but since I was a girl, and on top of that went to school only with other girls, my mother would always add some hot water to my bath water to take off the chill.”*³⁷ (1985, p. 13-14) Em outro momento Annie analisa o comportamento de sua nova amiga (*Red Girl*) e percebe que a forma que ela age é diferente do que se espera de uma menina: *“All the boys climbed trees for the fruit they wanted, and all the girls threw stones to knock the fruit off the fruits. But look at the way she climbed that tree better than any boy.”*³⁸ (idem, p. 56) As diferenciações percebidas por Annie dizem respeito à educação recebida pela amiga, o que indica mais uma vez o papel da mãe para o estabelecimento dos papéis representados por meninos e meninas.

Durante um trabalho de escola Annie lê a história que ela escreveu sobre um passeio entre ela e a mãe dela (que na verdade foi um sonho), depois da leitura a personagem explica o porquê de usar uma história tão antiga e que não condiz mais com a realidade que ela vive, já que naquele momento Annie já sente desprezo pelas atitudes da mãe:

I placed the old days version before my classmates because, I thought, I couldn't bear to show my mother in a bad light before people who hardly knew her. But the real truth was that I couldn't

³⁷ “Se eu fosse um garoto, eu teria o mesmo tratamento, mas já que eu era uma garota, e ainda por cima ia para uma escola apenas com outras garotas, minha mãe sempre adicionaria água quente para meu banho para tirar o frio.”

³⁸ “Todos os meninos subiam em árvores para pegar as frutas que eles queriam, e todas as meninas jogavam pedras para derrubar as frutas das árvores. Mas observe a forma como ela sobe naquela árvore melhor que qualquer garoto.”

*bear to have anyone see how deep in disfavor I was with my mother.*³⁹ (idem, p. 45)

Temos aqui um fato que comprova que por mais raiva que a personagem tenha da mãe ainda existe amor para com ela, a forma como Annie resolve a situação demonstra que por mais ressentimento que ela possa sentir ainda prevalece o instinto de proteção à mãe, Annie não quer que os outros saibam do que se passa verdadeiramente entre ela e a mãe, pois assim a personagem se sentiria vulnerável em relação às outras pessoas. A mistura de sentimentos vivenciada por Annie é realmente muito intensa; por essa razão amor e ódio, ressentimento e carência aparecem constantemente na narrativa, por exemplo, quando Annie afirma que *"I could not understand how she could be so beautiful even though I no longer loved her"*⁴⁰ (idem, p. 53) a personagem mostra a confusão em perceber que mesmo com seu sofrimento a mãe continua a viver sem nenhum problema, ou seja, diferentemente da dependência que Annie continua a ter pela mãe a recíproca já não se aplica mais.

A tensão entre elas é tão forte que a única forma de continuar a convivência é com o uso de máscaras, para que não transpareça para o pai o que acontece na intimidade entre mãe e filha: *"But no sooner were we alone, behind the fence, behind the closed door, than everything darkened"*⁴¹ (idem, p. 88). O uso de máscaras serviria então para esconder os pensamentos e sentimentos reais, não só para o pai como também para a sociedade em geral.

Para alguns estudiosos o romance *Annie John* aborda como questão principal *"the progression from a nurturing and loving relationship between Annie and her mother to one that is distant and abrasive"*⁴². Acreditamos que os sonhos de Annie comprovam que ela passa do estágio em que sua relação com a mãe é íntima e fiel (quando ela sonha que as duas estão tomando banho de mar) para o estágio que a

³⁹ "Eu coloquei a versão dos dias antigos antes para minhas colegas porque, eu pensei, eu não poderia mostrar minha mãe num ponto de vista ruim perante pessoas que dificilmente a conheciam. Mas a verdade real era que eu não poderia suportar mostrar a ninguém o desagrado que eu estava com minha mãe."

⁴⁰ "Eu não conseguia entender como ela poderia ser tão bonita embora eu não a amasse mais."

⁴¹ "Mas tão logo ficávamos sozinhas, por trás do muro, por trás da porta fechada, que tudo escurecia."

⁴² Trecho encontrado no site <http://www.postcolonialweb.org/caribbean/kincaid/kincaidov.html> em 10-02-2011: "a progressão de um relacionamento educado e amoroso entre Annie e a mãe dela para um relacionamento que é distante e abrasivo"

faz pensar na morte da mãe (Annie passa a sonhar em matar a mãe); essa impressão que Annie sente de que seria capaz de matar a mãe ou que a mãe poderia matá-la era para Annie algo que fazia parte da realidade: *“My dreams were not unreal representations of something real; my dreams were a part of, and the same as, my real life⁴³”* (KINCAID, 1985, p. 89). Os sonhos de Annie passam a representar uma possibilidade justificável pelos acontecimentos que passam a fazer parte da vida da personagem.

Em contrapartida a relação de Annie com o pai não se equipara em nada com a relação com a mãe, eles são ‘naturalmente’ separados. Se pensarmos na figura do pai de Annie chegaremos a conclusão que sua falta de importância para a narrativa, materializada pela ausência do pai na maior parte da história, demonstra sua inércia frente à família; ele representa o ideal masculino professado pela sociedade patriarcal: ele é o provedor da família, ou seja, seu principal papel é manter a casa, pagar as contas; por essa razão ele não se envolve com questões domésticas e sequer percebe o clima e a tensão entre mãe e filha. Além disso, ficamos sabendo logo nas primeiras páginas que ele teve envolvimento com outras mulheres (que perseguiam a mãe de Annie) e tinha outros filhos, demonstrando-se um verdadeiro ‘varão’, que está mais preocupado com a procriação do que com a educação dos filhos.

Davies explica que a exploração das identidades, que vão se multiplicando na medida em que a criança-mulher vai crescendo, está intimamente ligada à escrita kincaidiana; segundo a autora

Kincaid seems to present an early engagement with Caribbean identity (...). The fact that she was born and raised in the Caribbean allows a different kind of engagement with the homeland and Caribbean cultural community that provides the impetus for the internal critique⁴⁴. (1994, p. 123-124)

Essa abordagem acerca da identidade caribenha que Jamaica Kincaid imprime em alguns de seus romances passa necessariamente pela figura materna e

⁴³ “Meus sonhos não eram representações irreais de algo real; meus sonhos eram uma parte de, e o mesmo era minha vida real.”

⁴⁴ “Kincaid parece apresentar um envolvimento precoce com a identidade caribenha (...). O fato de ela ter nascido e crescido no Caribe permite um tipo diferente de envolvimento com a pátria e a comunidade cultural caribenha que fornece o incentivo para a crítica interna.”

sua influência para a formação dessa identidade. Focando especificamente no romance *Annie John* percebemos que Kincaid trata primorosamente da perda da infância da personagem e com ela aborda questões significativas no que diz respeito ao relacionamento familiar, as mudanças no corpo e na mente, o desenvolvimento da identidade, a rebeldia contra o autoritarismo (da mãe, da escola, do colonizador, etc.) de uma forma lúdica e profunda que demonstra perfeitamente o lugar que a escritora ocupa enquanto indivíduo inserido na realidade pós-colonial.

Por fim devemos lembrar que o jogo de amor e ódio que Annie passa a protagonizar com a mãe também é responsável pela rebeldia apresentada pela personagem, pois é através do afastamento da mãe e de suas consequências para a vida da personagem que Annie percebe que precisa desvencilhar-se da mãe como forma de criar seu próprio eu, uma Annie autêntica que não será cópia da Annie-mãe⁴⁵.

1.3 A Escola: um espaço de dominação ou libertação?

Tudo o que nós seres humanos internalizamos vem através da educação, que se apresenta em dois estágios principais: primeiro a criança se depara com a educação proveniente do ambiente familiar, nele os pais (principalmente a mãe) repassam os primeiros conceitos acerca da vida em sociedade. Mais tarde é a vez da educação dada nas escolas; nesse ambiente a hierarquização de valores e conceitos é repassada aos alunos, o que vai influenciar diretamente tanto na forma como meninos e meninas veem a si mesmos e como veem os outros; bem como a maneira como percebem os acontecimentos que se passam ao seu redor. A educação recebida pelas mulheres (ou a falta dela) é uma peça importante para entendermos o desfavorecimento da mulher na sociedade capitalista. Enquanto o

⁴⁵ Mais uma vez Kincaid demonstra usar sua escrita como forma de exorcizar seus problemas, incluindo a difícil relação com sua mãe – cujo nome era Annie.

homem é impelido para fora, para o âmbito público; a mulher é impelida a não sair do casulo familiar, sendo designada a continuar na esfera doméstica, na privacidade do lar.

Durante a leitura de *Annie John* encontramos uma personagem que, apesar da pouca idade, mostra-se muito reflexiva acerca da sua história enquanto povo colonizado, as cenas em que Annie descreve sua vivência na escola demonstram bem essa consciência. O papel da escola neste romance está amplamente ligado ao ciclo vivenciado pela personagem ao longo da narrativa; como dissemos no início deste capítulo este romance possui características que o aproximam dos romances de formação, a presença do ambiente escolar pode ser incluída nesse contexto, uma vez que a influência que a escola exerce é bastante significativa principalmente se estamos lidando com uma personagem de 10 anos, e nesse momento a escola faz parte não só de seu desenvolvimento cognitivo, mas principalmente do seu desenvolvimento psicossocial.

Annie destaca-se em sala e possui a compreensão de que *“I was already first in my class, and I was first without ever really trying hard, so I had nothing much to worry about”*⁴⁶ (KINCAID; 1985, p. 63) o que comprova que essa personagem era um exemplo para a turma, através da representação de aluna estudiosa Annie é admirada pelos professores e pelas colegas⁴⁷. Nesse momento Annie assume um papel de ‘boa moça’ e por isso é recompensada por elogios e por uma posição privilegiada na sala de aula; mas isso mudará assim como as demais mudanças na vida pessoal da personagem.

No capítulo 5 Annie está entediada porque já sabe da lição de história e começa a folhear seu livro até que se depara com uma gravura de Colombo e logo demonstra sarcasmo pela imagem de Colombo preso já que ele era considerado ‘herói’ e por isso acaba escrevendo em seu livro: *“the great man can go no where”*⁴⁸ (idem, p. 82). Annie acaba perdendo o posto de ‘prefeita da classe’ (por ter as melhores notas) porque sua professora de história considera seu ato um insulto ao ‘grande’ Colombo. Aqui vemos que a personagem apresenta um ato de rebeldia que

⁴⁶ “Eu já era a primeira em minha turma, e eu era a primeira a realmente tentar muito, então eu não tinha muito com o que me preocupar.”

⁴⁷ Vale lembrar que a escola frequentada por Annie é uma escola só para meninas, algo muito comum na época.

⁴⁸ “o grande homem não pode ir a lugar nenhum.”

indica seu desejo de não seguir os parâmetros impostos pela instituição escolar; a inteligência apresentada pela personagem não só é responsável pelo seu bom desempenho escolar como também pela conscientização que Annie passa a relatar sobre inúmeros assuntos, o que a destitui do lugar de modelo; num determinado momento da narrativa Annie demonstra ter o entendimento que a escola, enquanto instituição educacional, participa da natureza problemática dos valores dominantes de nossa sociedade e cultura (O'Sullivan, 2004) e por isso rebela-se também contra essa instituição.

Segundo Gebara a escola tem um papel indispensável para a formação do sujeito e por isso deve representar um espaço de libertação, desenvolvendo nos alunos um senso crítico capaz de fazê-los repensar e remodelar a realidade em que estão inseridos, segundo ela:

a leitura e a interpretação de certos textos da Escola permitem uma consciência e contestação do poder opressor dominante e conduzem ao desejo não só de um poder alternativo diferente, mas a uma mudança nas relações sociais e na própria organização da sociedade. (1991, p.29)

Esse com certeza não é o caso da escola de Annie; vale lembrar que o sistema educacional da Antígua segue o modelo britânico, isso significa dizer que a instituição escolar antiguana acaba sendo uma ferramenta a mais da cultura colonizadora, a postura de Annie também tem a ver com a revolta da personagem em relação a esse colonialismo. Voltando ao episódio do castigo de Annie por causa de seu ato em relação à Colombo vemos claramente que a escola está de fato representando mais um espaço de dominação da cultura do colonizador europeu. Por isso várias atitudes de Annie são encaradas com maus olhos pela professora, um exemplo claro disso transparece na narrativa quando a personagem é acusada pela professora de ter comportamento impróprio porque estava contando piadas picantes e dançando *calypso*⁴⁹ durante o recreio. O mais interessante aqui talvez seja o fato de que apenas Annie chama a atenção da professora apesar de ela estar no meio de várias meninas, que estão fazendo a mesma coisa, Annie é vista então como uma líder.

⁴⁹ O termo calipso indica uma dança típica do carnaval local.

Ao falarmos em educação através do modelo instalado graças à colonização britânica não podemos deixar de mencionar o que talvez possa significar o ponto ápice deste capítulo, quando Annie menciona uma nova aluna chamada Ruth e o que ela faz Annie pensar. Ruth é filha de um ministro e mudou-se da Inglaterra para a Antígua há pouco tempo; ao mesmo tempo em que Annie sente pena da colega que sempre erra as respostas Annie demonstra orgulho de seu povo. Ao pensar sobre a situação dessa personagem Annie trata de questões diretamente relacionadas à sua cultura de colonizada; a personagem cita, por exemplo, o fato de seu povo comemorar o aniversário da rainha Elizabeth (mesmo não sendo mais uma colônia britânica), Annie percebe os resquícios da dominação britânica e da internalização dos costumes do colonizador. Mais que isso Annie explicita toda sua inteligência juvenil para pensar sobre como a história seria contada se fosse seu povo que tivesse encontrado os britânicos.

Durante a narrativa a personagem entra em contato com várias noções e valores propagados pela sociedade (além da escola regular Annie também frequenta uma *Sunday School*⁵⁰), o que demonstra mais uma vez que os ensinamentos referentes ao contrato social ao qual cada indivíduo participa são ministrados em ‘pequenas doses’ desde os primeiros anos de vida e continuará durante a infância e a adolescência, período em que a internalização de conceitos é maior.

Para Walter é preciso levar em consideração que

Se a cultura não é algo que se tem como resultado de ter nascido, ter sido educado e situado em um território específico, mas de preferência como um efeito de significação que é efetuado por meio da interação hierárquica de diferentes espaços e suas comunidades/epistemes heterogêneas, então a identidade cultural não pode ser vista como uma essência fixa e naturalizada, mas deve ser compreendida como em constante movimento entre a *desconstrução* das posições e identificações de sujeito impostas e a *construção* de posições e identificações alternativas. (2009, p. 182-183)

As identidades são socialmente construídas através de nossas experiências enquanto seres humanos e precisam ser compreendidas como um constructo, a

⁵⁰ “Escola Dominical”. Este é o nome utilizado para o ambiente em que a educação religiosa é dada às crianças, sempre aos domingos (porque é considerado o dia do Senhor).

escola representa parte significativa desse processo e por isso é quando está na escola que Kincaid aborda com mais ênfase as reflexões de Annie sobre sua terra natal. A personagem desse romance assume uma postura rebelativa em relação ao sistema educacional porque percebe a importância em desconstruir essas posições e identificações citadas por Roland Walter com o objetivo de solidificar sua identidade.

No decorrer de várias passagens percebemos que a postura desenvolvida por Annie indica que a rebeldia que ela assume pode ser justificada pela insatisfação da personagem com os acontecimentos que a mesma vivencia. Ao completar 17 anos Annie toma uma decisão que vai ser definitiva para o entendimento dela própria: ir para a Inglaterra. Com essa atitude a personagem se assume como uma pessoa sozinha e que precisa achar seu caminho e construir sua própria identidade, ao sair de casa Annie também se afasta do sistema educacional do colonizador.

1.4 Annie em busca de liberdade

Até agora analisamos o comportamento da personagem Annie levando em consideração o processo de desenvolvimento a qual ela está inserida; este é um processo de aprendizagem pelo qual Annie tem que passar a fim de firmar-se enquanto sujeito de um determinado lugar. O desejo de uma identidade livre e independente é algo explorado constantemente no trabalho de Jamaica Kincaid e é, ao mesmo tempo, uma busca do indivíduo pós-moderno que se afasta cada vez mais dos conceitos fixos e rígidos de outrora para se aproximar de um contexto maleável e em movimento ininterrupto, que atenda as novas necessidades deste sujeito, que, aliás, também passam por constantes mudanças.

A rebeldia desenvolvida por Annie (manifestada não só por algumas de suas ações, mas também pela maneira como a personagem pensa e vê o mundo a sua

volta) representa a não adequação da mesma em relação aos parâmetros sócio-culturais. Um dos pontos que nos chamou a atenção é o comportamento de Annie em algumas situações envolvendo os pais; a personagem fala da distinção clara em relação à maneira como ela se relaciona com sua mãe na presença do pai, neste caso ela diz que *“We were politeness and kindness and love and laughter.”*⁵¹ (KINCAID, 1985, p. 51) O mesmo sentimento de precisar usar uma máscara acontece várias outras vezes, quando Annie se prepara para começar numa nova escola ela afirma que *“I hoped that everyone there would be new, that there would be no one I had ever met before. That way, I could put on a new set of airs; I could say I was something that I was not, and no one would ever know the difference”*⁵² (idem, p. 29), indicando a vontade de poder fingir.

A escolha de Annie por sair de casa segue o mesmo processo de desenvolvimento e amadurecimento da própria personagem. Através da análise dos capítulos vemos que no mesmo ritmo que Annie começa a questionar as ‘verdades’ da estrutura familiar, escolar e social a personagem adentra num estado de conflito e ambiguidade que será responsável pelo desejo de Annie de separar-se de seu próprio mundo. Nessa perspectiva cada capítulo narrado representa um degrau a ser alcançado pela personagem no intuito de libertar-se das amarras opressoras da sociedade; só através desse processo, que se mostrou altamente doloroso, é que Annie será capaz de criar sua própria identidade. Para isso Annie precisou primeiro rebelar-se para só então concretizar sua separação, daí a importância da disposição dos capítulos para a compreensão global das experiências vividas pela personagem e de suas escolhas.

Quando somos apresentados à Annie no primeiro capítulo a personagem se encontra com 10 anos e apesar de demonstrar o medo pela morte (mesmo também sentindo certo fascínio) mostra-se uma menina muito feliz, que vive no que ela mesma chama de paraíso, afinal ela sente que os pais a amam e sua relação com a mãe é muito especial. Esse encanto presente na relação das duas continua no início do segundo capítulo, e a personagem chega a falar sobre os banhos que mãe e filha costumavam tomar juntas.

⁵¹ “Nós éramos educadas e gentis e amorosas e sorridentes.”

⁵² “Eu esperava que todos lá fossem novos, que lá não teria ninguém que eu tivesse conhecido antes. Dessa forma, eu poderia colocar um novo tipo de comportamento; eu poderia dizer que eu era uma coisa que eu não era, e ninguém nunca saberia a diferença.”

O medo de separar-se da mãe aparece pela primeira vez já neste capítulo; aqui ela tem por volta de doze anos e dois eventos específicos contribuem para a nova forma da personagem encarar a mãe: as mudanças físicas que naturalmente começam a aparecer em Annie fazem com que a mãe passe a tratá-la de modo diferente e Annie entende isso como se a mãe a estivesse empurrando para fora daquela redoma de amor e proteção que ela sentia até então; depois Annie presencia uma cena de sexo entre seus pais ao chegar em casa da escola dominical e sente-se traída pela mãe, o que a faz jurar que não deve mais ser tocada por ela. É graças a essa mudança brusca na forma como a personagem vê sua genitora que encontraremos a primeira atitude de rebeldia de Annie, que passa a não comportar-se bem e falar coisas desagradáveis para a mãe.

É então a partir de meados do capítulo dois que Annie percebe que já não vive mais num paraíso, e sim num calvário. No capítulo seguinte vemos que mesmo sentindo raiva da mãe Annie não consegue deixar de demonstrar o amor que sente por ela: na nova escola o primeiro trabalho que Annie faz é justamente sobre a mãe, deixando todas as outras alunas comovidas com o relacionamento delas (no entanto o relacionamento que Annie cita no trabalho já não existe mais). Mais uma vez Annie sente-se traída pela mãe quando ela trata com descaso de um momento simbolicamente tão importante para uma menina, a primeira menstruação:

On the morning of the first day I started to menstruate, I felt strange in a new way – hot and cold at the same time, with horrible pains running up and down my legs. My mother, knowing what was the matter, brushed aside my complaints and said that it was all to be expected and I would soon get used to everything. Seeing my gloomy face, she told me in a half-joking way all about her own experience with the first step in coming of age, as she called it, which had happened when she was as old as I was. I pretended that this information made us close – as close as in the old days – but to myself I said “What a serpent!”⁵³ (KINCAID, 1985, p.51)

⁵³ “Na manhã do primeiro dia, eu comecei a menstruar, eu me senti estranha de alguma forma – quente e fria ao mesmo tempo, com dores terríveis subindo e descendo em minhas pernas. Minha mãe, que sabia qual era o problema, deixou de lado minhas reclamações e disse que tudo era de se esperar e que eu logo me acostumaria com tudo. Vendo minha face sombria, ela me disse em tom de brincadeira toda sua experiência com o primeiro passo na formação, como ela chamou, que tinha acontecido com ela quando ela era tão velha quanto eu. Eu fingi que essa informação nos deixou próximas – tão próximas quanto antigamente – mas para mim mesma eu disse: “Que serpente!”

Este episódio serviu para mostrar para Annie que a separação do elo que mantinha mãe e filha unidas tinha acabado. A amizade que a personagem desenvolve com Gwen (capítulo três) e Red Girl (capítulo quatro) nada mais é que uma tentativa de compensar o descaso e o abandono que Annie sente. No caso de Gwen ela surge como uma válvula de escape para os conflitos que a personagem está passando, ao mesmo tempo em que com sua amizade Annie recupera um pouco do sentimento de admiração que a mãe nutria por ela. Já a relação de Annie com a Red Girl é mais uma atitude rebelativa, já que ambas são completamente diferentes no que diz respeito à educação recebida por cada uma; enquanto Annie foi educada pela mãe para ser uma moça bem vestida e educada, incapaz de pegar uma fruta no pé, a Red Girl não vai à escola, não se veste bem e ‘age como um menino’. É através dessa nova amizade que presenciamos a maior rebeldia de Annie até então: o jogo com as bolas de gude.

A maneira como a mãe começou a tratar Annie foi o elemento desencadeador da rebeldia da personagem, por isso vemos que nos primeiros capítulos Annie se volta contra a mãe. O fato é que quando a personagem começa a perceber que seu relacionamento com a mãe ruiu Annie não só passa a questionar a estrutura familiar que participa mas também passa a repensar outras esferas, como, por exemplo, a escola. No capítulo cinco Annie demonstra claramente sua posição frente às ‘verdades’ propagadas pela instituição escolar e pela sociedade⁵⁴; ao criticar a figura de Cristóvão Colombo, tão aclamado e defendido pela professora – figura de autoridade do sistema educacional britânico – Annie critica também toda a história que está por trás da colonização de seu povo, indo contra o discurso colonialista que exalta a figura do colonizador em detrimento à inferiorização do colonizado (MEMMI, 1977). Em contrapartida Annie reflete acerca da condição da nova aluna – que é britânica – chegando à conclusão que *“Her ancestors had been the masters, while ours had been the slaves”*⁵⁵ (KINCAID, 1985, p. 76) e que isso também deve ser difícil para ela, estar num lugar em que não se conhece a história verdadeira. A rebeldia em relação à escola diz respeito principalmente ao sentimento de traição

⁵⁴ Nos capítulos anteriores a escritora Jamaica Kincaid já dava pistas sutis sobre o comportamento das personagens e sua relação com as questões da colonização, durante o capítulo cinco tudo isso se intensifica.

⁵⁵ “Os ancestrais dela tinham sido os mestres, enquanto os nossos tinham sido os escravos.”

que Annie também sente pela instituição escolar, que não só testemunha a favor da História Oficial como também é seu cúmplice ao passá-la adiante.

Pensando acerca do papel da escola para a formação do indivíduo podemos levantar um questionamento interessante: “Talvez sejamos apenas instrumentos de um sistema educacional?” (ALBORNOZ & CARRION, 1985, p. 108) Essa pergunta refere-se basicamente ao entendimento que a função ideológica da escola é uma função da manutenção das perspectivas dominantes⁵⁶. Quando Annie relata a indignação de sua professora em relação ao comportamento dela em relação à figura de Colombo fica claro que, como afirmava Althusser (1985), é bem raro o professor apresentar uma posição contrária à ideologia dominante; nesse caso o professor é para o sistema educacional o mesmo que a mãe é para o sistema familiar: o agente provedor das ‘verdades’ socialmente difundidas. Annie, assim como todas as crianças e adolescentes, passa várias horas do dia na escola, isso significa dizer que a internalização de valores, ideias e costumes⁵⁷ é feita em pequenas doses diárias, num momento em que o indivíduo é mais vulnerável – por causa da pouca idade – a aceitar os dogmas ensinados. Diferentemente de sua professora Annie acaba se transformando num agente de rebeldia a esse sistema; a rebeldia de Annie encontrada também no âmbito escolar revela a visão de Kincaid de que a escola é um instrumento de legitimação das desigualdades, seja qual for a esfera (social, gênero, etc.)⁵⁸, o comportamento de Annie ao escolher dançar *calypso* no intervalo comprova seu desejo de fazer valer sua cultura; também é por essa razão que ela não considera importante celebrar o aniversário da rainha

⁵⁶ A educação destinada às mulheres as deixou com inúmeras desvantagens, o fato de que “durante muito tempo [as mulheres ficaram] limitadas à educação exclusivamente familiar” (ALBORNOZ & CARRION, 1985, p. 36) fez com que elas perdessem espaço, especialmente no mundo corporativo.

⁵⁷ Para Durkheim (1984) essa internalização de valores é positiva porque a seu ver a sociedade só é possível pela existência dos consensos sociais que são trabalhados na escola. O problema aqui não é apenas na internalização de valores, mas o fato de que esses valores representam sempre o ato de um indivíduo (branco, homem, rico, colonizador, etc.) se sobressair a outro (negro, mulher, pobre, colonizado, etc.).

⁵⁸ Bourdieu acreditava que o caminho a ser seguido era a promoção de uma escola que tivesse um discurso neutro: “para que sejam desfavorecidos os mais favorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.” (1998, p. 53)

Elizabeth, porque não fazia parte (pelo mesmo não oficialmente) da cultura de seu povo⁵⁹.

Annie se vê sufocada pelos valores passados pela mãe e pelos ensinamentos transmitidos na escola. Nesse ambiente Annie não vê outra alternativa a não ser conviver com duas faces dia após dia. No sexto capítulo a personagem, que se encontra com a idade de 15 anos, deixa transparecer toda a dor que sente com a rejeição da mãe e com a situação que se estabeleceu em sua vida: *“My unhappiness was something inside me, and when I closed my eyes I could even see it”*⁶⁰ (KINCAID, 1985, p. 85). A partir daí a personagem começa a desenvolver o desejo de separar-se definitivamente da mãe (e de tudo que ela representa) e de seu próprio lar⁶¹; para Annie essa seria a melhor forma de conseguir tornar-se genuinamente livre.

A decisão de sair de casa foi, então, construída ao longo dos conflitos vivenciados pela personagem. Annie demonstra consciência do que quer já no capítulo seis e depois quando ela adoece, durante o sétimo capítulo, mesmo passando a ver a mãe de uma maneira diferente – mais amorosa – Annie percebe que a mudança física e emocional pela qual passou durante todo o tempo que ficou doente é pura e simplesmente o sinal definitivo de que é hora de partir. Ao viajar para a Inglaterra Annie busca um futuro diferente para si mesma, mas de uma forma ou de outra ela sabe que sua mãe e sua terra continuarão fazendo parte dela; pois *“Exile implies, as we have seen, a distance from and therefore an understood ‘objectivity’ toward the place of origin, the ‘homeland’”*⁶² (EDMONDSON, 1999, p. 144), ou seja, ao sair de casa Annie passará a ter um entendimento imensamente maior de suas origens e de tudo o que elas representam⁶³.

⁵⁹ Essas atitudes de Annie demonstram que a personagem está num processo de descolonização (proposta da teoria pós-colonial) que será encontrado também nos romances *Lucy* e *The Autobiography of My Mother*.

⁶⁰ “Minha infelicidade era algo dentro de mim, e quando eu fechava meus olhos eu podia vê-la.”

⁶¹ Neste capítulo Annie diz que sua personagem predileta é Jane Eyre, o que pode ser explicado pelo sentimento de abandono que Annie sente, comparado ao abandono real da personagem de ficção Jane (que era órfã).

⁶² “O exílio implica, como temos visto, uma distância de e portanto uma ‘objetividade’ entendida para o lugar de origem, a ‘terra natal’”

⁶³ A escritora Jamaica Kincaid conhece bem essa realidade e consegue demonstrar seu conhecimento, oriundo de sua própria experiência, com primor.

Aos dezessete anos encontramos a personagem nos preparativos finais para sua viagem. O capítulo oito é fortemente marcado pelo olhar de Annie ao passado, representado pelas lembranças que ela carrega ao caminhar pela cidade e pela despedida recheada de conflitos: primeiro a despedida de Gwen que deixou de ter tanta importância para Annie e passou a ser apenas uma garota em busca do ‘destino comum’ da mulher, o casamento; depois, já no cais, Annie despede-se de seus pais e neste momento vemos mais ambiguidade na personagem: *“I did not want to go to England, I did not want to be a nurse, but I would have chosen going off to live in a cavern and keeping house for seven unruly men rather than go on with my life as it stood”*⁶⁴ (KINCAID, 1985, p. 130). A concretização da separação de Annie é, apesar de toda nostalgia, o último ato de rebeldia que só se justifica pelo desejo de ser livre, de trilhar sua própria trajetória.

No romance *Annie John* temos a oportunidade de acompanhar o crescimento físico e emocional da protagonista Annie, que passa por um processo de aprendizagem responsável pela forma como ela passa a ver sua vida e o mundo a sua volta. Na verdade Annie está na busca de sua identidade e para isso ela precisa se rebelar contra as estruturas dominantes que a cercam. Primeiramente temos a mãe, figura que ensina os filhos a perpetuar os costumes previamente estabelecidos; em segundo temos a escola, que ensina a ‘história’ do ponto de vista do colonizador-vencedor; por último temos a própria sociedade, que ensina seguir as regras pré-estabelecidas. Annie assume uma identidade rebelativa contra toda essa realidade, e sua postura frente à realidade culminará em sua partida.

Davies considera que *“the construction of home as problematic space calls into question the notion of stable, continuous identities. For home is often situated as the site of calm, security and comfort”*⁶⁵ (1994, p.65). No entanto ao analisarmos esse romance perceberemos o quanto o sentimento de calma, segurança e conforto podem ser substituídos pela confusão, abandono e desconforto. É assim que a personagem se sente durante toda a narrativa e somente quando ela percebe que precisa encontrar seu lugar no mundo é que ela sente um pouco de paz.

⁶⁴ “Eu não queria ir para a Inglaterra, eu não queria ser uma enfermeira, mas eu tinha escolhido partir para viver numa caverna e manter uma casa para sete homens rebeldes em vez de continuar minha vida como ela estava.”

⁶⁵ “a construção do lar como espaço problemático levanta a questão das identidades estáveis, contínuas. Porque lar às vezes é situado como um lugar de calma, segurança e conforto.”

Ao encarar este romance como sendo um romance de formação seremos capazes de entender que o medo que Annie sentia de separar-se da mãe, que posteriormente será substituído pelo desejo de afastar-se dela, é o ponto-chave da narração e eleva-a um romance de transformação porque é ao mudar de atitude que Annie cresce enquanto indivíduo. A escolha de sair de casa e ir para outro país está inevitavelmente envolta pelos sentimentos ambíguos que a personagem carrega; Annie quer afastar-se de uma vez por todas da mãe, apesar de continuar sentindo um amor profundo pela mesma, além disso, com o decorrer da narrativa encontramos uma personagem que deseja trilhar um caminho próprio, redefinindo sua trajetória através do afastamento de sua terra natal.

Capítulo II:

A Migração de Lucy como um caminho para a Libertação

“Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-Nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo.” (Stuart Hall)

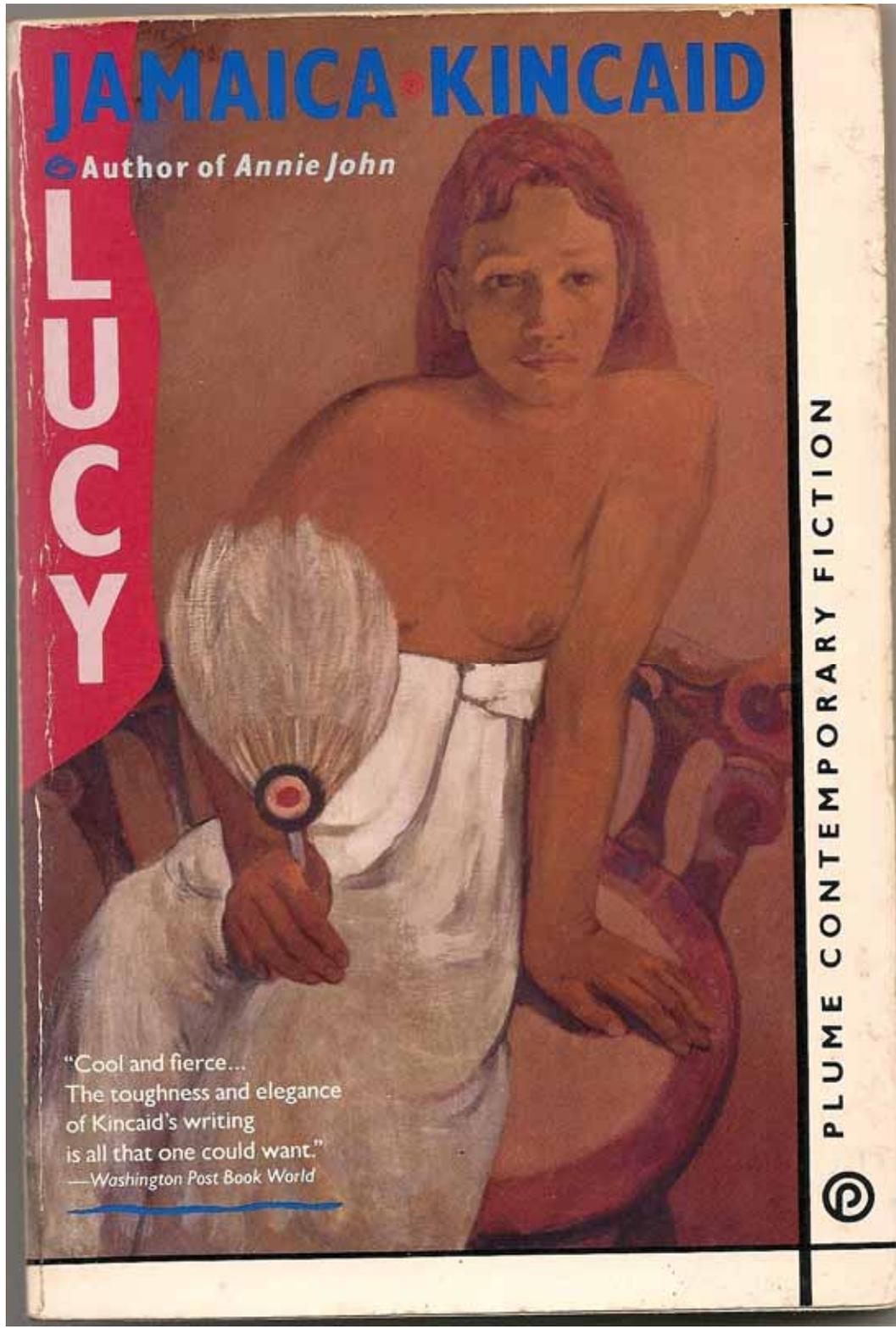


Figura 5

2. A Migração de Lucy como um caminho para Libertação

Jamaica Kincaid explora em suas obras temáticas significativas no que concerne à formação do indivíduo através da mudança de perspectiva frente a conceitos institucionalizados, tais como migração, nação, sexualidade, entre outros. Por essa razão a busca por uma identificação aparece tão recorrentemente na obra kincaidiana não como um constructo isolado, mas sim como uma rede de negociação do indivíduo com ele mesmo e com elementos externos (família, escola, convívio social como um todo) durante toda sua vida.

Neste capítulo analisaremos o romance *Lucy* (1990), buscando observar o desenvolvimento da representação feminina da personagem, levando em consideração questões relacionadas à família, sexualidade, nação, a fim de entender a construção dessa identidade. Assim será possível refletir a postura que a protagonista do romance apresenta, o desejo de liberdade e a contrariedade em relação ao discurso e opressão hegemônicos, estes que aparecem nesse contexto como elementos indispensáveis neste constructo identitário.

Para Gebert, "*Lucy could be viewed as Kincaid's first truly mature work of fiction*"⁶⁶ (1999, p. 118), este fato pode ser explicado graças à forma primorosa com que a escritora mescla os elementos autobiográficos e os elementos ficcionais à sua obra, proporcionando uma narrativa intensa e harmoniosa. O romance *Lucy* pode ser visto como um aprimoramento das questões já trabalhadas no primeiro romance de Kincaid, *Annie John* (1985), analisado no capítulo anterior, mas ao nosso ver *Lucy* dá um passo adiante porque problematiza o conflito identitário enfrentado pela personagem enquanto ela está longe de casa, a narrativa então aparece como o resultado do processo de migração da qual Lucy participa, bem como de seus desdobramentos; nesse caso "*Lucy's search for a sense of belonging leads to her disturbing reflections about nature of 'home' and attempts to establish a new homeland in a foreign country*"⁶⁷ (EDWARDS, 2007, p. 9). A narradora Lucy tem que

⁶⁶ "*Lucy* poderia ser vista como o primeiro trabalho de ficção de Kincaid verdadeiramente maduro"

⁶⁷ "A busca de Lucy por um senso de pertencimento conduz para ela reflexões perturbadoras sobre a natureza do 'lar' e ataca o estabelecimento de uma nova pátria num país estrangeiro."

lidar com os conflitos gerados com a situação e a ambiguidade de sentimentos que tem pela sua terra natal e seu novo lar. É através desses conflitos que a personagem desenvolve sua identidade e aos poucos amadurece.

2.1 *Lucy*: um romance de migração

A migração faz parte da história da humanidade e pode ser explicada por causas internas ou externas, desastres naturais, problemas socioeconômicos etc., o objetivo maior sempre é uma melhoria de vida para o sujeito (e às vezes à família a que pertence) que se desloca. Devemos levar em consideração que o ato de mover-se de um lugar para o outro é uma característica bastante comum da globalização contemporânea e esse movimento carrega consigo sentimentos bastante conflituosos: a saudade de casa, a não adequação ao novo lar, o desejo de se estabelecer ao lado do desejo de voltar. A diáspora caracteriza-se justamente por esse conflito:

A existência diaspórica, portanto, designa um entre-lugar caracterizado por desterritorialização e reterritorialização, bem como pela implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá. Neste sentido, os que vivem na diáspora (migrantes, imigrantes, exilados, refugiados, *Gastarbeiter*, entre outros) compartilham uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva, caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de pensar e agir. Membros de uma diáspora habitam línguas, histórias e identidades que mudam constantemente. (WALTER, 2009, p. 43)

A personagem Lucy se encontra nesse entre-lugar que se estabelece entre o aqui/nova realidade (Estados Unidos) e o lá/o que ficou para trás (terra natal). Essa realidade cria uma dubiedade de sentimentos que aparece logo no início da narrativa, quando Lucy afirma que tudo o que ela esperava em relação ao seu novo

lar não passava de uma “*fixture of fantasy*”⁶⁸ (KINCAID, 1990, p. 4), e apesar da tristeza que a personagem sente por causa do frio dos Estados Unidos, que contrasta com o calor de sua terra natal; e da decepção ao ver a realidade, que contrasta com as fotos de revista, Lucy está decidida em não voltar mais para casa.

Alguns autores falam em literatura migrante como o conjunto de textos que são desnudados a partir da perspectiva do migrante. Consideramos este um romance de migração por que ele traduz as experiências de Lucy através de sua postura enquanto ser resultado de uma migração⁶⁹, nele vemos os estágios que a personagem vivencia em sua busca por liberdade, liberdade das influências da mãe e também da própria terra natal. Podemos entender a diáspora como um dos efeitos relacionados à realidade de opressão vivenciada pelos povos colonizados (a própria Kincaid é resultado dessa realidade⁷⁰). Durante todo o século XX indivíduos migram para as metrópoles com a expectativa de encontrar melhores condições de vida⁷¹; esse deslocamento não só se refere à realidade física como também a realidade psicológica, pois o sujeito que se afasta de sua terra sente que perde suas raízes e ao mesmo tempo não é capaz de criar novas raízes no novo ambiente, tendo que passar por um longo e doloroso processo de adaptação à nova realidade.

No caso do romance *Lucy* podemos destacar três tipos de deslocamento. O primeiro que fica aparente é o ‘físico/geográfico’, pois Lucy sai de sua terra natal (Antígua) em direção aos Estados Unidos, e percebe que há todo um oceano que a separa de seu verdadeiro lar. Podemos dizer que essa é a parte mais óbvia do processo, pois é o primeiro estágio, mas também é importante perceber o quanto esse deslocamento gera outros. O segundo deslocamento é o que chamaremos de ‘psicossocial’, traduzido pelo desejo da personagem de afastar-se de tudo o que lhe desagrada no sistema opressor presente em sua terra (graças ao sistema

⁶⁸ “Mistura de fantasia.”

⁶⁹ Essa ideia é corroborada pelo fato de a narrativa ser em primeira pessoa e principalmente com uma narradora que é a própria protagonista da história. Kincaid utiliza-se do artifício de apresentar uma personagem protagonista que narra sua própria história como forma de dar poder, de dar voz à sua própria realidade.

⁷⁰ A experiência diaspórica de Kincaid, que sai de um país do Caribe com história colonial (a colonização britânica só acaba em 1967, 2 anos após a migração da escritora) para o maior centro da América do Norte transparece com grande força nesse romance. Assim como Lucy, Kincaid precisou se adaptar à nova realidade e assumir suas próprias escolhas.

⁷¹ Nos referimos aqui ao conceito desenvolvido por Spivak (1996) de diáspora transnacional, um movimento migratório específico principalmente da África, Ásia e Caribe que tem como objetivo a fuga de guerras civis, busca por emprego e comida.

colonizador que ela presenciou durante sua infância, somado ao sistema patriarcal). Por fim, podemos caracterizar mais um tipo de deslocamento, que classificaremos de 'psico-familiar'; Lucy necessita se separar das amarras patriarcais, presentes essencialmente na figura submissa da mãe, com o intuito de construir e (a)firmar sua identidade⁷², afastando-se assim da figura inferiorizada e inferiorizante da mulher. Fica evidente que, no caso da personagem Lucy, a migração é explicada por uma soma de fatores que dizem respeito ao desejo da personagem de romper com o sistema hegemônico.

Outra característica importante a ser destacada aqui é que a migração proporciona ao sujeito um entre-lugar, ou, como chama Bhabha (1996), um terceiro espaço, no qual existe um entrelaçamento entre a enunciação do passado e a enunciação do presente⁷³. Nesse caso há de se levar em conta que *"Migration creates the desire for home, which in turn produces the rewriting of home (...). Still home is a contradictory, contested space, a locus for misrecognition and alienation"*⁷⁴ (DAVIES, 1994, p. 113). Nessa re-escritura temas como a infância são recorrentes; durante toda a narrativa, Lucy é facilmente encontrada nesse entre-lugar/terceiro espaço, visitando constantemente o passado e trazendo-o de volta para o presente, às vezes com saudade e amor, às vezes com ódio e rancor, afinal, para Lucy, *"There was nothing so strange about this, for isn't it so that love and hate exist side by side?"*⁷⁵ (KINCAID, 1990, p. 20) Essa dubiedade de sentimentos vale tanto para pessoas como para situações, da mesma forma que Lucy lembra-se da mãe com carinho e com raiva, ela também recorda de sua terra natal e de eventos que aconteceram em sua vida; essa altercação permeará todo o romance, fazendo com que a personagem reflita e questione sua condição constantemente, no fim das contas Lucy percebe que por mais ressentimentos que possa sentir ela nunca será capaz de afastar-se de suas raízes completamente, mas escolhe continuar longe de casa para que possa alcançar suas próprias conquistas. Lucy só caminha para o futuro quando reflete sobre seu passado porque é a partir do entendimento do

⁷² Lucy confirma seu medo de igualar-se à mãe em diversos momentos.

⁷³ Nesse caso a memória passa a cumprir um papel imprescindível porque a memória é o elo entre passado e presente, graças ao processo de rememoração que o sujeito é capaz de manter suas raízes apesar de todas as adversidades.

⁷⁴ "A migração cria um desejo pelo lar, que produz a reescrita do lar (...). Ainda assim o lar é um lugar contraditório, contestado, um local para desconhecimento e alienação"

⁷⁵ "Não havia nada tão estranho quanto isso, amor e ódio não podem existir lado a lado?"

passado que a personagem consegue entender a si mesma e o mundo que está a sua volta; todos os conflitos vividos por Lucy fazem parte do caminho trilhado por Lucy para se conhecer e se libertar.

Por fim, sentimos que Lucy é uma migrante não só quando chega aos Estados Unidos e se estabelece numa casa de família para cuidar de quatro crianças, mas também quando decide mudar de vida mais uma vez. Lucy sai da casa de seus patrões Lewis e Mariah, onde trabalhava de babá, e vai para um apartamento com a amiga Peggy; além disso, ela desiste do curso de enfermagem para se dedicar à fotografia e a um novo emprego. Essas mudanças, que podem ser chamadas de ‘migração emocional’, ocorrem quando Lucy percebe que sua vida não é como ela queria que fosse quando saiu de casa, pois até esse momento Lucy, mesmo longe, continuava atendendo as expectativas da mãe. Era importante para ela viver a vida de seu jeito e ter suas próprias coisas⁷⁶ e, mais do que tudo, escolher sempre seu próprio caminho.

Ao chegar a seu novo destino, Lucy tem uma sensação ambígua: ao mesmo tempo em que sente saudade de casa e do calor que sua terra emana, a personagem sente-se desconfortável com o frio que a persegue em seu novo lar. Esse sentimento de desconforto demonstra o quanto é difícil afastar-se de casa e dos laços em que o indivíduo está envolvido desde o momento do nascimento. Por essa razão, quando Lucy acompanha a família de Mariah à casa do lago, tem uma sensação diferente:

*From my room I could see the lake (...). I slept peacefully, without any troubling dreams to haunt me; it must have been that knowing there was a body of water outside my window, even though it was not the big blue sea I was used to, brought me some comfort.*⁷⁷ (KINCAID, 1990, p. 35)

Estar perto do lago a faz sentir perto do mar, perto de casa; a faz lembrar-se das coisas boas que viveu, é o conforto da lembrança de casa que a deixa em paz,

⁷⁶ “I should make sure the roof over my head was my own; such a thing was important, especially if you were a woman.” (Kincaid, 1990, p. 144). “Eu deveria ter certeza que o teto acima da minha cabeça era meu, esse tipo de coisa era importante, especialmente se você for uma mulher.”

⁷⁷ “Do meu quarto eu podia ver o lago (...). Eu dormi calmamente, sem sonhos perturbadores para me assombrar; deve ter sido por saber que havia um corpo de água do lado de fora da minha janela, ainda que não fosse o mar grande e azul que eu costumava ver, me trouxe algum conforto.”

porque sua terra natal é o mundo que Lucy verdadeiramente conhece e com o qual se identifica. É difícil sair dessa redoma de conforto e se abrir para outros mundos; ao mesmo tempo, criar novas raízes mostra-se altamente doloroso, principalmente no começo. Logo quando narra sua chegada ao novo país, Lucy sente que o deslumbre que ela experimentava acaba assim que ela olha ao seu redor, *“Now that I saw these places, they looked ordinary, dirty, worn down”* e por isso demonstra um sentimento negativo em relação à sua nova realidade: *It was not my first baut with the disappointment of reality and it would not be my last”*⁷⁸ (idem, p. 4), o que é comum entre as pessoas que migram. Assim como essas pessoas, Lucy se depara com o mundo real, que é completamente diferente do mundo idealizado das revistas e dos livros que costumava ler quando estava na Antígua.

A narrativa aborda com grande sensibilidade o processo de adaptação do sujeito migrante, mostrando-nos como Lucy passa a lidar com suas frustrações e lembranças, e como aos poucos vai criando identificação com seu novo lar. Percebemos que, durante esse processo de adaptação, a personagem amadurece e o contexto construído não é apenas de migração, mas também de ‘migra-ção’, ou seja, Lucy não só se desloca de um lugar para outro, ela também age em relação aos seus sentimentos e expectativas a fim de que a adaptação torne-se real; o processo não é simples, porque envolve muito conflito e necessita de movimento e ação, mas é através dele que a personagem passa a ser capaz de lidar com as diferenças e frustrações e assim firmar sua identidade.

A escolha de Lucy em se afastar de sua terra natal entrelaça-se com o desejo de se afastar da mãe, prova de que na obra Kincaidiana “as relações problemáticas entre mãe/filha e colonizador/colonizado são entrelaçadas, ambas inscritas e imbuídas das correlações de sexualidade, poder e políticas de migração” (WALTER, 2009, p. 175). Todas essas problematizações são importantes para que haja uma negociação entre a identidade ‘deixada em casa’ e a identidade ‘construída fora dela’. Quando falamos em lar, referimo-nos ao mesmo tempo ao lugar de onde o indivíduo veio e de que família ele veio. Lucy precisa lidar com isso como parte do processo da migração.

⁷⁸ “Agora que eu vi esses lugares, eles pareciam medíocres, sujos, estragados” e “Não era minha primeira luta com o desapontamento da realidade e não ia ser a última”

2.2 Relação Mãe-Filha: a busca por uma identidade própria

A migração se constitui no movimento de sair de um lugar para outro, entretanto nem a distância física nem a distância geográfica são capazes de aliviar as tensões desenvolvidas por Kincaid entre Lucy e sua mãe, isso explica a tentativa de Lucy em estabelecer uma distância emocional em relação à sua genitora. As atitudes da personagem podem ser explicadas pela vontade de encontrar um caminho próprio, e este, por sua vez, é trilhado levando em consideração os ressentimentos que Lucy carrega; a força desse sentimento aparece, por exemplo, quando Lucy compara a sua visão de mundo com a de Mariah: *"It wasn't my fault. But nothing could change the fact that where she saw beautiful flowers I saw sorrow and bitterness. The same thing could cause us to shed tears, but those tears would not taste the same"*⁷⁹ (KINCAID, 1990, p. 30). Vê-se aqui o quanto o lugar de que cada uma veio influi sobre o modo de ver a vida: enquanto Mariah faz parte dos 'vencedores', Lucy faz parte dos 'vencidos'⁸⁰; enquanto Mariah tinha uma visão positiva e por vezes inocente da vida⁸¹ (já que nunca precisou fazer grandes esforços e foi criada num ambiente de harmonia) Lucy, mesmo com pouca idade, já é capaz de afirmar: *"That life might be cold and hard would not surprise me"*⁸² (idem, p. 153), seus olhos estão acostumados com o mundo real, não com o mundo de contos de fada⁸³.

Acabamos por descobrir essa personagem que tenta conviver com as tensões que brotam dentro dela com o intuito de amadurecer seu eu interior. De fato, são essas tensões – que estão em constante conflito – as responsáveis pelo amadurecimento da personagem. Uma tensão que é abordada com bastante

⁷⁹ "Não era minha culpa. Mas nada podia mudar o fato de que onde ela via lindas flores eu via tristeza e amargura. A mesma coisa podia nos fazer derramar lágrimas, mas aquelas lágrimas não teriam o mesmo sabor"

⁸⁰ Já no romance *Annie John* Kincaid aborda essa visão dos colonizadores como sendo os vencedores, no episódio que Annie fala sobre mestres e escravos (KINCAID, 1985, p. 76) a personagem deixa claro qual é o lugar de cada um na história.

⁸¹ Essa inocência seria a explicação para o fato de Mariah não saber nada sobre o envolvimento amoroso entre o seu esposo Lewis e sua melhor amiga Dinah.

⁸² "Que a vida podia ser fria e dura não era uma surpresa para mim."

⁸³ Contrastando com a inocência apresentada por Mariah, Lucy logo descobre o envolvimento amoroso do patrão.

intensidade no decorrer do romance diz respeito à relação que Lucy tem com sua mãe. Por mais que esteja longe fisicamente e mesmo sem abrir as cartas enviadas pela mãe, ela está presente em vários momentos, revelando o objetivo de Lucy: liberdade. Um de seus principais conflitos era tentar separar-se da mãe e do que ela representava, Lucy chega a afirmar que *“I had spent so much time saying I did not want to be like my mother that I missed the whole story: I was my mother”*⁸⁴ (idem, p. 90). Este trecho demonstra claramente o quanto a ideia de pertencimento abala Lucy, saber que o sangue que corre em suas veias pode aproximá-la ainda mais dos comportamentos da mãe, o que a deixaria à mercê das normas pré-estabelecidas, é o que dá força para Lucy em sua jornada de migração e autoconhecimento.

Depois de descobrir que seu pai morreu, em uma de suas conversas com Mariah⁸⁵, sabemos o motivo principal do abismo que se formou entre mãe e filha: Lucy sentiu-se profundamente desprezada depois do nascimento de seus três irmãos, e a postura da mãe acentuou ainda mais este sentimento. Enquanto o futuro dos irmãos era pensado com grandiosidade, o seu era deixado de lado, e a mãe, que a conhecia tanto, nada fez para impedir isso. Aqui Lucy mostra o divisor de águas em seu relacionamento com a mãe: *“I then began to call her Mrs. Judas, and I began to plan a separation from her that even then I suspected would never be complete.”*⁸⁶ (idem, p. 130-131) Por mais que o desejo de se afastar pudesse ser explicado pelo sentimento de abandono sentido por Lucy, precisamos ir mais além: Lucy buscava, através de sua separação físico/geográfica, afastar-se também do exemplo da mãe, ou seja, livrar-se do jugo patriarcal, já que “Uma mulher torna-se mulher ao seguir os passos da mãe” (ROSALDO & LAMPHER, 1979, p. 45). Lucy propõe uma ruptura radical ao desvincular-se do modelo materno para construção de sua identidade enquanto mulher. Temos nesse ato de rompimento o que podemos chamar de uma quebra no ciclo ininterrupto responsável pela manutenção do patriarcalismo na sociedade, cuja peça-chave é claramente a figura da mãe, uma

⁸⁴ “Eu passei tanto tempo dizendo que eu não queria ser como minha mãe que eu esqueci da história completa: eu era minha mãe.”

⁸⁵ É interessante notar que todas as vezes que Lucy e Mariah têm uma conversa mais profunda o cenário que aparece é a cozinha. Vale lembrar que, por muito tempo, era a cozinha o lugar tido como o território da mulher, é nesse espaço que as personagens parecem se sentir mais próximas, como se na cozinha elas estabelecessem um elo que as deixam compatíveis.

⁸⁶ “Então eu comecei a chamá-la de senhora Judas, e eu comecei a planejar uma separação dela que mesmo que eu imaginasse nunca seria completa.”

vez que ela está incumbida de 'educar os filhos para a vida e as filhas para a subserviência'.

Ao dizer *"I was not good at taking orders from anyone, not good at waiting on other people. Why did someone not think that I would make a good doctor or a good magistrate or a someone who runs things?"*⁸⁷ (KINCAID, 1990, p. 92) nossa personagem não só questiona a postura dos pais em relação ao seu futuro, mas também a postura da própria sociedade, que destina à mulher subordinação total ao homem. Tavares pontua que "A característica mais nítida do poder patriarcal é a dominação hierárquica" (2008, p. 228). Esse poder verticalizado necessita de dois eixos: o homem fica posicionado no eixo superior, dominante; enquanto a mulher permanece no eixo inferior, dominado⁸⁸. A dominação hierárquica aparece também em várias relações humanas, incluindo a familiar, que acaba sendo uma das responsáveis pela manutenção desta ideologia⁸⁹. Por essa razão, não é de se estranhar que os irmãos de Lucy tenham tido uma educação diferente, que as expectativas em relação a eles fossem diferentes; a questão a ser destacada aqui é a decepção de Lucy, que ocorre não por causa do pai, afinal ela não esperava que ele a entendesse, mas por causa da mãe:

*and whenever I saw her eyes fill up tears at the thought of how proud she would be at some deed her sons had accomplished, I felt a sword go through my heart, for there was no accompanying scenario in which she saw me, her only identical offspring, in a remotely similar situation.*⁹⁰ (KINCAID, 1990, p. 130)

Lucy enxergava sua mãe como sendo igual a ela, logo a atitude complacente da mãe com os irmãos de Lucy a surpreende, a faz sofrer; antes mesmo de decidir

⁸⁷ "Eu não era boa em receber ordens de ninguém, nem boa em esperar por outras pessoas. Por que ninguém pensava que eu daria uma boa médica ou uma boa magistrada ou uma pessoa que faz coisas?"

⁸⁸ Essa verticalização pode ser materializada inclusive na relação sexual.

⁸⁹ O grande perigo aqui diz respeito à naturalização das ações que levam o indivíduo no caminho da dominação hierárquica. Sarti (2001) fala que ao internalizar o discurso dominante o dominado torna-se cúmplice desta dominação; é o mesmo que diz Sartre (apud BEAUVOIR, 1980) ao afirmar que somos metade vítimas metade cúmplices; entre outros que adentram nessa temática. É justamente contra essa naturalização que Lucy luta, mostrando consciência de si mesma e de suas ambições em relação ao lugar em que quer chegar.

⁹⁰ "e sempre que eu via os olhos dela encherem de lágrimas ao pensar em quão orgulhosa ela estaria de algum feito que os filhos dela tinham realizado, eu sentia uma espada atravessar o meu coração, pois não havia nenhum cenário em que ela me visse, sua única descendência idêntica em uma situação remotamente familiar."

sair de casa ela já se sentia ausente, como uma excluída. O comportamento da mãe em relação à educação dos filhos, distinguindo-os pelo sexo, pode ser justificado se utilizarmos a ideia de Beauvoir sobre o que é ser mulher: “É aceitar-se como outro (...). É transferir a tua realização individual e te realizar através de outrem. É por-se em segundo plano” (in ALBORNOZ & CARRION, 1985, p. 99); nesse caso é comum que a mãe identifique-se com a filha, e, por isso, vai reproduzir nela sua condição inferiorizada; no caso dos filhos é diferente: a mãe projeta neles tudo que não é (sente-se) capaz de fazer.

O afastamento da personagem é responsável pela visão lúcida que Lucy carrega com relação à postura materna; ela passa a relacionar o comportamento de Mariah com o de sua mãe, e acaba percebendo o vício que ambas carregam: o desejo de criar uma cópia/eco de si mesma: “*I had come to feel that my mother’s love for me was designed solely to make me into an echo of her*”⁹¹ (KINCAID, 1990, p. 36). Lucy não tem pretensão de se deixar ser a reprodução de alguém, muito menos alguém que não admira.

A reação de Lucy frente à ‘traição’ da mãe é a principal explicação para o afastamento das duas, Lucy sabe que tem direito a ter um futuro promissor, mas não encontra terreno fértil para que as oportunidades apareçam junto de sua família. Lucy enfrenta uma jornada tortuosa para construir uma identidade livre da subordinação, e por isso precisa manter-se afastada da mãe; mesmo assim ela não é capaz de parar de pensar na genitora através da figura de Mariah: “*The times that I loved Mariah it was because she reminded me of my mother. The times that I did not love Mariah it was because she reminded me of my mother*”⁹² (idem, p. 58), o que demonstra que existe amor da personagem para com a mãe, mas que a consciência do que é certo e errado nos atos desta suplantam qualquer chance de reaproximação.

Não há dúvida do sofrimento pelo qual Lucy passa para manter-se afastada dos laços maternos. Com a descoberta da morte de seu pai, Lucy se prontifica a ajudar financeiramente a mãe, mas não cede ao desejo dela de voltar para casa,

⁹¹ “Eu tinha começado a sentir que o amor de minha mãe por mim era exclusivamente intencional para me fazer um eco dela”

⁹² “As vezes que eu amava Mariah era porque ela me lembrava a minha mãe. as vezes que eu odiava Mariah era porque ela me lembrava a minha mãe.”

porque sabe o que a espera – a estagnação social. Talvez um dos momentos mais angustiantes do texto se materializa quando Lucy resolve escrever uma carta para a mãe, algo que ela não fazia, despejando todo seu ressentimento sobre as escolhas feitas pela mãe e, mais que isso, questionando-a sobre as escolhas feitas para ela. Lucy escreve:

I pointed out the ways she had betrayed herself. I said I believed she had betrayed me also, and that I knew it to be true even if I couldn't find a concrete example right then. I said that she had also acted like a saint, but that since I was living in this real world I had really wanted just a mother. I reminded her that my whole upbringing had been devoted to preventing me from becoming a slut; I then gave a brief description of my personal life, offering each detail as evidence that my upbringing had been a failure and that, in fact, life as a slut was quite enjoyable, thank you very much. I would not come home now, I said. I would not come home ever.⁹³ (KINCAID, 1990, p. 127-128)

É um desabafo comovente de uma jovem que buscava o reconhecimento da mãe até perceber que ele nunca viria. Nesse pequeno trecho, entendemos o ressentimento de Lucy por não encontrar na mãe o que procurava; por receber da mãe apenas lições superficiais sobre a vida, que dizem muito mais respeito à imagem que se deve passar para o outro do que a imagem do que você realmente é ou daquilo a que aspira ser. Mesmo sentindo-se no direito de indagar a mãe por suas ações, Lucy supera seus sentimentos e oferece-lhe um alento, dizendo que vai voltar para casa (o que não é sua intenção).

Aparentemente pode ser apenas ódio o motivo da saída de Lucy e sua decisão de não voltar para casa após a morte do pai. Como sempre, as aparências enganam. A decisão da personagem vai além do ódio, pois ela mantém um amor profundo pela mãe, mas é esse mesmo amor que a enfraquece na medida em que, através dele, suplanta-se o desejo por si e transfere-se para o desejo do outro; o mesmo amor Lucy também sente por sua terra, e por isso ela mesma afirma seu

⁹³ “Eu salientei as maneiras que ela traiu a si mesma. Eu disse que acreditava que ela tinha me traído também, e que sabia que para ser verdade mesmo que eu não pudesse encontrar um exemplo concreto em seguida. Eu disse que ela também tinha agido como uma santa, mas que desde que eu estava vivendo num mundo real eu queria apenas uma mãe. Eu a lembrei que minha criação inteira tinha sido devotada a me impedir de tornar-me uma puta; então eu dei uma breve descrição da minha vida pessoal, oferecendo cada detalhe como evidência que minha criação tinha sido um fracasso e que, de fato, a vida como uma puta era bastante agradável, muito obrigada. Eu não voltaria para casa agora, disse. Eu não voltaria para casa nunca.”

desejo de ser enterrada lá, no calor do lar, já que não suportaria morrer num lugar tão frio (idem, p. 141).

2.3 A sexualidade em Lucy: uma prova de poder

Nas mais diversas manifestações culturais, a figura feminina é depreciada e considerada frágil. A principal forma de perpetuar esse conceito é através da educação de meninos e meninas, fazendo-os interiorizá-lo como uma verdade imutável. A sexualidade passa a ser, nesse terreno, uma semente fundamental para que a identidade feminina seja desenvolvida, para que a mulher seja considerada como um ser frágil e dependente. Para Beauvoir (1980) o corpo precisa representar um instrumento de libertação e não de opressão; ao aguçar a sexualidade feminina, fazendo a mulher entender a relação com seu corpo como algo natural, ela seria capaz de se sentir mais à vontade, deixando sentimentos negativos e inferiorizantes de lado. Sendo assim o desenvolvimento da sexualidade de Lucy pode ser entendido como uma ferramenta de descoberta para um mundo diferenciado daquele que é apresentado pela educação patriarcal, capaz de levar a personagem à liberdade pretendida. Há várias passagens no romance que mostram que Lucy é desinibida e se envolve facilmente com os homens que a interessam, demonstrando não sentir-se culpada por seguir seus desejos. Para a personagem, sua sexualidade é um sinônimo da busca por prazer e satisfação⁹⁴. Uma das provas disso é a passagem em que Lucy narra sua primeira relação sexual:

I did not care about being a virgin and had long been looking forward to the day when I could rid myself of that status, but when I saw how

⁹⁴ Dessa forma, a sexualidade acaba por se tornar um elemento poderoso para Lucy, porque a liberta do jugo patriarcal.

*much it mattered to him to be the first boy I had been with, I could not give him such a hold over me.*⁹⁵ (KINCAID, 1990, p. 82-83)

A consciência de Lucy acaba por quebrar um dos principais tabus da sociedade patriarcal: a importância da virgindade para a mulher⁹⁶. No trecho acima, a personagem kincaidiana mostra tranquilidade ao falar sobre a perda de sua virgindade como algo natural⁹⁷, e, mais que isso, prova seu sentimento de conforto e segurança em relação à sua sexualidade. Lucy demonstra consciência de que “o corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder. A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade” (BUTLER, 2003, p. 136); por essa razão, quando Lucy percebe que seu parceiro encara a relação como uma espécie de troféu, ela se afasta dele, pois entende a situação e não quer se deixar subjugar.

Um ponto forte na personalidade de Lucy é a facilidade que ela tem para se envolver fisicamente, o que demonstra que sua decisão em não investir em qualquer relacionamento convencional é proposital. Ela sente que, ao se envolver emocionalmente com alguém, estaria à mercê dos desejos de outro. ‘Pertencer’ a alguém não estava nos planos de Lucy; podemos comprovar essa aversão por um relacionamento convencional quando a personagem expressa o que sente com a ideia de posse: *“That was the moment she got the idea he possessed me in a certain way, and that was the moment I grew tired of him”*⁹⁸ (KINCAID, 1990, p. 155). O desejo de não ser possuída por ninguém é a explicação mais óbvia para os envolvimento que Lucy narra; além dessa explicação, podemos considerar que a escolha da personagem comprova que ela tem uma sexualidade bem definida e que

⁹⁵ “Eu não me importava por ser uma virgem e não estava ansiosa pelo dia quando eu poderia me livrar desse status, mas quando eu vi quanto importava para ele ser o primeiro garoto com quem eu tinha estado, eu não podia dar para ele tal poder sobre mim.”

⁹⁶ Esse tabu foi desenvolvido há muito tempo, no entanto seu fortalecimento se deu no mesmo momento que surgiu o conceito de propriedade privada: com a importância da propriedade da terra o homem ganha mais espaço e a mulher passa a ser vista também como uma propriedade, sendo assim sua virgindade é direito do seu marido e o adultério é considerado um crime, já que o que é de posse de um homem não pode ser usufruído por outro.

⁹⁷ Como afirmamos, a educação da menina a prepara para a dependência e subordinação, sendo assim a jovem precisa esperar por aquele que terá a responsabilidade de cuidar dela e que, por isso, tem o direito de tê-la para si; afinal “a civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento” (BEAUVOIR, 1980, p. 112)

⁹⁸ “No momento em que houve a ideia que ele me possuía de uma certa forma, e aquele foi o momento em que eu me cansei dele”

por isso vale por si só. Convencionalmente, *“the notion that woman is constructed as living the gift or donation of herself to the fulfillment of all others’s desires and needs – i.e., to making everyone else happy – is an originary myth that is still in need of deconstruction.”*⁹⁹ (DAVIES, 1994, p. 28) Através dessa personagem, Kincaid desconstrói este mito de doação, ao revelar o desejo de Lucy em assumir suas próprias vontades e seguir seus próprios caminhos (ao abandonar o curso de enfermagem e mudar-se da casa de Mariah) Lucy dá um exemplo claro do que ela quer e do que ela é capaz de conseguir.

Lucy se relaciona com alguns homens durante a narrativa, sem jamais se apegar. O primeiro a ser mencionado é Hugh (irmão de uma amiga de Mariah). Lucy descreve tudo o que gosta nele e como ele a deixa confortável e feliz, *“For the first time in a long time, I began to look forward (...). I Just had a feeling, a wonderful feeling, inside of me”*¹⁰⁰ (KINCAID, 1990, p. 70). Mesmo com a certeza de Mariah sobre os sentimentos de Lucy em relação a Hugh, esta afirma categoricamente *“I was not in love”*¹⁰¹ (idem, p. 67); esse trecho deixa claro, mais uma vez, as posições contrárias entre Lucy e Mariah: enquanto a primeira tem uma visão realista de tudo o que está a sua volta, a segunda tem uma visão altamente romantizada da relação homem-mulher. Mariah é um exemplo clássico do convencionalismo patriarcal, que ensina a mulher a relacionar sexo com amor, com o intuito de fazê-la esperar pelo sexo assim como aguarda pelo ‘amor encantado’, enquanto o homem é livre para viver sua sexualidade.

Outro homem com quem Lucy se envolve mais intensamente chama-se Paul. Ela o conhece numa reunião em que está com sua melhor amiga Peggy, que logo a avisa sobre o mau caráter de Paul. Aparentemente isso só faz com que Lucy sintasse ainda mais atraída por ele e os dois começam um jogo de sedução. O sentimento de Lucy ao conhecê-lo prova sua ânsia de liberdade e seu desejo desinibido: *“when he held my hand and kissed me on the cheek, I felt instantly*

⁹⁹ “a noção de que a mulher é construída para viver como um presente ou uma doação de si mesma para o cumprimento dos desejos e necessidades de todos os outros – ou seja, para fazer todo mundo feliz – é um mito originário que ainda necessita de desconstrução”

¹⁰⁰ “Pela primeira vez em muito tempo, eu comecei a aguardar com interesse (...). Eu apenas tinha uma sensação, uma sensação maravilhosa, dentro de mim”

¹⁰¹ “Eu não estava apaixonada”

*deliciously strange; I wanted to be naked in a bed with him.*¹⁰² (idem, 1991, p. 97) A atração entre eles é tão forte que Lucy, pela primeira vez, chega a dar as costas à amiga para continuar a conversa com Paul, sem se importar com o que Peggy (ou a sociedade) tem a dizer. Mais uma vez Lucy utiliza-se do direito de fazer suas próprias escolhas.

Assim como ocorrera com Hugh, o relacionamento com Paul não tem grande importância para Lucy, no sentido de que eles não assumem um relacionamento sério. Podemos afirmar esse fato levando em consideração duas passagens distintas, que demonstram o desapego de Lucy, primeiro pela própria afirmação da personagem, quando esta diz *“I did not fall in love (...); what I wanted was to be alone in a room with him and naked”*¹⁰³ (idem, p. 100), e ainda quando Lucy vai para a cama com Roland (um sujeito que ela conhece quando vai comprar sua câmera fotográfica) e depois se encontra com Paul como se nada tivesse acontecido. Tanto no primeiro como no segundo caso, Lucy deixa transparecer a importância de satisfazer suas próprias necessidades, bem como a naturalidade em pensar sobre o assunto, que ainda é um tabu. Esses dois trechos mais uma vez demonstram que Lucy separa os conceitos de amor e sexo; para Beauvoir, é comum rotular a “mulher livre com mulher fácil, implicando a ideia de facilidade em uma ausência de resistência e de controle” (1980, p. 460). A nosso ver, a rotulação de mulher fácil não é para Lucy um problema, é apenas mais uma convenção social com o intuito de manter a dominação hierárquica.

Há outros que parecem ter representado ainda menos para a personagem, já que quase não aparecem na narrativa, mas que são provas irrefutáveis de que Lucy detém poder sobre si mesma e seus desejos e que busca, a todo momento, encontrar prazer sem ‘pertencer’ a ninguém.

Davies explica que *“the mother and the husband seem entrusted and empowered by society to translate the rules of patriarchy.”*¹⁰⁴ (1994, p. 69) Lucy, com certeza, não está interessada em fazer parte deste ciclo vicioso; assim como

¹⁰² “quando ele segurou minha mão e beijou-me na bochecha, instantaneamente eu me senti deliciosamente estranha; eu queria estar nua numa cama com ele”

¹⁰³ “Eu não me apaixonei (...); o que eu queria era estar sozinha e nua com ele num quarto”

¹⁰⁴ “a mãe e o marido parecem estar encarregados e autorizados pela sociedade de traduzir as regras do patriarcado.”

desenvolveu um muro de proteção contra a influência da mãe, Lucy também parece nutrir certo ressentimento pelos homens, para ela *“all men in general could not be trusted in certain areas”*¹⁰⁵ (KINCAID, 1990, p. 80). Através da descoberta do caso entre Lewis e a amiga de Mariah e da forma como Lewis trata sua esposa, Lucy comprova sua teoria. Esse ressentimento transparece em alguns momentos da narrativa, neles a personagem reflete as diferenciações existentes entre homens e mulheres. Um desses momentos acontece durante a visita de Lucy a um museu: ao pensar numa personalidade masculina encontrada no acervo, Lucy reflete sobre a posição do homem na sociedade, que sempre o cultivará como um herói (no caso de Lucy, uma mulher, essa glória não era possível).

Lucy conhece a diferenciação entre homens e mulheres não só pelo que lê nos livros e vê nos museus, mas a partir de sua experiência pessoal, desde a atitude do pai (que apoia o futuro dos filhos como pessoas importantes) até a atitude da mãe (que não só tem a mesma visão do pai como ensina a passividade à Lucy – já a partir da forma de falar). Em um trabalho anterior afirmamos que

A condição feminina perante a sociedade como um todo é de passividade; a partir do momento em que uma mulher quebra esse paradigma, mostrando-se ativa, é logo vista como ‘ovelha negra’. Essa passividade feminina transparece tanto no ato sexual como na relação social, e ela é cultivada inconscientemente, para que as mulheres possam acostumar-se e assim aceitar esta condição como verdadeira e normal, perpetuando-a. (in TAVARES, 2008, p. 146)

A mulher é criada para manter uma postura passiva diante de tudo que acontece, mas a atitude de Lucy rompe com qualquer prerrogativa porque não é de reprodução cega aos ensinamentos da mãe e da sociedade, é um ato consciente de tomar suas ações como suas e, mais que isso, agir de acordo com o que acredita.

A sexualidade de Lucy encontra-se num estágio maduro, a personagem é capaz de buscar satisfação num relacionamento não convencional e não criar expectativas acerca do parceiro. Apesar de ter adquirido a posse de sua independência e o poder de sua liberdade, Lucy apresenta um sentimento de ambiguidade, porque ainda sente a falta de algo; no final do romance, a personagem escreve abaixo de seu nome *“I wish I could love someone so much that I would die*

¹⁰⁵ “em geral todos os homens não podiam ser de confiança em algumas áreas.”

*from it*¹⁰⁶ (KINCAID, 1990, p. 164). Esse talvez seja o próximo passo a ser conquistado por Lucy: saber confiar. O fato é que a desconfiança de Lucy em relação aos homens é enorme e por isso é difícil para ela criar laços com um ser masculino; ao se referir a um homem no escritório em que trabalha, afirma que *“he and I should be friends also. But I did not know men very well then; the things I did know about them were not so very good”*¹⁰⁷ (idem, p. 159). O fato de não conhecer os homens ao fundo pode indicar

um procedimento que se tornou comum entre as mulheres de nosso tempo, que procuram neutralizar impactos emocionais decorrentes de seus encontros e desencontros amorosos, e com isso na verdade acabam vivendo numa espécie de limbo emocional. (HARRIS, 2004, p. 102)

Lucy pode fazer parte do grupo dessas mulheres pelo fato de que sua identidade ainda está em formação; a personagem passa por muitos momentos de conflito, talvez por essa razão Lucy enfrente dificuldades em se relacionar. Nesse caso, discordamos da ideia de que ela estaria num limbo emocional: levando em consideração sua situação e idade, Lucy aparenta estar num estágio inicial no processo de adaptação de novos tipos de relação.

2.4 O amadurecimento de Lucy através da diáspora¹⁰⁸

Nos tópicos anteriores, mostramos como a personagem Lucy trava uma verdadeira batalha com o intuito de se livrar das algemas da opressão (familiar, social, sexual). É nessa busca incansável por liberdade que a personagem começa a desenvolver sua identidade, e por isso esse momento gera grandes conflitos.

¹⁰⁶ “Eu gostaria de poder amar alguém tanto que eu poderia morrer por ele”

¹⁰⁷ “ele e eu deveríamos ser amigos também. Mas eu não conhecia os homens muito bem; as coisas que eu sabia sobre eles não eram muito boas”

¹⁰⁸ No livro *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, Hall (2003) confirma que a migração se tornou um tema comum nas narrativas caribenhas.

Lucy, de certa forma, pertence a dois mundos: sua terra natal (lugar que atrai saudade e ressentimento) e seu novo lar (que vê com olhar crítico e desconfiado); duas famílias: a antiga, com quem compartilha laços de sangue (aquela que ela busca afastar) e a nova família, com que passa a compartilhar laços de afeto (e que ela busca entender); e dois entendimentos: aquele que ela desenvolve quando ainda está em casa e um outro, mais complexo, que passa a construir a partir de suas novas experiências.

Stuart Hall (2006) apresenta a ideia de identidade não mais como sendo fixa e imutável, mas que está em constante movimento. Para ele, o indivíduo de hoje¹⁰⁹ está sujeito à negociação entre as mais diversas identidades, pois estas já não são mais unificadas, são plurais. Na narrativa analisada, Kincaid parece deixar claro o quanto somos, desde o nascimento, envoltos em um manto cheio de retalhos, cada um deles representando uma parte da identificação a que somos expostos ao longo da vida; Lucy precisa então superar o conflito identitário do qual participa para encontrar a si mesma.

Lucy assume a vontade de firmar sua identidade já a partir do momento que decide se afastar do contexto opressor que conhece; ela afasta-se da família (principalmente da mãe), mas também de sua própria terra natal¹¹⁰. Através desta separação física, a personagem vai em direção a uma separação ainda mais profunda, a psicológica, a fim de construir seu eu próprio. Mesmo sobre o desejo de afastar-se é importante ressaltar que este desligamento proposto por Lucy quando sai de seu país nunca é concretizado por completo, pois ela continua presa por suas raízes e principalmente por suas lembranças¹¹¹.

Esse processo de rememoração é indispensável para que ela desenvolva seu ser através do espaço criado a partir da relação entre o passado e o presente; segundo Silva “essa redescoberta do passado é parte do processo de *construção da*

¹⁰⁹ Hall (2006) definiu três tipos de sujeito de acordo com o período histórico: o iluminista (com uma identidade individualizada), o sociológico (tendo uma identidade dialogizante) e o pós-moderno (sem identidade fixa).

¹¹⁰ Davies afirma que “*Mother-daughter tensions are right at the center of the rewriting of home.*” (1994, p. 127-128) “Tensões entre mãe-filha são o centro da reescritura do lar.” A nosso ver essa centralidade demonstra também o quanto os laços de sangue equivalem aos laços de terra.

¹¹¹ No romance, Kincaid utiliza algumas ferramentas citadas por Davies (1994) como forma de reescritura, entre elas aparecem as cartas enviadas pela mãe e os momentos em que Lucy lembra-se de passagens de sua infância com a família.

identidade que está ocorrendo neste exato momento e ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise” (2001, p, 12). É por esse motivo que, ao mesmo tempo em que vemos a maneira saudosista com que a personagem nos fala, percebemos também sua raiva e ressentimento; essa mistura de sentimentos é responsável pela criação de um espaço novo, no qual Lucy será capaz de construir sua identidade, sem mentiras, sem omissões, apenas com a honestidade que a própria personagem desenvolve ao longo da narrativa.

Devemos compreender em que lugar Lucy se encontra, para que possamos visualizar melhor seus pensamentos e ações nos mais diversos momentos de sua jornada. Lucy é uma jovem de dezenove anos, que sai de uma pequena ilha, cujo poder referente ao colonizador deixou marcas indiscutíveis, e chega a um país desenvolvido em busca de melhores condições. A personagem entra em contato com outros contextos e passa a ser exposta a vários momentos identitários (que por vezes contrastam-se entre si), neles “o indivíduo vê-se diante da necessidade de hierarquizar e re-hierarquizar cotidianamente as suas identidades, e dar-lhes significado conforme o momento, procurando estabelecer um consenso” (CERRI, 2002, p. 30). É através desse processo de (re)hierarquização que Lucy edifica sua identidade – mas não podemos esquecer que esse é um processo conflituoso, que gera na personagem o sentimento de contradição; Lucy precisa superá-lo para seguir em frente.

Desde o início da narrativa, percebemos que a protagonista sofre com o frio que encontra nos Estados Unidos. Ela lembra que *“I was born and grew up in a place that did not seem to be influenced by the tilt of the earth at all; it had only one season – sunny, drought-ridden.”*¹¹² (KINCAID, 1990, p. 86) Mesmo tomando a decisão de não voltar para casa não consegue se desligar definitivamente da *“small island”*¹¹³ colonizada por britânicos e por isso afirma *“The ground would refuse me. To die in the cold was more than I could bear. I wanted to die in a hot place. The only hot place I knew was my home. I could not go home, and so I could not die yet”*¹¹⁴

¹¹² “Eu nasci e cresci num lugar que não parecia ser influenciado pela inclinação da terra de modo algum; tinha apenas uma estação – ensolarada, perseguida pela seca.”

¹¹³ “pequena ilha”

¹¹⁴ “O chão me recusaria. Morrer no frio era mais do que eu podia suportar. Eu queria morrer em um lugar quente. O único lugar quente que eu conhecia era minha terra natal. Eu não podia ir para casa, e por isso eu não podia morrer ainda”

(idem, p. 141). Conflito e ambiguidade tomam conta da jovem Lucy, que mesmo sem perceber assume uma postura de resistência ainda quando criança; a personagem escolheu o caminho da liberdade, mas essa escolha acarreta consequências que Lucy precisa aceitar. O fato de dizer que não pode morrer ainda porque o único lugar quente que conhece é seu lar demonstra que a personagem não é capaz de fugir de suas origens; mesmo alimentando-se de outros nutrientes as raízes continuam exercendo seu poder.

O sentimento de ambiguidade que acompanha Lucy também pode ser encontrado na sua relação com a mãe. Os momentos de recordação da personagem quando ainda vivia com os pais são uma mistura de amor e ressentimento; não há dúvida de que Lucy nutria grande saudade da mãe, assim como nutria saudade de sua pátria-mãe, no entanto a escolha feita pela personagem tem o intuito de se afastar da influência que a mãe poderia exercer sobre ela. Lucy afirma que

*That was not a figure of speech. Those thoughts would have come as a complete surprise to my mother, for in her life she had found that her ways were the best ways to have, and she would have been mystified as to how someone who came from inside her would want to be anyone different from her.*¹¹⁵ (idem, p. 36)

A figura da mãe costuma ser central para a formação da identidade da mulher, isso acontece porque geralmente existe uma identificação entre elas; Lucy chega a dizer que era igual a sua mãe, e esse é seu medo. Para a sua mãe nada mais natural que a filha seguisse seus passos e aprendesse as lições que ela ensina, já que esse é seu dever. Lucy vai contra tudo que a mãe representa, porque ela não está em busca de reprodução, cópia ou eco; seu desejo vai muito além do que a figura submissa da mãe pode lhe oferecer.

O lugar que a narrativa kincaidiana ocupa é privilegiado graças ao lugar em que a própria narradora se encontra; Trinh Minh-há afirma que “A partir do momento que uma participante de um grupo se posiciona fora do mesmo, ela deixa de ser apenas membro do grupo. Ela olha necessariamente de fora para dentro ao mesmo

¹¹⁵ “Não era uma figura de linguagem. Aqueles pensamentos teriam vindo para minha mãe como uma surpresa total; pois na vida dela ela tinha constatado que os seus caminhos foram os melhores caminhos para percorrer, e ela teria sido iludida como alguém que saiu de dentro dela gostaria de ser alguém diferente dela.”

tempo em que olha de dentro para fora” (1997, p. 415), o que causa a criação de um universo diferenciado em que é possível ter a visão de fora e de dentro e ao qual nomearemos ‘universo transcultural’. Caracterizamos o universo transcultural como sendo aquele lugar em que é possível estar em contato com dois mundos e, conseqüentemente, dois estilos de vida. É exatamente essa experiência que a personagem desse romance vive. A personagem cria uma espécie de hifenização¹¹⁶ entre Antígua-Estados Unidos para que ela possa transitar entre os dois mundos.

Lucy também está dividida no que diz respeito ao seu relacionamento com os homens. Tendo a consciência de que deve buscar sua própria satisfação ao invés de tentar completar o outro, Lucy desenvolve uma sexualidade madura, e também uma identidade feminina livre da ideologia opressora patriarcal. Ao colocar-se em primeiro lugar e questionar a posição de homens e mulheres, Lucy acaba por desconfiar também da relação entre homens e mulheres; por essa razão, ela mesma é a responsável por todos os rompimentos, porque não quer ‘pertencer’ a ninguém; mesmo com essa certeza Lucy ainda deseja amar.

Hall acredita que o sujeito de hoje carrega uma identidade não fixa, preferimos dizer que a personagem Lucy assume uma ‘identidade fracionada’, que é desenvolvida através do processo de rememoração, das conseqüências da migração, das experiências vivenciadas em culturas diferentes e das escolhas feitas durante a narrativa. Essa identidade fracionada de Lucy se sustenta graças ao fato da personagem viver num universo transcultural; e ao usarmos o prefixo ‘trans’ o fazemos por acreditar que nesse momento ele explique melhor a realidade da personagem. O universo transcultural estabelece-se através da mistura entre várias culturas e em vez de simplesmente fazer como o multiculturalismo, que reconhece a coexistência de muitas culturas ao mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico o transculturalismo¹¹⁷ revela a existência de fronteiras fluidas entre essas culturas,

¹¹⁶ O termo hifenização, também dá uma ideia de terceiro espaço; ao usar esse termo Derrida propõe que, ao por hífen entre as coisas possamos conectá-las, o hífen serve também para indicar uma multiplicidade de significações que as palavras que estão unidas carregam entre si (CORACINI, 2007), no caso específico desse romance podemos dizer que Lucy promove uma hifenização porque ela cria uma ponte que liga a Antígua com os Estados Unidos, é no meio dessa ponte que a personagem se encontra.

¹¹⁷ Transculturação foi o termo cunhado por Fernando Ortiz em 1940 com o objetivo de explicar o momento vivido por Cuba, que vivia uma série de transmutações culturais responsáveis pela evolução histórica do povo cubano. Com o tempo o conceito foi sendo desenvolvido e acabou sendo estendido para outros lugares – incluído a literatura (graças a Angel Rama) – com o intuito de mostrar

parece-nos, portanto, que o conceito de transculturalismo abarca o conceito de multiculturalismo¹¹⁸.

Vivemos numa sociedade que nos impõe verdades como sendo absolutas e “Kincaid, em toda a sua obra, desconstrói binarismos e relativiza qualquer verdade, negando a validade de respostas conclusivas.” (WALTER, 2009, p. 186) O exemplo que apresentamos neste capítulo mostra que o que é considerado como verdade tem várias facetas, que dependem do lugar de que se olha; essa personagem vive o presente passeando pelo passado, mas constrói seu futuro levando em conta cada parte de sua experiência. Enquanto romance de migração, *Lucy* enfoca não só o deslocamento geográfico, mas como ele é consequência de uma série de fatores e, mais que isso, que o processo de adaptação ao novo ambiente acontece através do diálogo entre passado e presente. A busca pela liberdade é aqui representada pela migração de Lucy, pelo seu desejo de movimentar-se não só para longe de suas origens, mas também para o entendimento de suas origens.

o trânsito real entre as culturas, que, nesse mundo globalizado, passam não só a interagir mas também a se chocar, dialogar e também criar novas raízes. Por essa razão podemos afirmar que, enquanto o multiculturalismo se estabelece como um mosaico entre culturas, o transculturalismo aparece como uma nova parede desconstruída e reconstruída levando em consideração cada parte das culturas envolvidas.

¹¹⁸ O mesmo vale para o conceito de interculturalismo. Basicamente o interculturalismo propõe a interação entre culturas através do respeito, buscando uma relação aberta à diversidade; preferimos o termo transculturalismo porque ele indica o cruzamento de elementos/culturas diferentes, e nesse cruzamento além da criação de um elemento novo ambos elementos formadores também sofrem alterações, afinal a transculturação é, segundo Malinowski: “um processo no qual as duas partes da equação saem modificadas. Um processo a partir do qual emerge uma nova realidade, composta e complexa, uma realidade que não é nem a aglomeração mecânica dos caracteres, nem um mosaico, mas trata-se de um fenômeno novo, original e independente.” (disponível em [www.infopedia.pt/\\$transculturacao](http://www.infopedia.pt/$transculturacao), acesso em 17 de novembro de 2011).

Capítulo III:

Xuela e a Liberdade conquistada através da Memória

“A memória funciona enquanto interstício traiçoeiro entre a memorização e o esquecimento muitas vezes no âmbito do subconsciente. Mais subjetiva do que objetiva e concreta, ela é distorcida e ambígua porque sempre é inventada, reimaginada e reconstruída. A memória é um lugar de negociação cultural por um lugar na história.” (Roland Walter)

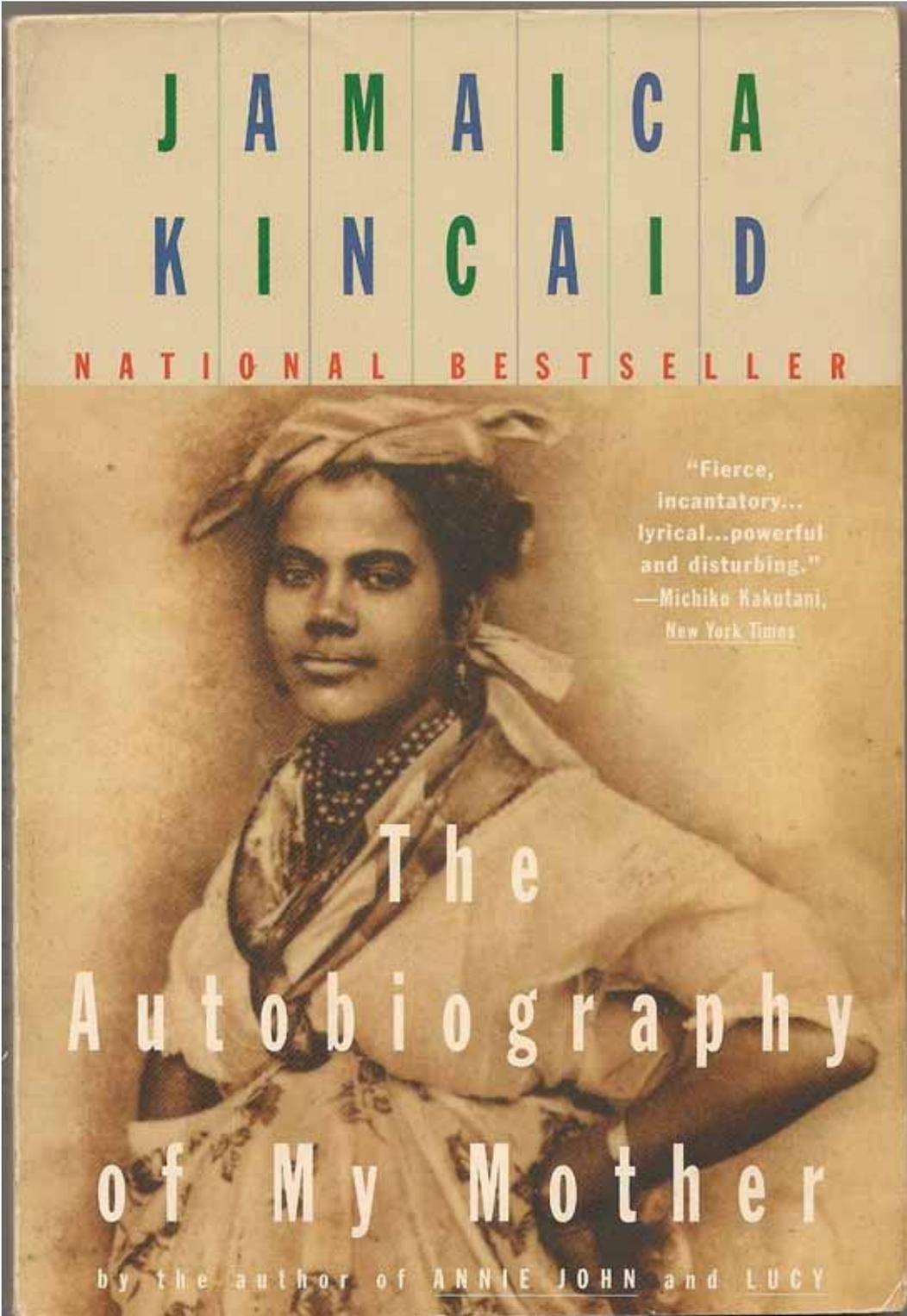


Figura 6

3. Xuela e a Liberdade conquistada através da Memória

Kincaid aborda constantemente o processo de conscientização que o sujeito situado no contexto pós-colonial precisa vivenciar para construir e articular sua identidade, por isso é tão comum encontrarmos em suas obras personagens que desafiam os parâmetros sociais que representam muitas vezes à cultura colonizadora e buscam um caminho próprio que as leve à liberdade; em uma entrevista para Charlie Rose¹¹⁹ a escritora confirma que ao escrever esse romance ela pensou na protagonista lembrando-se dos povos africanos, dos europeus e dos nativos que vivem em outros países, além da relação entre eles¹²⁰. Tiffin (1995) considera todas as culturas pós-coloniais como sendo híbridas¹²¹ porque nelas há o desenvolvimento entre a epistemologia e ontologia vindos da Europa e o desejo por uma identidade que seja pautada na independência; dessa forma o indivíduo precisa desenvolver sua identidade levando em consideração estes dois contextos, que apesar de serem opostos fazem parte de sua trajetória histórico-cultural. Surge então a necessidade de criar um terceiro espaço que será fundamental para o entendimento dessa realidade transculturalizada; a narrativa kincaidiana a ser analisada neste capítulo cumpre bem esse papel articulador que resulta no desenvolvimento de uma identidade que não seja unívoca, mas que seja plural.

Durante este capítulo analisaremos o romance *The Autobiography of My Mother* (1996) e ao destacarmos as principais características que a protagonista da história apresenta durante a narrativa perceberemos dois polos opostos na experiência de Xuela: temos a figura da mãe, que não é física (porque a mãe da personagem está morta), mas é emocional; e temos a figura do pai, que passa a ser física (quando o pai começa a criá-la), mas que durante toda a narrativa nunca é configurada como emocional. Observamos que mesmo com a mãe morta sua

¹¹⁹ Postada no site www.charlierose.com/view/content/6341, acesso em 01-05-2009.

¹²⁰ Perguntada sobre o começo de *The Autobiography of My Mother*, quando Xuela fala sobre a morte de sua mãe, Kincaid afirma que nesse momento ela fez um contraponto com a perda da mãe-terra pelos povos africanos e outros povos nativos, ocorrida graças à colonização europeia, demonstrando o quanto essa colonização trouxe consequências contínuas para a vida dela, de seu povo e seus antecedentes.

¹²¹ O conceito de transculturalismo parece abranger mais território que o conceito de hibridismo, por essa razão em outros trechos daremos lugar ao primeiro em detrimento do segundo.

presença faz-se imprescindível para que a personagem faça a articulação necessária à formação de sua identidade; em contrapartida à importância da mãe – que também é símbolo da terra natal de Xuela – encontramos o pai que, apesar de fazer parte do povo colonizado e explorado (por parte do lado materno¹²²) prefere se comportar como colonizador e explorador; graças a essa atitude do pai os laços de amor não são concretizados na relação pai-filha – relação essa que também é um símbolo entre a relação colonizador-colonizado.

Neste romance conhecemos a narradora e protagonista da história Xuela, que irá contar sua trajetória desde a infância, quando é deixada aos cuidados de uma lavadeira até a fase adulta, quando sua idade está avançada e ela já espera pela única coisa que ela sabe ser certa: a morte. A vida dessa personagem não é nada fácil; além de ser órfã por parte de mãe é abandonada pelo pai, passando os primeiros anos de vida com uma mulher sem nenhum estudo e sem a capacidade de dar carinho e apoio; quando o pai resolve criá-la (de certa forma por intervenção da própria Xuela) a protagonista kincaidiana tem que aprender a conviver com a distância emocional desse pai (que está mais preocupado em ganhar dinheiro e ostentar um status quo que o diferencia dos demais do que comportar-se como um pai de verdade), substituta da distância física dos primeiros anos, e o ódio da madrasta, que até então não tinha filhos (e que não suporta a presença de Xuela porque ela representa simbolicamente a primeira esposa, ou seja, o passado de seu marido).

Veremos que a cada capítulo narrado a personagem assume uma postura de resistência ao sistema patriarcalista e imperialista que entra em contato desde cedo. Os parâmetros sociais agem como agentes redutores da realidade vivida por nós; ao mesmo tempo em que esses parâmetros reduzem a figura da mulher a uma simples coadjuvante do marido ou outra figura dominadora masculina, eles também são responsáveis pela posição inferiorizada do povo caribenho em relação ao colonizador europeu branco. No romance a ser analisado a seguir vemos que essa cultura inferiorizante não é capaz de ‘domar’ a personagem Xuela. A forma que a

¹²² Mostrando mais uma vez que o lado feminino é o mais fraco na corrente sócio-familiar encontramos na genealogia do pai de Xuela a chave dessa equação: enquanto a avó de Xuela faz parte do povo conquistado e dominado pelo colonizador europeu, o avô é a representação do colonizador. Essa máxima se repete também com Xuela, que tem uma mãe caribenha (povo dominado) e o pai africano com sangue europeu.

personagem encontra para burlar todas as adversidades e conquistar sua liberdade é através do desenvolvimento de sua memória, que é parte importante para o processo de conscientização de Xuela. É pela memória que a personagem entra em contato com a mãe, da mesma forma que é através da memória que ela entra em contato com suas origens e, por fim, é através da memória que Xuela tem a oportunidade de encontrar a si mesma.

3.1 Um romance de Memória: Xuela e a desconstrução do presente através da re-visão do passado

Memória e identidade caminham sempre juntas, porque a memória faz parte do processo de identificação do sujeito. A memória mantém uma relação íntima com o sentimento de identidade de um indivíduo porque ambos são fenômenos construídos ao longo da trajetória histórico-sócio-cultural de uma determinada comunidade e ambos são importantes para a manutenção do “sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p. 204). No romance *The Autobiography of My Mother* encontramos uma personagem envolvida com o desejo de conhecer a mãe que nunca conheceu através da memória, com o intuito de ser capaz de (a)firmar sua identidade longe do jugo do pai e da sociedade dominadora. Esse desejo apresentado por Xuela pode ser traduzido pela busca desse sentimento de continuidade e pertencimento que de certa forma é perdido com a morte da mãe e o abandono do pai.

Durante a narrativa de *The Autobiography of My Mother* a protagonista Xuela se esforça para recuperar a memória da mãe que sequer conheceu. Já no início do romance a personagem fala sobre a morte da mãe, “*My mother died the moment I was born*”¹²³ (KINCAID, 1996, p. 4) e comprova que essa busca por uma ‘memória perdida’ será um dos pontos centrais do romance. Nesse caso há de se levar em

¹²³ “Minha mãe morreu no momento em que eu nasci.”

consideração que Xuela precisa participar de uma espécie de negociação, uma vez que a personagem não tem lembranças da mãe o que se estabelece é a contra memória, ou seja, a busca por versões alternativas que problematizem a versão oficial (Foucault, 1995), como ninguém dá informações sobre sua mãe resta a Xuela imaginar como ela era e o que sentia, transferindo para si esses sentimentos. Essa centralidade em relação à questão da memória e como ela é decisiva no que diz respeito à identidade explicam inclusive o título do livro; apesar do uso do termo ‘autobiografia’¹²⁴ a narradora conta a sua história através da tentativa de abordar sobre a história de sua mãe; verifica-se então que a narração centra-se em Xuela, mas projeta-se na recuperação da memória da mãe¹²⁵.

Tendo como base o desejo de Xuela de recuperar seu passado com o intuito de entender seu presente o romance *The Autobiography of My Mother* trabalha com as questões de memória e identidade durante todo o relato da narradora. Nesse contexto que engloba (re)descoberta e (re)significação podemos caracterizar esse livro como sendo um ‘romance de memória’. A escrita memorialista é aquela que se caracteriza por sua posição entre o que é fato e o que é devaneio, entre o acontecido no passado e o imaginado no presente; através do caminho percorrido por Xuela em busca da memória perdida da mãe percebemos a centralidade que a memória da personagem ocupa na narrativa, a mãe de Xuela permanece viva graças à memória da filha.

Para Pierre Nora (1993) devemos considerar os lugares de memória¹²⁶ como sendo aqueles espaços em que a memória se depositou; esses espaços são importantes para conhecer a trajetória percorrida pelo indivíduo durante seu

¹²⁴ No texto autobiográfico a narradora (1ª pessoa) conta sua própria história, revelando acontecimentos vivenciados por ela e que são responsáveis, em parte, pelo desenvolvimento de sua personalidade e de sua identidade.

¹²⁵ Nesse caso é possível afirmarmos que Xuela se equipara à condição de sua mãe, esquecida assim como seu povo; ao buscar lembrar a mãe a personagem também relembra o povo dominado pela colonização e, através de suas escolhas de vida tenta contar sua história com suas próprias palavras, sem precisar da intervenção de ninguém.

¹²⁶ Segundo Nora os ‘lugares de memória’ são definidos a partir de três acepções básicas: 1. lugares materiais (onde a memória social é apreendida através dos sentidos), 2. lugares funcionais (onde as memórias coletivas são alicerçadas), e 3. lugares simbólicos (onde as memórias coletivas são expressadas); esses três pontos reforçam a ideia de que os lugares de memória são uma construção histórica que privilegia o passado pelo entendimento de que há “uma necessidade identitária [que] parece estar compondo a experiência coletiva dos homens e a identidade tem no passado o seu lugar de construção” (D’ALÉSSIO, 1993, p. 97).

processo de amadurecimento. A narração feita por Xuela acontece quando ela está com 70 anos, após uma longa jornada em que perde os parentes e o marido, e na convicção de que a morte é a única certeza na vida a personagem conta sua trajetória acreditando que *“this account of my life has been an account of my mother’s life as much as it has been an account of mine, and even so, again it is an account of the life of the children I did not have, as it is their account of me”*¹²⁷ (KINCAID, 1996, p. 227), ou seja, a vida de Xuela está tão conectada à mãe – figura perdida – quanto está conectada às crianças que ela não teve – escolha tomada a partir das consequências da perda da mãe. Nora (1993) acredita que vivemos num momento em que é importante considerar o cruzamento do passado – real ou imaginário – e o sentimento de pertencimento do indivíduo em relação a um determinado grupo porque a identidade desse indivíduo depende desse cruzamento. A busca de Xuela para encontrar seu passado (o passado de sua mãe) é em si um lugar de memória, porque o que essa personagem vivencia é uma história com restos de memória; restos esses que só são possíveis graças à interação entre a individualidade e a consciência coletiva.

A exemplificação acerca do lugar de memória que Xuela abraça para si aparece ao longo de todo o romance. O desvelar das memórias de Xuela coincide com o desvelar do quadro de uma mulher em cada início de capítulo; essa parte de uma fotografia que vai sendo revelada no decorrer da narração é a representação da busca contínua e progressiva de Xuela por suas origens, para que através de (re)conhecimento a personagem possa conhecer a si mesma¹²⁸; podemos afirmar que é através das experiências de vida que a personagem desse romance consegue desvendar-se e por essa razão o uso da memória se encaixa como ferramenta eficaz para o desenvolvimento deste auto-conhecimento que levará Xuela a compreender e aceitar sua identidade.

¹²⁷ “esse relato sobre a minha vida tem sido um relato sobre a vida da minha mãe tanto quanto tem sido um relato da minha vida, e ainda mais, de novo é um relato da vida das crianças que eu não tive, como é um relato deles sobre mim”

¹²⁸ Através da recuperação de sua memória Xuela tenta compreender sua história e firmar sua identidade, através do reconhecimento de que a memória “está sempre em permanente evolução” e que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p. 6) vemos nesse romance o quanto a liberdade da personagem gira justamente em torno da conquista dos lugares de memória.

Ao caracterizarmos esse romance como sendo um ‘romance de memória’ veremos que, em primeiro lugar a narrativa é desenvolvida apenas pela narradora que revela os fatos que para ela representam, de uma forma ou de outra, alguma importância para a pessoa que ela se tornou; nesse caso não há diálogos porque o processo de cognição gira em torno da personagem e de suas impressões sobre o mundo e não pela interação dela com os outros. Em segundo lugar é preciso compreender que apesar da história girar em torno das memórias de Xuela a narrativa não é passiva; o ativismo presente nas lembranças da personagem é explicado porque quando Xuela repete inúmeras vezes o que aconteceu com sua mãe ela não está apenas lembrando de algo que aconteceu e ficou no passado, a personagem está trazendo esse passado para si como forma de intervenção, o que caracteriza uma postura ativa da personagem. Para Xuela seu futuro só seria livre se ela conseguisse entender seu passado, o que significa dizer que *“for me history was not only the past: it was the past and it was also the present”*¹²⁹ (KINCAID, 1996, p. 138-139), quando a personagem fala da morte da mãe ela também fala que não há nada entre ela e a eternidade (idem, p. 4) e é justamente para suprir esse vazio identitário¹³⁰ que Xuela busca a figura da mãe e sua história como forma de ressignificar sua vida e sua trajetória.

Para Bhabha (1998) o processo de rememoração¹³¹ acontece através de dois elementos: revelar e problematizar as formas de violência do passado colonial; e entender o presente pelo passado, vendo as relações entre colonizador-colonizado, entre ódio-desejo, etc. A relação ambígua que se estabelece entre o colonizador e o colonizado diz respeito à ‘experiência do inautêntico’¹³², que faz com que o colonizado esteja posicionado num entre-lugar, situando-se, ao mesmo tempo, entre o ‘selvagem’ e o ‘civilizado’. Xuela vive e reconhece essa experiência desde cedo e a evidencia quando está na escola; e no caso dela devemos lembrar que essa experiência acaba sendo dupla, pois a mãe assume aqui o papel de selvagem, enquanto o pai é o civilizado.

¹²⁹ “para mim a história não era apenas o passado: era o passado e era também o presente”

¹³⁰ Como afirmamos anteriormente a identidade é formada a partir do resultado de experiências e do contato que temos ao longo da vida; principalmente nos primeiros anos a mãe é, para a menina, o principal contato com o resto do mundo.

¹³¹ “A rememoração (é) um processo realizado no presente com base em dados passados.” (UMBACH, 2008, p. 7).

¹³² Schwarz (1997) criou essa expressão para explicar a situação do colonizado, que passa a pertencer a uma identificação dupla – a sua e a do colonizador.

Através da leitura de *The Autobiography of My Mother* conseguimos traçar o paralelo criado por Kincaid que diz respeito à relação íntima entre o que é individual (a morte da mãe e a postura ‘superior’ do pai) e o que é social (a perda da terra-mãe e a figura dominadora do colonizador); quando Xuela reflete e ataca as atitudes do pai a personagem também está atacando as atitudes do colonizador; quando ela ataca o explorismo do pai em relação aos outros Xuela também ataca a dominação do colonizador. É importante mencionar que o legado colonial continua influenciando a vida do povo mesmo quando a colonização acaba oficialmente; isso acontece de maneira muito sutil, porém consistente, afinal “se tudo fosse transparente, então qualquer ideologia seria impossível, bem como qualquer dominação” (JAMESON, 1992, p. 55); Xuela sente, desde muito cedo, o quanto seu povo é subvalorizado e isso só aumenta com o passar do tempo, seja na escola (onde é obrigada a falar o *proper English*¹³³ e aprender a história da Inglaterra), seja na vida social (quando conhece Philip – médico inglês – e percebe as diferenças entre eles). Além da perda da mãe (que é a personificação da perda da terra natal) a personagem desse romance também se depara com a perda da língua materna, o que explica inclusive o porquê de suas primeiras palavras serem na língua do dominador¹³⁴. Nesse caso vemos o quanto o inconsciente cultural¹³⁵ está presente em nossas vidas e em nossas relações; sendo assim o papel da escola é fundamental e o passado escolar acaba representando um peso determinante para a forma como o sujeito percebe a si e o outro. De uma forma ou de outra, graças às influências que temos desde o nascimento até a fase adulta é impossível passar despercebido por tudo que aprendemos e por essa razão acabamos ficando predispostos a compartilhar as mesmas idéias e valores, propagando o discurso internalizado como sendo natural.

A escrita kincaidiana se encaixa bem nesse universo memorialista porque sua escrita é altamente autobiográfica, se levarmos em consideração que a autobiografia feminina pós-colonial, que por tanto tempo foi marginalizada, tem ganhado espaço nas discussões contemporâneas veremos o quanto esse romance destaca-se por

¹³³ ‘Inglês apropriado’

¹³⁴ O mesmo acontece com a própria escritora Jamaica Kincaid, que teve uma educação totalmente britânica (incluindo a leitura de ‘clássicos’), e que escreve em língua inglesa.

¹³⁵ Conceito desenvolvido por Bourdieu (1989) para demonstrar como o campo intelectual age, e como estamos sujeitos a sermos influenciados por esse campo.

mesclar episódios da vida da autora¹³⁶ com episódios ficcionais¹³⁷ numa narrativa tensa e emocional. Dado o fato de que as narrativas da escritora caribenha Jamaica Kincaid estarem imbuídas de sua memória e cheia de dados autobiográficos vemos nesse romance o caminho trilhado pela escritora para desconstruir as ‘verdades sociais’ impostas a ela desde sua infância a fim de consolidar sua identidade transcultural. Em seus romances Kincaid utiliza-se da atividade contínua da interpretação da experiência vivida – enquanto pessoa e enquanto sujeito de um determinado lugar – levando ao leitor um universo em que é possível criar uma espécie de ‘diálogo social’, mesmo que este leitor não esteja familiarizado com os contextos (histórico, geográfico, cultural, econômico, etc.) que levaram o texto a ser feito ele acaba por participar desse ato de memória através da leitura do texto. Essa relação com o leitor acontece por causa da ideação (ISER, 1978), que é, basicamente, o ato de (re)modelar o leitor numa atividade constante, ou seja, o texto vai moldando o leitor¹³⁸ a medida que a narrativa vai se desenrolando; por isso somos direcionados o tempo todo ao centro dos sentimentos da protagonista de *The Autobiography of My Mother* com o intuito de apreender seu universo de busca e afirmação.

Nesse romance existe a necessidade intrínseca de usar a memória como parte do processo para a formação da identidade do indivíduo. As memórias de Xuela trazem a tona o caráter de fragmentação a que a personagem entrou em contato ao longo de suas experiências de vida assim como a escrita autobiográfica de Kincaid revela o caminho de utilizar-se da (re)escritura como forma de (a)firmar-se perante a sociedade. Para Kincaid

art, imagination, intuition, and memory are crucial devices in the resistance “struggle to make sense of the external from the things

¹³⁶ Em *The Autobiography of My Mother* Kincaid aborda episódios coletados de sua família, não abordando especificamente sua infância, mas sim fatos ocorridos em outras gerações.

¹³⁷ Por essa razão a autobiografia é um gênero diferenciado dos demais: a mesclagem entre o real e o imaginado se faz ainda mais presente e deixa o texto com uma atmosfera mais pessoal, unindo ainda mais a memória individual e coletiva. Como nos diz Coimbra “Um texto de apresentação pessoal tem a utilidade, do ponto de vista de quem o escreve, de fixar a auto-imagem momentânea, que pode funcionar como ponto de partida de um maior autoconhecimento” (2002, p. 90), no caso de Xuela, por exemplo, a busca por autoconhecimento tem tudo a ver com a busca pela memória da mãe.

¹³⁸ Nos referimos aqui ao leitor implícito, que é uma estrutura textual responsável por seguir as perspectivas que o texto oferece; em outras palavras é o próprio autor que direciona o leitor para quais reações ele acredita serem ideais.

*that have made you what you are and the things that you have been told are you: my history of colonialism, my history of slavery...*¹³⁹
(apud WALTER, 2003, p. 167-168)

Jamaica Kincaid se debruça sobre o relacionamento intrínseco acerca do que é pessoal e do que é social, demonstrando que eles estão intimamente entrelaçados; quando a personagem Xuela revela o desejo de amadurecer a fim de conquistar sua liberdade, ela se refere às relações familiares e às relações sociais, por essa razão o romance está repleto de reflexões sobre coisas que acontecem ao seu redor. Quando Xuela pergunta *“what makes the world turn against me and all who look like me?”*¹⁴⁰ (KINCAID, 1996, p. 132) a personagem dá ao leitor a dimensão do quanto ela sofre por estar inserida num mundo tão opressor e desigual.

O processo de rememoração que a personagem vivencia será ferramenta necessária para que ela consiga entender-se como pessoa; ao observar a história de sua mãe, a personalidade de seu pai, sua trajetória desde a infância Xuela costura uma ‘colcha de retalhos’ em que cada pedaço é importante para seu reconhecimento enquanto pessoa, enquanto mulher, enquanto negra. Os laços sanguíneos da personagem, e como eles interferem em sua visão de mundo e em suas escolhas, fazem parte dessa colcha e precisam ser entendidos como parte importante para o desenvolvimento do processo identitário da personagem.

3.2 Os Laços de Sangue de Xuela: Pai X Mãe

¹³⁹ “arte, imaginação, intuição, e memória são artifícios cruciais na luta da resistência “para fazer sentido do externo para as coisas que tem feito você o que você é e as coisas que você tem dito que você é: minha história de colonialismo, minha história de escravidão...”

¹⁴⁰ “o que faz o mundo girar contra mim e contra todos que são como eu?” Esse trecho deixa claro que, por mais que Xuela afirme algumas vezes que ela, enquanto pessoa, não é um povo ou nação (KINCAID, 1996, p. 216) ela reconhece que faz parte de um povo dominado pelo poder do colonizador.

Durante a infância a criança passa por um estágio importante para seu desenvolvimento enquanto pessoa; nesse período é comum que a criança busque um modelo para se espelhar. No caso específico das meninas o modelo a ser seguido (ou algumas vezes repudiado) é a mãe, pois ambas se identificam¹⁴¹. As narrativas escritas por Jamaica Kincaid abordam esse universo que envolve o relacionamento entre mãe e filha demonstrando os conflitos e sentimentos que se desenrolam através dessa convivência; diferentemente dos dois romances analisados anteriormente temos aqui uma narrativa que apresenta uma personagem que não teve nenhum tipo de contato com a mãe, mas assim como os outros romances a figura da mãe tem uma simbologia muito forte para o crescimento pessoal e as escolhas feitas pela personagem; já durante a infância a criança “descobre a finitude, a solidão, o abandono em um mundo estranho; tenta compensar essa catástrofe alienando sua existência numa imagem de que outrem justificará a realidade e valor.” (BEAUVOIR, 1980, p. 10) Por causa da morte da mãe Xuela não tem um ‘outrem’ em que possa se basear, nesse caso sua orfandade torna-se a peça-chave para entendermos o deslocamento psicoemocional que a personagem incorpora.

A infância de Xuela é marcada, entre outras coisas, pelo forte sentimento de abandono. O primeiro abandono vivenciado pela personagem se dá quando seu pai a deixa com a lavadeira – Eunice Paul – que tem outros filhos e por isso não tem tempo nem amor para dar. Vivendo nesse ambiente cheio de privações a personagem sente-se deslocada; vê-se perfeitamente que o desejo de Xuela em sonhar com a mãe, mesmo sem conseguir ver o seu rosto, é, com certeza a tentativa da personagem de criar um ambiente aconchegante; mesmo sem a presença física da mãe sua figura proporciona para Xuela um conforto indispensável para que ela continue viva. Por essa razão a memória da personagem, que busca reencontrar a mãe através das lembranças, é uma forma de se encaixar num mundo que só lhe oferece privação e falta de amor. Nesse universo de sofrimento e rejeição que a personagem vive o único acalento é o resgate da figura materna, na maior parte das vezes através de sonhos, nesse caso *“when I awoke, I was not the same child I had*

¹⁴¹ Para Rosaldo e Lampher: “mães e mulheres tendem a se identificar mais com as filhas (...) e aqueles processos de separação e individuação são mais difíceis para meninas” (1979, p. 70), essa dificuldade se instala porque as meninas aprendem com as mães a serem apegadas e vulneráveis; utilizando essa característica de vulnerabilidade por necessidade ou por charme.

*been before I fell asleep.*¹⁴² (KINCAID, 1996, p. 18) É o resgate da imagem da mãe que dá forças à Xuela para buscar seu caminho, que cada vez mais é materializado fora do alcance do poder exercido pelo pai. Constantemente Xuela sonha com a mãe e nesses sonhos, mesmo sem ver seu rosto ou ouvir sua voz a personagem consegue sentir uma conexão intensa e verdadeira que permeará todo o relato feito por Xuela.

Mais tarde quando o pai resolve levá-la para sua própria casa a personagem mais uma vez se sente abandonada porque o pai continua sendo uma figura ausente e a madrasta não se interessa por ela, tentando inclusive matá-la por mais de uma vez. Para viver nesse ambiente Xuela precisa desenvolver um mecanismo de defesa, sendo assim a personagem decide privar-se de qualquer que seja a experiência amorosa em relação à sua família, escolhendo o isolamento:

*No love: I could live in a place like this. I knew this atmosphere all too well. Love would have defeated me. Love would always defeat me. In an atmosphere of no love I could live well; in this atmosphere of no love I could make a life for myself.*¹⁴³ (idem, p. 29)

Esse trecho revela a intenção de Xuela de se defender do sofrimento que o abandono e o desprezo podem gerar, por essa razão em vez de tentar conquistar sua nova família para ser aceita entre eles a personagem busca apenas conviver no ambiente. A escolha que Xuela faz desde o momento em que pisa na casa do pai é a escolha pela solidão; essa personalidade solitária que a personagem desenvolve a partir da infância é, em parte, a responsável pelo fracasso nos relacionamentos de Xuela na fase adulta, pois a personagem continuará utilizando um escudo em relação aos seus sentimentos a fim de defender-se de outros abandonos.

Logo no início do romance ficamos sabendo sobre algumas cartas escritas por Xuela e apesar de num primeiro momento as cartas parecerem estar endereçadas ao pai o destinatário real é a mãe; para Xuela o pai é o único elo capaz de aproximar a personagem da mãe, se *“the necessity to identify with, yet separated*

¹⁴² “quando eu acordava eu não era a mesma criança de antes de eu dormir.”

¹⁴³ “Sem amor: eu podia viver num lugar como esse. Eu conhecia essa atmosfera muito bem. O amor sempre me frustrava. Numa atmosfera sem amor eu podia viver bem; numa atmosfera sem amor eu podia construir uma vida para mim mesma.”

*oneself from, the mother is a central issue*¹⁴⁴ (DAVIES, 1994, p. 124) é importante para a personagem aproximar-se do pai com o objetivo de aproximar-se da mãe. Adiante veremos que essa aproximação não acontece de fato, mas mesmo assim o pai continua sendo uma figura importante porque Xuela passa a vê-lo como o elo oposto à sua mãe, e a personagem decide de que lado vai ficar – do lado dos vencidos.

Além do abandono e negligência que Xuela sente desde sua chegada à casa do pai há um agravante para os sentimentos negativos vivenciados pela personagem: o nascimento dos irmãos – filhos do pai com a madrasta; a partir desse momento ela se sente ainda mais deslocada no ambiente familiar, sentindo-se como uma intrusa. Existe uma preferência real do pai e da madrasta de Xuela em relação ao filho homem¹⁴⁵, por essa razão a personagem se solidariza com a irmã, que apesar de um grau menor que Xuela também era negligenciada¹⁴⁶ (apesar de a irmã não compartilhar do mesmo apreço de Xuela, é ela quem cuida da irmã quando esta engravida e decide abortar o bebê), é como se Xuela fizesse parte de outra dimensão que não encontra espaço para se materializar na vida da família Richardson.

Fica claro que a relação entre Xuela e o pai é uma relação distante. Para Xuela o pai só tinha interesse pelo filho: *“The man, my father, whom his wife and his son saw, the man they wanted that boy to be, existed, but the person they saw was an expression of my father’s desires, an expression of his needs”*¹⁴⁷ (KINCAID, 1996, p. 53), isso acontece porque o pai vê na imagem do filho a continuação de si próprio. A distância existente entre pai e filha é materializada no fato de o pai ter preferência pelo filho e pela postura assumida do pai enquanto oficial da lei (figura de autoridade) que não respeitava as pessoas ao seu redor, pelo contrário *“he was a*

¹⁴⁴ “a necessidade de se identificar com, ainda que esteja separada, a mãe é uma questão central”

¹⁴⁵ Nas sociedades patriarcais o filho homem tem grande importância, ele será responsável pela perpetuação de sua geração e por isso é visto de maneira diferente e é preparado para a vida pública.

¹⁴⁶ A própria Xuela afirma que *“to people like us, despising anything that was most like ourselves was almost a law of nature”* (KINCAID, 1996, p. 52), ou seja, “para pessoas como nós, desprezar tudo o que fosse como nós era uma lei da natureza.”

¹⁴⁷ “O homem, meu pai, a quem sua esposa e seu filho viam, o homem que eles queriam que o garoto fosse, existia, mas a pessoa que eu via era uma expressão dos desejos do meu pai, uma expressão das necessidades dele”

*part of a whole way of life on the island which perpetuated pain.*¹⁴⁸ (idem, p. 39) Se antes o sentimento da criança Xuela pelo pai era inexistente (ela o via poucas vezes quando ele levava ou ia buscar suas roupas) a medida em que a personagem foi crescendo também cresceu um sentimento de desprezo pelo pai, que mesmo sendo fruto de uma mistura racial preferia continuar no lado dos ‘vencedores’, explorando as pessoas simples que viam em sua figura a possibilidade de conseguir ajuda.

Nesse caso a figura do pai é, para Xuela, uma espécie de incógnita, pois ela não conseguia entender como aquele homem podia agir daquela forma, tratar mal as pessoas e tirar vantagem delas para se autocompensar. Apesar do laço de sangue que unia Xuela e seu pai parece haver uma força maior que os distancia:

*everything I say about him is only my observation, only my opinion, and this must be a point of shame for all children – it was one of the two sources of my own existence was unknown to me, not a mystery, just not known to me.*¹⁴⁹ (idem, p. 197)

Afirmamos anteriormente o quanto às tensões familiares fazem parte da escrita kincaidiana, apesar dessa máxima também se aplicar nesse romance é possível afirmar que estas tensões são desenvolvidas num nível diferenciado. Isso acontece porque, distanciando-se das tensões estabelecidas entre mãe e filha nas narrativas de *Annie John* e *Lucy*, temos no romance *The Autobiography of My Mother* um universo diferente: aqui não há a presença (física) da mãe. Vemos durante a narrativa que da mesma forma que a mãe aparece como a representação da terra-mãe o pai aparece como a representação do dominador. Xuela afirma: *“This was my father, the man I had always known, only there was more of him”*¹⁵⁰ (idem, p. 189) nesse caso específico vemos que a importância da mãe acontece como forma de reconhecimento por parte da personagem em relação às suas origens: *“Xuela’s search for her mother is also a search for herself, for this ‘autobiography’ is a way for her to find out who she is, where she comes from, where she is going”*¹⁵¹ (EDWARDS, 2007, p. 114), a busca por conhecer a mãe é a tentativa de conhecer a

¹⁴⁸ “ele era uma parte de todo um modo de vida na ilha que perpetuava a dor.”

¹⁴⁹ “tudo que eu falo sobre ele é apenas minha observação, apenas minha opinião, e isso deve ser um ponto de vergonha para todas as crianças – era uma das duas fontes da minha própria existência que era desconhecida para mim, não um mistério, apenas não era conhecida por mim.”

¹⁵⁰ “Esse era meu pai, o homem que eu sempre conheci, só que havia mais dele”

¹⁵¹ “A busca de Xuela por sua mãe é também uma busca por ela mesma, por isso a ‘autobiografia’ é para ela encontrar quem ela é, de onde ela vem, para onde ela vai”

si própria, enquanto a repulsa pela figura do pai é a tentativa de afastar-se de todo o poder que ele representa.

É interessante observar a visão de Xuela em relação aos pais: *“one through death, the other through the maze of living.”*¹⁵² (KINCAID, 1996, p. 41) Ela sente a perda da mãe ao mesmo tempo em que sente que apesar da presença física do pai o laço que os une é apenas o laço de sangue, durante a narrativa Xuela tenta afastar-se do pai como forma de libertação. Além disso há de se levar em conta que “a força e a qualidade de sua relação com seu pai é completamente dependente da força e qualidade de sua relação com a mãe” (ROSALDO & LAMPHER, 1979, p. 74), para Xuela a figura da mãe é a representação de tudo o que é bom e de tudo que foi perdido (e que a faz sentir-se uma pessoa diferente) e a figura do pai representa todo o mal que a personagem encontra em seu caminho e de tudo que precisa vencer para sobreviver. Para a personagem amor e ódio podem usar a mesma face, a comprovação dessa ideia aparece justamente nas representações das figuras materna e paterna, que se encontram em lados opostos não só no campo físico como também no campo emocional.

3.3 A Sexualidade em Xuela: uma forma de Descolonização do Corpo e da Alma

O papel que a sexualidade feminina ocupa no nosso imaginário está diretamente ligado ao papel desempenhado pela mulher na sociedade. Na maioria das vezes a educação destinada à mulher tosa qualquer tipo de conhecimento instintivo do corpo; desde a infância a menina aprende que deve se conter, se portar como uma de suas bonecas, pronta para ser embelezada e cuidada por outros. Diferentemente das meninas, os meninos encontram desde muito cedo a liberdade e a força, personificada nos carrinhos e nas brincadeiras de luta. Se a menina passa a

¹⁵² “um morto, o outro no labirinto da vida.”

brincar 'brincadeiras de menino' ela logo é repudiada, porque está tentando desempenhar um papel que não lhe será permitido na vida adulta, e o mesmo acontece com o menino que se interessa por 'brincadeiras de menina'.

Nesse contexto restritivo às meninas a questão da sexualidade feminina acaba sendo tratada como um tabu¹⁵³. Em *The Autobiography of my Mother* a protagonista Xuela desconstrói por completo esse tabu porque ela demonstra consciência da importância de conhecer-se a si própria e de seu direito de sentir prazer; mais que isso a personagem desse romance “estabelece uma ordem sensual de saber que tem como alvo a descolonização de sua mente e de seu corpo.” (WALTER, 2009, p. 173) É óbvio que o primeiro passo para tornar-se consciente de si e do mundo a sua volta é justamente tomar conta de seu próprio ser, ou seja, tomar conta de seu corpo; ao não sentir vergonha de seu próprio corpo e do prazer que ele pode lhe proporcionar a personagem desnuda sua condição de mulher inferiorizada pela cultura patriarcal e demonstra não sentir vergonha de ser uma mulher bem resolvida sexualmente. Em vários momentos da narrativa Xuela deixa explícito que o prazer é um agente libertador para ela, em outras palavras a descolonização do corpo de Xuela precede a descolonização de sua mente.

A iniciação sexual de Xuela se dá aos quinze anos quando ela é enviada pelo pai à cidade de Roseau a fim de tornar-se uma professora, com o intuito de estudar ela fica hospedada na casa dos LaBatte¹⁵⁴. Durante o dia Xuela faz companhia à Madame LaBatte, com quem se dá muito bem (lembrando-se constantemente da mãe) e de quem recebe muitos presentes; já durante a noite a personagem se encontra com o esposo dela¹⁵⁵. Na verdade Xuela é usada como objeto de

¹⁵³ Vê-se que o tabu acerca da sexualidade feminina é desenvolvido desde os primeiros anos através da conclusão de que “parece às meninas que o menino, tendo direito de bulir no pênis, pode servir-se dele como um brinquedo, ao passo que os órgãos femininos são tabus.” (BEAUVOIR, 1980, p 16) Com o passar do tempo essa realidade de mistificação acerca da sexualidade feminina vai crescendo ainda mais e com isso a mulher não é capacitada a lidar com as questões relacionadas ao sexo, porque desde cedo suas partes íntimas eram um lugar proibido.

¹⁵⁴ Utilizando o mesmo raciocínio que conecta a mãe de Xuela à sua terra e o pai ao dominador, o casal LaBatte é a representação clara da aristocracia do lugar, eles tem dinheiro e poder e são respeitados por isso; enquanto o Monsieur LaBatte mostra-se um 'homem de negócios' sua mulher é a típica 'dona de casa'. Esse exemplo mostra que independente da classe social a diferenciação entre homens e mulheres existe.

¹⁵⁵ Esses encontros acontecem no escritório do Monsieur LaBatte, lugar onde ele passa o dia contando seu dinheiro e cuidando de seus negócios, para ele Xuela é apenas mais um objeto. O que diferencia Xuela é o fato de que ela tem consciência de sua condição mas aproveita da situação para conhecer pela primeira vez o prazer sexual.

procriação pelo casal, já que a esposa do Monsieur LaBatte não era capaz de engravidar o casal deposita na 'hóspede' suas esperanças. Ao perceber que está grávida Xuela decide seu próprio destino, afirmando que *"I carried my own life in my own hands"*¹⁵⁶ (KINCAID, 1996, p. 83). Através da decisão de abortar a personagem toma para si a responsabilidade pelo seu corpo; da mesma forma que Xuela busca o prazer desinibido como forma de libertar-se da opressão patriarcal ela assume a responsabilidade do que acontece com seu corpo, não cedendo aos desejos de quem tem poder (os LaBatte).

Mais tarde Xuela se envolve com um homem chamado Roland. É interessante notar sua consciência em relação à importância de se auto-valorizar: *"The impulse to possess is alive in every heart (...) some people choose husbands; I choose to possess myself"*¹⁵⁷ (idem, p. 173-174). Seguindo essa direção de possuir a si mesma Xuela acaba afastando de si o 'caminho natural' das mulheres: casar-se, ter filhos, viver para satisfazê-los e nada mais. A personagem se apaixona por Roland e se envolve com ele mesmo sabendo que ele é comprometido; e, diferentemente da mulher de Roland, ela não espera que ele seja só dela, pelo contrário, Xuela compreende que são esses envoltimentos que tornam sua relação com Roland especial e diferenciada; por entender sua relação como livre não é a intenção de Xuela promover o rompimento entre Roland e sua mulher.

A personagem deixa clara a sua intenção em transgredir as regras da sociedade patriarcalista que prega a submissão da mulher através da 'castração sexual', que não só implica no ato de anular o prazer da mulher na relação sexual como também destina a ela o dever de se resguardar apenas para um parceiro; ao se envolver por várias vezes com homens comprometidos Xuela quebra com essa hierarquia e assume seu direito de escolher seu caminho. O tipo de envolvimento sexual que Xuela apresenta indica sua escolha de utilizar o sexo como uma fonte de prazer e não como uma forma de ligar-se a um homem; Xuela acredita que a ideia de amar alguém é perigosa porque "o amor é o auge do egoísmo (...). Amar é ser fisicamente vulnerável ao outro. Trata-se de uma situação de vulnerabilidade." (ALBORNOZ & CARRION, 1985, p. 70) A personagem afasta-se do desejo de amar

¹⁵⁶ "Eu conduzi minha vida através das minhas próprias mãos"

¹⁵⁷ "O impulso de possuir está vivo em todo coração (...) algumas pessoas escolhem maridos; eu escolho possuir a mim mesma"

alguém porque ela não tem a intenção de tornar-se vulnerável, ela quer continuar a ser uma pessoa solitária e dona de suas próprias vontades. Para Xuela:

*There is a certain way that ought to be, an ideal way, a perfect way, and there is the way that life is, not quite the opposite of ideal, not quite the opposite of perfect, it just is not quite the way it should be but not quite the way it should not be either...*¹⁵⁸ (KINCAID, 1996, p. 152-153)

Aqui vemos que Xuela desenvolveu ao longo de sua vida uma visão mais realística do mundo e por isso utiliza-se da razão para tomar suas decisões. Esse trecho em específico diz respeito à postura da personagem em relação à vida, ela está preparada a viver uma vida real porque aprendeu muito cedo que não há espaço para o mundo de fantasia e que o mundo real deve ser vivido aproveitando o que de melhor há nele.

Outro envolvimento da personagem é com um médico chamado Philip, que também é casado. No início ela apenas trabalha com ele como sua assistente, mas passa a se envolver cada vez mais e por fim casa-se com ele quando o mesmo fica viúvo. Diferentemente de sua relação com Roland (representante da classe trabalhadora) em que existiu a paixão com Philip (representante da classe aristocrática) não há sentimentos envolvidos, pelo menos não da parte de Xuela; mesmo assim a personagem casa-se com o médico, enquanto nunca pensou em casar-se com Roland.

No início da narrativa a personagem se recusa a ser mais um símbolo da cultura patriarcal e mesmo assim acaba casando-se com Philip, entretanto mesmo com essa atitude a personagem mostra sua força, uma vez que assume que não seria capaz de casar-se por amor, o casamento com Philip acontece então como um jogo de interesses, jogo esse que ela mesma conduz. Em outras palavras as atitudes de Xuela em relação a Philip, como mudar-se para um lugar que o marido não conhece, demonstram que ela é a pessoa que está no comando, e ele é a

¹⁵⁸ “Há um certo modo do que a vida devia ser, um modo ideal, um modo perfeito, e há o modo que a vida é, não exatamente o oposto do ideal, não exatamente o oposto do perfeito, apenas não é exatamente o modo que deveria ser mas também não é o modo que não deveria ser...”

pessoa que satisfaz seus desejos. Essa inversão de papéis dá o poder que Xuela sempre buscou.

Xuela utiliza-se de sua sexualidade de uma forma segura, usando seu corpo não apenas como uma simples arma de sedução, mas principalmente como uma forma de conquistar a si própria, não se sentindo subvalorizada pelos homens. A personagem também é responsável por seu próprio prazer, já que constantemente se masturba, indicando claramente que não necessita de um homem para atingir seus desejos e suas necessidades. Para Walter esse é um ponto importante para a descolonização do corpo:

*Xuela builds her self-identification on her body, touching her genitals, smelling her sexual smell, and making love. Her rebellious attitude of self-determination creates a sensual order of knowledge which aims at the subversion of Caribbean in-betweenness, the decolonization of mind and body, by appropriating internalized colonial shame and inverting it into a means of self-definition [...].*¹⁵⁹ (2003, p. 160)

Como dissemos outrora a descolonização do corpo é um passo importante para a descolonização da mente; quando Xuela prova para si mesma que não há nada de errado em buscar o prazer, com ou sem parceiro, a personagem demonstra consciência do que ela verdadeiramente é: uma mulher com desejos e com o direito de realizá-los ao seu bel prazer, sem a necessidade de ser subvertida por ninguém. Nesse caso Xuela deixa mais uma vez bem clara sua posição em relação ao seu lugar quando faz a comparação entre ela e a primeira esposa de Philip: “*she was a lady, I was a woman*”¹⁶⁰ (KINCAID, 1996, p. 158). Para a maioria das mulheres tornar-se uma *lady* ou aparentar ser uma é importante, mas Xuela preferia ser mulher, isso se deve ao fato da personagem reconhecer que a figura de uma dama encobre a subordinação, enquanto na figura da mulher reside a liberdade de escolher o que é melhor para si mesma.

A forma como Xuela interage com o sexo oposto é uma prova de sua desconfiança (que pode ser facilmente conectada à própria desconfiança que a

¹⁵⁹ “Xuela constrói sua autoidentificação no seu corpo, tocando suas genitais, sentindo seu cheiro, fazendo amor. A atitude rebelativa dela de auto-determinação cria uma ordem de conhecimento sensual que almeja a subversão da intermedialidade caribenha, a descolonização da mente e do corpo, pela apropriação da vergonha colonial internalizada e invertendo-a em um meio de auto-definição [...].”

¹⁶⁰ “ela era uma dama, eu era uma mulher”

personagem sente em relação ao pai). Quando a personagem fala “*it is perhaps the way of all men*”¹⁶¹ (idem, p. 113) no sentido que todos eles amam apenas a si mesmos e nada mais (exemplificado no amor do pai de Xuela pelo filho homem por vê-lo como um reflexo de si próprio) comprova que Xuela tem total descrédito em relação à forma como os homens se relacionam com as demais pessoas, por causa dessa desconfiança a personagem não é capaz de entregar-se por completo a ninguém; é em parte pelo medo de ser apagada (como fora sua mãe) que prende Xuela ao prazer imediato.

A trajetória de Xuela é vivenciada, conscientemente, pela resistência acerca dos parâmetros sociais, por isso a personagem recusa tornar-se objeto para seus companheiros. A busca de Xuela pelo prazer representa a busca da personagem em possuir a liberdade de sentir, de escolher e de viver seguindo suas próprias vontades. Essa atitude de Xuela revela seu interesse em tornar-se sujeito atuante de sua história, nesse ponto a personagem deixa claro que quer deixar sua marca no mundo não só por ela, mas também pela mãe, que apesar de ter sido apagada no parto vive nas lembranças da filha.

3.4 A Construção da Identidade de Xuela: entre vencedores e vencidos

Entre as crianças ‘cuidadas’ pela lavadeira Eunice Paul apenas Xuela frequentava a escola (por determinação do pai), e as primeiras palavras que ela aprende a ler são *The British Empire*¹⁶² (O Império Britânico), que demonstra bem qual era a atmosfera ao qual o sistema educacional da Dominica participava. Apesar de sua pouca idade a personagem mostra-se bastante desconfortável quando

¹⁶¹ “talvez seja o jeito de todos os homens”

¹⁶² Aqui Kincaid deixa bastante claro o quanto o sistema educacional de sua terra continua a mercê dos britânicos mesmo após o período de colonização; a própria escritora deixa seu relato sobre como essa educação colonizadora se infiltrou nela mesma: “*My education, which was very ‘Empire’, only involved civilization up to the British Empire – which would include writing – so I never read anything past Kipling...*” (EDMONDSON, 1999, p. 82).

descreve o uniforme da escola, ao falar sobre o caminho para chegar à escola e a própria instituição; o sentimento de Xuela é, mais uma vez, de deslocamento.

Da mesma forma que Xuela sente um deslocamento em relação a Eunice e seus filhos (e que depois se estenderá ao deslocamento em relação ao pai e a família que ele constitui) existe também um deslocamento da personagem no ambiente escolar, para Xuela a escola era mais um lugar de humilhação e mesmo sendo uma garota muito inteligente ela não consegue se destacar positivamente em sua classe, não consegue fazer amigos nem consegue a admiração de sua professora. Já na escola Xuela se sentia excluída, e a professora (outra figura símbolo da autoridade colonial) que deveria ajudá-la a encontrar respostas a classifica como má porque não a entende; no episódio em que um colega de Xuela entrega uma das cartas escritas por ela para seu pai (KINCAID, 1996, p. 20)¹⁶³ a professora mostra-se indignada com a postura de Xuela e a humilha publicamente.

A identidade de Xuela é, então, desenvolvida a partir desse sentimento de deslocamento e exclusão, presentes em todas as fases de sua vida e que está ligado à sua condição de orfandade. Nesse caso a orfandade não apenas caracteriza-se pela perda da mãe, mas também pela perda da terra-mãe, como nos mostra Tai Moises¹⁶⁴:

With the bitterness of the orphan and the rage of the dispossessed, Xuela is Kincaid's flesh-and-bone symbol for the incalculable, tragic effects of colonial rule upon Dominican culture, for the dependence of the West Indies on the British 'motherland'. Xuela is Dominica – an orphaned country in shambles, its people enslaved and conquered, its past a graveyard. Here, Kincaid is saying, are the consequences of extinguishing a person's – and a people's – history.¹⁶⁵

¹⁶³ Como afirmamos anteriormente acreditamos que as cartas escritas por Xuela durante a aula eram destinadas à mãe, pelo fato de esta estar morta a personagem parece redirecionar suas súplicas ao pai, pois este faz parte do laço que liga Xuela à sua mãe.

¹⁶⁴ Trecho retirado do texto de Tai Moses, "*A Motherless child rages in Jamaica Kincaid's searing 'Autobiography'*", encontrado no site <http://www.metroactive.com/papers/metro/02.15.96/kincaid-9607.html> em 10-03-2011.

¹⁶⁵ "Com a mágoa de órfã e a raiva de despojada, Xuela é o símbolo em carne e osso de Kincaid para os efeitos incalculáveis, trágicos, do domínio colonial sobre a cultura dominicana, para a dependência das Índias Ocidentais na 'pátria' Britânica. Xuela é a Dominica – um país órfão em bamboleios, seu povo dominado e conquistado, seu passado um cemitério. Aqui, Kincaid está dizendo, são as consequências de se extinguir a história de uma pessoa – de um povo."

Essa condição de órfã marca Xuela profundamente. Jamaica Kincaid evidencia nesse romance o quanto o pessoal e o social estão interligados. Da mesma forma que a personagem é humilhada pela professora, seu povo é humilhado por quem tem poder. A personagem Xuela traz à tona essa reflexão quando menciona o fato de que enquanto todos os alunos de sua sala eram africanos ela era o resultado de uma mistura: a mãe era caribenha e o pai era africano. Por essa razão Xuela é tratada como diferente.

A mistura que Xuela faz parte também está presente no sangue de seu pai, mas ele, apesar de também ser fruto de uma mistura (o pai dele era um *Scotsman* enquanto a mãe era africana), decide assumir a postura do conquistador; como parte desta decisão fica evidente que o tratamento que ele dá às pessoas que estão em busca de ajuda é desumano. É revoltante para Xuela conhecer tantos detalhes da vida do avô paterno e não saber nada sobre a avó paterna, assim como não sabia nada sobre sua mãe; essa é a prova clara de que o lado ‘dominado’ da família da personagem foi apagado por completo de sua história, o ‘apagamento’ da história das mulheres da família é um ponto importante para entendermos o relacionamento da personagem com o pai, que está ao lado dos vencedores, e dá mais força para que a memória de Xuela aja como agente restituidor da história dos vencidos.

A presença do pai da personagem é muitas vezes relacionada ao uso de máscaras. O pai de Xuela é um oficial da lei que tentava a todo o momento se sobressair aos demais, usando sua posição de poder como forma de firmar seu status. Essa postura dominadora do pai decepciona Xuela, que não consegue entender como ele, também uma vítima podia agir como um cúmplice; a personagem passa a ver o pai como sendo o resultado da construção de outra pele que lhe dava poder. Várias vezes a personagem usa os termos ‘vencedores’ e ‘vencidos’, ‘dominadores’ e ‘dominados’ para demonstrar que a vida parece um jogo (KINCAID, 1996, p. 182) e nesse jogo o pai de Xuela parece ter decidido não perder.

Stuart Hall (2006) levanta um questionamento interessante: dado a realidade em que vivemos será que ainda é possível carregar um sentimento de identidade que seja coerente e integral? É fato que, no caso desse romance, presenciamos diversas presenças que dizem respeito à formação da identidade da personagem, mostrando-a com uma natureza transculturalizada; graças a essa realidade Xuela

tem dificuldade em pensar na ideia de pertencimento e por isso afirma que *“I refused to belong to a race, I refused to accept a nation. I wanted only, and still do want, to observe the people who do so. The crime of the identities, which I know more than ever, I do not have the courage to bear”*¹⁶⁶ (KINCAID; 1996, p. 226). A recusa da personagem em afirmar pertencer a uma determinada nação surge principalmente porque Xuela, ao contrário de seu pai, reconhece ser o resultado de uma mistura (mãe caribenha e pai africano) e para ela seria impossível ficar de um lado, pois seria uma forma de trair o outro lado.

Apesar das experiências de sofrimento da personagem (orfandade, abandono, etc.) Xuela busca desenvolver sua identidade com o intuito de manter-se livre do jugo opressor, que aparece em sua vida porque ela é mulher, negra, tem origens misturadas e vem de um lugar que foi colonizado pelo povo europeu. A identidade que Xuela desenvolve é decifrada ao longo da narrativa e está centralizada na figura materna, pois mesmo com a perda da mãe, ela continua sendo a principal referência da personagem justamente por representar o oposto do que o pai representa.

O fato de Xuela ter perdido a mãe tão cedo faz crescer na personagem uma visão diferenciada do mundo que está a sua volta e do seu papel enquanto mulher. Xuela afirma que *“inside me was nothing; inside me there was a vault made of a substance so heavy I could find nothing to compare to”*¹⁶⁷ (idem, p. 99); o vazio relatado por Xuela é o responsável pela decisão da personagem em não ter filhos, pois para essa personagem colocar filhos no mundo nessa condição seria uma injustiça. A experiência vivida por Xuela, bem como sua lembrança imaginada, propicia à personagem a oportunidade de decidir seu próprio destino, por essa razão ela afirma: *“I had never had a mother, I had just recently refused to become one, and I knew then that this refusal would be complete”*¹⁶⁸ (idem, p. 96). A abdicação da maternidade, explicitada não só quando a personagem aborta o filho que esperava

¹⁶⁶ “Eu me recuso pertencer a uma raça, eu me recuso aceitar uma nação. Eu queria apenas, e ainda quero, observar as pessoas que o fazem. O crime das identidades, que eu conheço mais do nunca, eu não sou capaz de suportar”

¹⁶⁷ “dentro de mim não havia nada; dentro de mim havia uma caverna feita de uma substância tão pesada que eu não podia encontrar nada para comparar”

¹⁶⁸ “Eu nunca tive uma mãe, só recentemente eu me recusei a ser uma e eu sabia que essa recusa seria completa”

do Monsieur LaBatte, mas em outros momentos da narrativa é uma escolha de Xuela, que demonstra a força e coragem dela em proteger-se.

Se a personagem parece não estar preparada para construir laços mais sólidos com os que estão a sua volta nem criar um laço mais profundo por uma criança sua, o mesmo não podemos dizer em relação à forma que Xuela se defende do mundo. Para a protagonista desse romance a autoestima cumpre um papel fundamental em nossas vidas: *“it is among the first tools you need to transgress against another human being – to be very pleased with who you are.”*¹⁶⁹ (idem, p. 156) Xuela acredita que o amor próprio é o melhor antídoto contra a exploração e subordinação, afinal se o caminho mais usado pelo dominador é através da inferiorização do outro não deixar que esse processo de inferiorização seja completado é a maneira mais correta de fugir desse ciclo.

A vida inteira de Xuela é marcada pela perda e pelo isolamento, por essa razão acreditamos que a personagem usa a solidão como forma de proteger-se de qualquer tipo de sofrimento¹⁷⁰. Outro fator importante para entendermos Xuela gira em torno da tentativa da personagem em lembrar-se da mãe com o intuito de conhecer a si mesma. Nesse contexto podemos considerar esse romance como peça-chave para compreender a relação mãe-filha desenvolvida na escrita kincaidiana e perceber a figura da mãe num aspecto mais amplo, que engloba o lugar da mãe para a manutenção da cultura patriarcal e também diz respeito à conexão feita entre a mãe e a terra-mãe; essas características são responsáveis pela forma como a identidade vai tomando forma no decorrer da narrativa e como Xuela assume e incorpora essa identidade.

Nesse processo de desenvolvimento da identidade a personagem conta com a memória; a cada capítulo do romance vemos uma parte a mais da figura de uma mulher, que nos indica a descoberta a cerca de alguém. A centralidade da figura materna continua neste romance como forma de demonstrar a ligação incontestável entre mãe e filha; mesmo morta a mãe de Xuela representa muito na vida da filha,

¹⁶⁹ “entre as primeiras ferramentas que você precisa para contrariar outro ser humano – estar satisfeito com quem você é”

¹⁷⁰ A escolha de Xuela em ser sozinha é evidenciada, por exemplo, quando ela se muda para a casa do pai; a personagem diz sentir-se em paz quando está sozinha no quarto, nesses momentos ela pode não só pensar na mãe, como também sentir-se segura.

que escolhe percorrer certos caminhos por causa da mãe. Xuela está constantemente olhando para trás na tentativa de descobrir não só a história da mãe, apagada por sua morte precoce e pelo fato de fazer parte do povo dominado, mas principalmente para descobrir-se a si própria, para desenvolver sua identidade levando em consideração suas experiências de vida e sua lembrança de experiências vivenciadas pela mãe.

Graças às escolhas feitas por Xuela ao longo da narrativa a personagem é capaz de sentir paz mesmo estando sozinha. Aos 70 anos e com a grande maioria de seus familiares mortos (principalmente seus genitores) Xuela comprova que é dona de si: *"I was alone and I was not afraid, I accept in the way I accepted all the things that were true of me"*¹⁷¹ (KINCAID, 1996, p. 223); é por esse desapego à materialidade que Xuela narra nos últimos parágrafos do livro sua impossibilidade de ser determinadas coisas e ter determinadas atitudes; além disso uma vez que sempre buscou trazer a figura da mãe morta para perto de si, e como viveu toda sua vida 'sozinha' não tem medo do que está por vir: a morte. Segundo Xuela *"death is the only reality, for it is the only certainty, inevitable to all things"*¹⁷² (idem, p. 228).

Essa personagem parece mostrar através de suas ideias e atitudes que é necessário assimilar os diversos componentes culturais a que ela está exposta com o objetivo de formar uma identidade própria; através da escolha por olhar para trás e utilizar da memória como forma de validar essa identidade. É também através da lembrança da vida de sua mãe (que ecoa em sua própria vida) que a personagem torna-se capaz de transformar sua identidade numa arma de conscientização, que por sua vez é responsável pela liberdade encontrada por Xuela, liberdade essa que transparece nos parágrafos finais do romance; a certeza da morte e a conformidade em relação a esse fato é um ótimo exemplo do espírito livre que Xuela desenvolve.

¹⁷¹ "Eu estava sozinha e não estava com medo. Eu aceito este caminho como eu aceitei todas as coisas que eram verdadeiras para mim"

¹⁷² "a morte é apenas uma realidade, pois é a única certeza, inevitável para todas as coisas"

Capítulo IV:

Questões de Sexualidade, Identidade e Poder em *Annie John, Lucy e The Autobiography of My Mother*

“As mulheres, durante séculos, serviram de espelho aos homens por possuírem o poder mágico e delicioso de refletirem uma imagem duas vezes maior que o natural.” (Virginia Woolf)



Figura 7



Figura 8

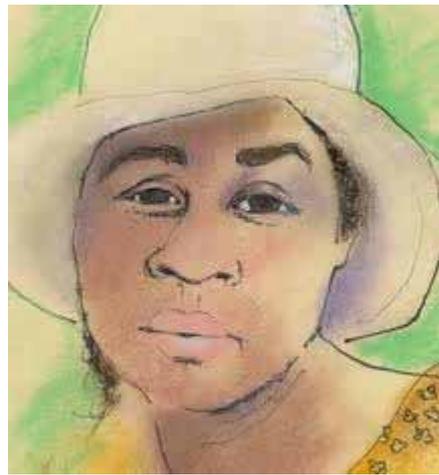


Figura 9

4. Questões de Sexualidade, Identidade e Poder nos romances *Annie John* (1985), *Lucy* (1990) e *The Autobiography of My Mother* (1996)

A escrita de Jamaica Kincaid oferece um enfoque de desconstrução das ‘verdades’ socialmente difundidas, não apenas com o intuito de demolir essas verdades pré-estabelecidas, mas também com o desejo intrínseco de (re)construir novos conceitos, novas verdades que sejam capazes de dar conta da nova realidade que se apresenta¹⁷³. Essa desconstrução proposta por Kincaid se torna ainda mais latente no que diz respeito à construção das identidades; nos romances analisados fica claro que as personagens passam por um estágio de autorreconhecimento necessário para que suas identidades sejam formadas e (a)firmadas, de acordo com o relato de Annie, Lucy e Xuela comprovamos que esse é um processo que não acontece de maneira natural, e sim através de inúmeros conflitos, pois, se como afirma Stuart Hall (2003), a identidade tornou-se politizada não podemos mais conceber a ideia de identidade como algo automático, é preciso encará-la como um conceito elástico, que é definido através da forma como o sujeito é interpelado e como este responde à interpelação.

Nesse capítulo aprofundaremos as análises feitas durante os capítulos anteriores, a fim de traduzir a perspectiva das personagens kincaidianas, comparando suas características e revelando como as narrativas aparecem como caminhos de reflexão sobre questões acerca da sexualidade, da identidade e do poder. As questões incrustadas nesses romances formam uma espécie de ‘tríade’ que explica o comportamento das personagens: em primeiro lugar vemos o conceito de identidade tornar-se um conceito socialmente construído, em que as influências do ambiente familiar e escolar recebem importância crucial; em segundo lugar observamos que a formação dessa identidade acontece graças às mudanças de perspectiva ocorridas durante a narrativa, fruto do ato de refletir e refutar as ‘verdades’ propagadas pela família, pela escola e pela sociedade como um todo; e

¹⁷³ Essa nova realidade que surge no século XX é resultado das crises que surgem com o período pós-moderno, que são responsáveis pela fluidez das identidades e pelo contexto de conflitos que o indivíduo passa a enfrentar.

em terceiro lugar, sendo consequência dos dois primeiros tópicos temos a conscientização das personagens em relação ao seu lugar no mundo, resultado do amadurecimento que as personagens apresentam na medida em que não só refletem e refutam os parâmetros sociais mas passam a agir contra eles através de uma postura de resistência.

Os romances analisados apresentam inúmeras similaridades (que indicam que existe uma ligação entre as personagens), como a narração em primeira pessoa, o afastamento da família, protagonistas mulheres que escolhem um caminho diferenciado; cada um desses romances é caracterizado pelo amadurecimento que as personagens desenvolvem ao longo da narrativa. As personagens desses romances vivem trajetórias especiais que lhe dão a oportunidade de crescimento pessoal e desenvolvimento de suas identidades; independentemente da idade das personagens encontraremos em suas jornadas um processo de aprendizagem, de mudança e de transformação, que será responsável pela visão de mundo das mesmas.

Enquanto em *Annie John* vê-se a construção da personagem Annie através dos relatos que a personagem faz dos eventos de sua infância e que são responsáveis pelo desejo de Annie em afastar-se de sua mãe e de sua terra; em *Lucy* percebe-se que a personagem dá um passo adiante porque a personagem já se encontra em um novo ambiente; além disso, é fácil perceber que Lucy procura seu lugar no mundo e que a separação física dela com a mãe interfere em sua vida e em seus planos; já em *The Autobiography of My Mother* encontramos uma personagem que, diferentemente de Annie e Lucy não conta com a experiência de conviver com uma figura materna, e, mesmo assim, é afetada durante toda sua vida por esse fato, Xuela aparece nesse contexto como a representação da busca por uma (re)conexão perdida no tempo e na história. *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* caracterizam-se como uma trilogia especializada no desenvolvimento da identidade a partir da habilidade de Kincaid em associar o universo familiar com as questões de cunho social, inserindo na realidade de suas personagens os conflitos de ordem pessoal (relação mãe-filha, sexualidade) com os conflitos de ordem sócio-cultural (relação nação-indivíduo, condição da mulher, colonização). A escritora realiza essa façanha através da abordagem do período de

formação da personagem Annie, do processo de **migração** de Lucy, e por fim, a centralização da **memória** por parte de Xuela.

4.1 Formação – Migração – Memória: uma trilogia temática

A escolha em analisar esses romances passa pelo reconhecimento de que existe uma conexão real entre eles, centrada na temática que eles abordam; mesmo não fazendo parte de uma ‘trilogia convencional’¹⁷⁴ *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* funcionam como uma ‘trilogia temática’¹⁷⁵. Além de recorrerem à mesma teia de assuntos (o papel da mulher na sociedade, a sexualidade, as consequências do colonialismo, o paralelo entre a relação mãe-filha com a relação entre nação-indivíduo, a construção da identidade) esses romances seguem uma espécie de roteirização no que diz respeito ao caminho das personagens até o momento em que o amadurecimento floresce; Annie, Lucy e Xuela iniciam a narrativa buscando respostas que deem sentido à vida que elas têm e é através da reflexão de suas experiências que elas superam os conflitos pessoais e seguem adiante. O amadurecimento que Kincaid imprime em suas personagens não se baseia pura e simplesmente pela passagem da idade (em cada livro a personagem se encontra mais velha), mas levando em conta as experiências vividas por elas e as atitudes que as personagens assumem ao longo da narrativa; o amadurecimento delas gira em torno da coragem e da determinação, resultado do processo de aprendizagem relacionado às experiências de vida de cada uma; esse amadurecimento também é responsável pelas novas experiências que cada personagem escolhe vivenciar.

¹⁷⁴ Normalmente a trilogia é formada por três obras que estão conectadas como um único trabalho, nesse caso indicaria um mesmo personagem que livro após livro segue uma jornada.

¹⁷⁵ A trilogia temática, por sua vez, é formada por três obras conectadas pelo tema abordado pela narrativa, dessa forma cada livro, apesar de apresentar protagonistas diferentes, explora a mesma realidade.

O evento morte aparece em cada romance com uma característica diferente. Em *Annie John* somos apresentados às primeiras experiências de Annie em relação à morte; o assunto gera a curiosidade na personagem, que passa a acompanhar cortejos e olhar alguns mortos, mesmo assim a personagem encara esses eventos com estranheza e medo, dada sua pouca idade esse universo é novo para Annie e por isso existe uma nuvem de mistério. Já no romance *Lucy* nos deparamos com a morte de um ente próximo à personagem – o pai – mas graças ao fato de Lucy não morar mais com a família esse evento parece ser algo distante, principalmente por que a personagem não nutre pelo pai sentimentos profundos de amor, o que ela sente por ele é quase indiferença. Só no romance *The Autobiography of My Mother* é que encontramos uma personagem que tem laços estreitos com a morte e por isso, ao contrário de Annie, não tem medo dela; Xuela nunca conheceu a mãe e viu todos os seus parentes (inclusive o marido) morrerem, ao afirmar no final do romance que “*death is the only reality, for it is the only certainty, inevitable to all things*”¹⁷⁶ (KINCAID, 1996, p. 228) a personagem deixa claro que o evento morte fez parte de toda sua trajetória e por essa razão ela sente-se confortável com a situação e por causa de sua idade avançada espera pela morte com naturalidade. A forma como a morte é vista e encarada pelas personagens demonstra que existe um amadurecimento real que transparece durante a narrativa e a identidade das personagens é pensada e problematizada levando em conta as experiências vivenciadas por elas, experiências essas que terão impacto profundo no modo de pensar e agir de cada uma delas.

A vida em família é mais um tópico que deve ser observado com muita atenção, porque é nesse contexto que se apresenta o principal foco de conflito que as protagonistas enfrentam em sua jornada. Os três romances abordam a figura da mãe como algo determinante para o desenvolvimento das personagens, que, enquanto mulheres, teriam o papel de reconhecer a mãe como um modelo e imitá-lo, tornando-se complacente com o ambiente de subordinação comum à maioria das mulheres. Ao invés disso Annie e Lucy caminham em direção à rejeição dos valores propagados por suas genitoras; o afastamento geográfico presente em ambas narrativas (sendo que em Annie esse afastamento acontece no fim da narração e em Lucy ele se dá já no início) indica claramente o desejo de afastar-se física e

¹⁷⁶ “a morte é a única realidade, pois é a única certeza, inevitável a todas as coisas”

emocionalmente desse ambiente dominador. No caso de Xuela a mãe continua exercendo um papel primordial na vida da personagem, no entanto o modelo a ser rejeitado passa a ser o pai, já que com a morte da mãe ele é o único parente que pode ter alguma influência na vida da personagem e graças ao seu comportamento opressor a afasta de seu convívio. É a partir desse ambiente conflituoso entre as personagens e seus genitores que as principais mudanças da narrativa acontecerão.

Outro fator a ser considerado diz respeito ao florescimento das personagens em relação ao sexo. A personagem Annie ainda é muito jovem e por isso suas reflexões sobre o tema resumem-se ao seu desejo de manter-se livre e sua repulsa pela ideia de casar-se; esse desejo de não assumir nenhum compromisso também está presente na personagem Lucy, que apesar de uma vida sexual bastante ativa, não demonstra interesse em relacionar-se seriamente com ninguém. Apesar de ser a única entre as três personagens a se casar, Xuela também demonstra despreendimento em relação às relações sexuais, para ela, assim como para Lucy, o sexo deve ser uma fonte de prazer e não de obrigação; segundo Friedan o papel que a mulher desempenha na sociedade tem a ver com a mistificação da feminilidade da mulher, pois segundo a escritora americana “a voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que [a mulher] não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade.” (1971, p. 17) As personagens analisadas acabam contrariando essas prerrogativas (principalmente Lucy e Xuela, por já terem experiência sexual) porque desconstróem esse conceito de feminilidade. Elas descobrem que o seu corpo é um templo que é só delas, e que, por essa razão, elas devem tomar as decisões em relação a ele; o fato de Xuela não demonstrar vergonha sobre o ato de masturbar-se é uma prova irrefutável de que a personagem não tem problemas em assumir seus desejos, sua escolha pelo aborto comprova que a personagem não foge em assumir a responsabilidade por seu corpo.

A perspectiva da narrativa kincaidiana se sustenta no desejo por desmistificar o sentimento da mulher em relação a si mesma (da mesma forma que desmistifica o sentimento do indivíduo em relação ao seu lugar de origem), desconstruindo e (re)construindo valores que não ignorem a identidade feminina. Os romances apresentam uma trajetória linear responsável pelo processo de aprendizagem e,

consequentemente, amadurecimento das personagens; para isso faz-se necessário levar em consideração alguns aspectos, que abordaremos em seguida.

No romance *Annie John* encontramos uma narrativa que se desenrola através das características de um romance de formação, nele o caminho percorrido por Annie é narrado enquanto a personagem ainda é criança, a narradora mostra sua vida e seus conflitos entre a infância e adolescência e como alguns eventos (como o distanciamento da mãe) influenciam sua decisão de sair de casa. Nesse contexto em que se aborda o processo de formação da personalidade e identidade encontramos uma menina que passa por uma experiência traumática, materializada na cena da primeira menstruação.

Seguindo na mesma direção em relação ao desejo de afastar-se da figura materna aparece *Lucy*, nesse romance a personagem já se encontra com dezessete anos (a mesma idade que Annie tem no final do outro romance) e já saiu de casa. O início da narrativa mostra exatamente como é a chegada de Lucy aos Estados Unidos e como ela se sente desapontada com o que vê. Aqui o ponto central a ser analisado são as consequências da migração da personagem, uma vez que Lucy confirma sua busca por uma identidade que seja desvincilhada da identidade da mãe o deslocamento da personagem acaba se tornando mais que o resultado desse desejo, ele é um meio para consegui-lo.

No caso de *The Autobiography of My Mother* a memória é a peça chave para entendermos a vida da personagem; aos setenta anos e à espera pela morte, Xuela narra os eventos que fizeram parte de sua vida, desde a infância até a idade adulta, utilizando-se da memória para resgatar a figura da mãe com o objetivo de conhecer a si própria. Diferentemente das outras duas personagens Xuela já viveu toda uma vida e demonstra ter mais segurança sobre o que o futuro reserva para ela; as experiências que Xuela rememora são parte de sua trajetória e ajudam a explicar as escolhas que a personagem faz ao longo da narrativa.

Esses três romances sustentam-se numa tríade: a formação de Annie, a migração de Lucy e a memória de Xuela. Na condução de um romance para outro vemos que existe um fio condutor que acaba sendo justamente o que deixa esses romances com a característica de uma obra de trilogia: primeiro vemos uma

personagem ainda no período da adolescência, que precisa passar por determinadas experiências no âmbito familiar e escolar para descobrir a necessidade em firmar-se longe do jugo patriarcal-imperial; em seguida encontramos uma personagem que começa a narrativa com a mesma idade que a outra personagem tinha e que não mais está com sua família de sangue, mas acaba aprendendo similaridades entre sua mãe e sua patroa, essa personagem não mais frequenta a escola regular, mas já trabalha e já demonstra interesses específicos em relação ao seu futuro (como a fotografia); por fim temos uma personagem que já está no fim da vida e com muita clareza e serenidade reflete sobre os acontecimentos de sua jornada, destacando seu interesse em resgatar a história de sua mãe, porque há um reconhecimento da personagem por essa história.

Nos três romances a questão da identidade é trabalhada de maneira sutil e honesta, em todas as narrativas encontramos uma linha muito tênue entre passado e futuro, ao encararmos a identidade como sendo um conceito que está *“grounded in the shifting space between the past and the future through the subject’s present agency, which results from his/her positioning within and by culture”*¹⁷⁷ (WALTER, 2003, p. 26) perceberemos que nenhuma de nossas personagens seria capaz de contar sua história, de viver suas escolhas se não desenvolvesse um senso comum capaz de conectar passado e futuro, pois para entender a construção da identidade como o resultado das experiências culturalmente híbridas que o sujeito passa a entrar em contato e que moldam a vida contemporânea ininterruptamente (WALTER, 2003) não podemos deixar de lado o papel que o passado desse indivíduo (ou dessa nação) representa para sua visão do presente e suas escolhas para o futuro.

Cada uma das personagens, em diferentes níveis e contextos, desenvolve uma identidade diaspórica, que será responsável pela maneira como as personagens encaram a vida. Entretanto a questão diaspórica é minimizada na personagem Annie porque ela só sai de casa no fim do romance; enquanto isso Xuela não chega a sair do país, no entanto separa-se constantemente de sua família. Com a personagem Lucy vemos mais fortemente essa realidade porque todo o romance é narrado já com a personagem fora de seu país.

¹⁷⁷ “aterrado no espaço de deslocamento entre passado e futuro da atividade atual do sujeito, que resulta no posicionamento dele/dela na e pela cultura”

4.2 As tensões familiares e o processo de identificação das personagens

As relações socialmente desenvolvidas ao longo da vida moldam o ser humano e são responsáveis pelo que ele se torna na fase adulta, pois os primeiros contatos do indivíduo durante a infância terão importância incontestável para a forma que este vê o mundo, seja para afirmá-lo ou confrontá-lo o contato da criança com o mundo acontece através da relação que ela desenvolve com seus parentes e, mais adiante, com professores, colegas e outras figuras que se encaixam em sua realidade sócio-cultural. Jamaica Kincaid explora bem as ramificações que as relações familiares apresentam na vida do sujeito, suas personagens Annie, Lucy e Xuela desenvolvem a vontade de construir suas próprias identidades e isso só acontece porque as tensões que envolvem a relação mãe-filha (*Annie John* e *Lucy*) e pai-filha (*The Autobiography of My Mother*) as levam por esse caminho, seja através do deslocamento das personagens, seja pelo processo de rememoração todas elas saem em busca de um caminho próprio que lhes dê oportunidade para serem livres.

No romance *The Autobiography of My Mother*¹⁷⁸ a personagem Xuela busca conhecer a mãe que morreu durante o parto com o intuito de sentir-se completa; para isso ela utiliza do conhecimento que tem de si mesma – já que não havia ninguém com quem ela pudesse conversar sobre o assunto. A busca por (re)conhecimento fica nítida no início de cada capítulo, pois vemos uma parte da foto de uma mulher que vai se revelando aos poucos, até que no último capítulo temos a foto inteira. Um dos momentos em que Xuela mais se sente próxima da mãe é quando a personagem sonha, nesse momento Xuela sente a presença da mãe mesmo sem conseguir visualizar seu rosto ou ouvir sua voz, essa presença representa muito para a personagem: “*when I awoke, I was not the same child I had been before I fell asleep.*”¹⁷⁹ (KINCAID, 1996, p. 18) A idealização da figura materna

¹⁷⁸ Neste tópico não utilizamos a ordem cronológica dos romances porque queremos seguir a análise dessa parte levando em consideração: a ausência física da mãe, causada pela morte (*The Autobiography of My Mother*), a presença física da mãe (*Annie John*) e ausência física da mãe, causada pelo deslocamento geográfico da personagem (*Lucy*).

¹⁷⁹ “quando acordava eu não era a mesma criança que eu era antes de ir dormir.”

é construída desde a infância de Xuela e seus sonhos a faziam sentir-se protegida, exatamente o que não conseguia sentir quando estava acordada, já que não tinha um lar de verdade¹⁸⁰. Apesar do fato de a mãe estar morta ela tem muito mais importância para a personagem do que o pai, que mesmo vivo, abandona Xuela durante os primeiros anos com a lavadeira e mesmo quando a traz para morar com ele e a nova esposa, não participa ativamente da vida da filha; proporciona-lhe conforto, mas não é capaz de dar-lhe amor; proporciona-lhe uma posição social (filha de uma autoridade local), mas não mostra capacidade de ser uma figura modelo que possa ensiná-la sobre as coisas da vida.

Em *Annie John* também temos um pai que, mesmo presente fisicamente e participante da dinâmica da casa (como provedor da família) não significa muito para Annie; seu papel se restringe apenas a ser o mantenedor do lar, e por isso não tem a mesma importância da mãe. Nesse romance podemos analisar o relacionamento entre Annie e sua genitora (que tem o mesmo nome) em dois momentos que são opostos entre si e que representam uma ruptura significativa que pode ajudar a compreender o processo para a formação da identidade da personagem. Até certo ponto da narrativa vê-se cumplicidade entre mãe e filha, Annie sentia um amor e admiração profundos pela mãe, nesse primeiro momento Annie afirma: *“how important I felt to be with my mother.”*¹⁸¹ (KINCAID, 1985, p. 15) Essa frase mostra a existência da força da relação entre as duas; entretanto acontece uma reviravolta nessa relação, num determinado momento (que coincide com a chegada da personagem ao estágio da adolescência) tudo isso acaba, e elas passam a ser praticamente inimigas: *“we both noticed that now if she said that something I did reminded her of her own self at my age, I would try to do it a different way, or, failing that, do it in a way that she could not stomach.”*¹⁸² (idem, p. 87) Esse comportamento marca a segunda parte da narrativa e é nesse momento que Annie passa a se afastar da mãe e esse é um afastamento que não tem volta e que culminará na partida de Annie para a Inglaterra.

¹⁸⁰ Esse fato explica o porquê do único lugar que Xuela se sente bem seja em seu quarto, quando ela tem a oportunidade de ficar sozinha. A solidão para Xuela é, desde o princípio até o final da vida, a única forma de sentir-se segura, na solidão ninguém a decepcionará.

¹⁸¹ “quão importante eu me sentia por estar com minha mãe.”

¹⁸² “nós duas notamos que agora se ela dissesse que alguma coisa que eu fiz a lembrou de seu próprio eu na minha idade eu tentaria fazê-lo de um modo diferente, ou, na falta disso, fazer de um jeito que ela não teria estômago.”

Também em *Lucy* percebemos a sobreposição da mãe em relação ao pai, nesse caso ambos estão distantes fisicamente da personagem – graças a sua decisão de migrar para os Estados Unidos – e mesmo assim a figura da mãe continua presente durante o processo que a personagem vivencia através de sua mudança para um novo país; as lembranças que Lucy carrega consigo possuem uma função dupla e divergente: primeiro a aproximam da mãe, o que explica o fato de Lucy se comparar à ela, e depois serve de combustível para o ressentimento da personagem que passa a ver a mãe como uma traidora, já que diferentemente do pai, ela deveria nutrir por Annie um sentimento de cumplicidade, destruído pelas atitudes da mãe em privilegiar os filhos. As lembranças não surtem o mesmo efeito com o pai porque para Lucy a relação pai-filha sempre foi distante. Assim como acontece com Annie também é possível perceber que houve uma ruptura na relação mãe-filha que é determinante para o afastamento de Lucy. As atitudes da mãe passam a ser encaradas como uma forma de posse e não de amor:

*I had come to see her love as a burden and had come to view with horror the sense of self-satisfaction it gave my mother to hear other people comment on her great love for me. I had come to feel that my mother's love for me was designed solely to make me into an echo of her.*¹⁸³ (KINCAID, 1990, p. 36)

A mãe de Lucy parecia não se importar com o verdadeiro eu da sua filha e o pai sequer a enxergava (porque estava preocupado demais com o futuro dos filhos homens); o mesmo vale para a mãe de Annie, tão preocupada em torná-la uma *lady*¹⁸⁴ e o pai tão centrado em suas atividades de macho-alfa; o único parente vivo de Xuela – o pai – também não demonstra interesse real pela filha e por isso não a conhece verdadeiramente. No caso dos dois romances em que as mães se encontram vivas percebemos uma dinâmica diferente na relação com a mãe¹⁸⁵, tanto no caso de Annie como de Lucy vemos que é “quando a menina cresce que nascem verdadeiros conflitos” (BEAUVOIR, 1980, p. 289), isso se dá porque é a partir do momento em que a menina é capaz de raciocinar e entender as coisas por

¹⁸³ “Eu tinha começado a ver o amor dela como uma carga e tinha começado a enxergar com horror o senso de autossatisfação que dava à minha mãe ouvir outras pessoas comentarem sobre seu grande amor por mim. Eu tinha começado a sentir que o amor de minha mãe por mim era concebido exclusivamente para me fazer um eco dela.”

¹⁸⁴ “dama”

¹⁸⁵ E no caso de Xuela, única personagem órfã de mãe, todo o conflito passa a ser canalizado apenas em direção à figura paterna.

si mesma que ela passa a desejar “afirmar sua autonomia contra a mãe” (idem, p. 289); é comum a mãe buscar reproduzir na filha tudo o que aprendeu¹⁸⁶. Annie, Lucy e Xuela apresentam uma postura de afastamento desse ciclo reprodutivo, e por isso demonstram o desejo de libertar-se da dominação hierárquica e encontrar-se como indivíduos independentes, com esse objetivo as personagens tendem a trilhar o caminho mais difícil, já que, segundo Friedan (1971), é mais fácil viver a vida através de outra pessoa do que buscar ser uma pessoa completa.

As tensões reveladas no relacionamento entre mãe e filha traduzem dois caminhos que se encontram numa encruzilhada interessante: ao mesmo tempo em que a relação mãe-filha pode ser equiparada com a relação nação-pessoa, ela também indica a relação de poder patriarcal-pessoa. Em *The Autobiography of My Mother* Xuela sente falta da mãe e procura conhecê-la através de suas conjecturas, da mesma forma como reflete sobre a realidade de seu povo, buscando refletir sobre como sua mãe e seu povo puderam se perder na história e como a recuperação dessa história é importante para ela se firme enquanto pessoa; já em *Annie John* vemos uma mãe submissa que depende de seu marido para tudo (não muito diferente do que acontece em *Lucy*); enquanto Xuela deseja encontrar sua mãe através de suas lembranças Annie e Lucy tomam a decisão de se afastar de suas respectivas mães, seguindo o mesmo raciocínio ambas personagens querem se afastar da própria pátria a fim de encontrar um caminho que não envolva subserviência.

Essa correlação mãe-pátria também pode ajudar a entender a relação das personagens com os pais levando em consideração o que eles acabam representando nesse cenário de conflito: o dominador. O pai de Xuela representa mais fortemente essa ideia porque mesmo sendo um filho da terra assume uma posição de poder que o faz ser comparado ao colonizador branco, não só pelo cargo que ocupa, mas também pela mistura racial da qual ele é o resultado; nesse caso a revolta apresentada pela personagem é maior já que o pai se apresenta como uma

¹⁸⁶ Ao citar Gramsci, Terry Eagleton afirma que as ideologias são “como forças ativamente organizadas e psicologicamente ‘válidas’, que moldam o terreno em que os homens e as mulheres agem, lutam e se conscientizam de suas posições sociais” (1997, p. 199) e por isso ela é responsável pelo comportamento da mãe em relação à filha, pois a genitora reproduz o que acha ser o certo na educação dos filhos e das filhas; afinal ninguém, em sã consciência instruirá sua prole para o ‘caminho errado’.

vítima algoz¹⁸⁷. Os pais de Annie e Lucy, assim como o pai de Xuela, representam a figura típica do homem na sociedade patriarcal: eles decidem o rumo que a família vai tomar e são peças-chave para a manutenção dessa sociedade através da educação familiar, para que isso se concretize eles precisam da cumplicidade das mães. Um exemplo bastante conciso em relação à posição do pai nessa estrutura patriarcal se materializa nos sonhos que o pai de Lucy tem para o futuro dos filhos, em detrimento aos planos pensados para o futuro da personagem. Vemos que nos três romances o pai, assim como o colonizador, explora a mulher-nação para seu bem próprio, caracterizando-as como mero objeto.

Sendo assim percebemos que Xuela está, na verdade num ambiente de exploração dupla, porque além de sofrer as consequências por fazer parte do povo colonizado a personagem, por ser mulher, enfrenta dificuldades em ser levada a sério. Nesse caso a internalização de valores age da mesma forma e através dos mesmos meios: a educação (familiar e escolar) e o convívio social; a estrutura social montada há séculos tem como objetivo traçar os destinos dos indivíduos através da raça, gênero, classe social (SAFFIOTI, 2001) e acrescentaríamos também o espaço geográfico. Para Fanon o colonialismo busca “plantar profundamente nas mentes da população nativa a ideia de que antes do advento do colonialismo sua história era uma história dominada pelo barbarismo” (2002, p. 171); o mesmo acontece com as mulheres, o patriarcalismo imbuete na mulher o sentimento de incapacidade para que ela sinta a necessidade de ser protegida, essa criação de dependência em relação ao colonizador e ao homem é a ferramenta indispensável para a subordinação do colonizado e da mulher. Essa herança é muito difícil de ser aniquilada porque, como nos diz Freire (1985) sempre haverá uma ‘sombra introjetada’¹⁸⁸ no indivíduo, que precisa entender todo esse ciclo de dependência para poder se libertar. Parece-nos que as personagens analisadas aqui cumprem bem esse papel de resistência à sombra do colonizador e também à sombra do homem, é por essa razão que a

¹⁸⁷ Esse conceito de vítima algoz explica bem o comportamento do pai de Xuela, que apesar de ser tão vítima da colonização como qualquer outra pessoa de sua terra, assume uma postura ativa na vitimização dos outros através da utilização de sua autoridade como forma de humilhar quem vem até ele.

¹⁸⁸ Freire se referia à ‘sombra introjetada’ para explicar que mesmo quando o colonizador se afasta ele continua marcando presença na vida do colonizado, através de tudo que foi internalizado por ele durante o período da colonização. As personagens kincaidianas analisadas nesse trabalho deixam clara a existência dessa sombra, quando, por exemplo, Annie reflete sobre o porquê comemorar o aniversário de uma rainha que não é nada para seu povo.

figura dos pais e dos amantes das personagens não têm grande importância, esse é um artifício da narrativa kincaidiana para exemplificar a necessidade de dissolução do patriarcalismo.

Esse processo de resistência e independência é muito doloroso porque influi diretamente na vida pessoal-familiar das personagens. De uma forma ou de outra Annie, Lucy e Xuela sentem ressentimento enorme pela maneira como são vistas e tratadas por seus familiares, em cada uma das narrativas vemos que elas são renegadas e sempre são postas em segundo plano; demonstrando que a ideologia repressora age constantemente desde a esfera particular (família) até a esfera pública (escola e trabalho). Em *The Autobiography of My Mother* a personagem sente o desprezo que vem da madrasta e a falta de afeto do pai, mas se sente ainda pior porque ambos dão tratamentos diferentes a ela (e à meia-irmã) em relação ao seu meio-irmão. Annie também é posta de lado pela mãe, não porque ela tenha outros filhos, mas porque em determinado momento da narrativa a mãe deixa de se importar com ela. O mesmo acontece com Lucy que se sente menosprezada pelos pais (principalmente pela mãe) que só pensam num futuro promissor para os filhos homens. Com exceção de *Annie John* vemos passagens nas narrativas que comprovam o fato de como o filho 'varão' é favorecido na sociedade patriarcal.

Cíntia Schwantes credita a posição secundária que a mulher ocupa nos mais diversos segmentos ao conceito de feminilidade tão propagado pela sociedade patriarcal:

Os ideais de feminilidade professados pelas sociedades ocidentais, quer sejam de Primeiro ou de Terceiro Mundos, baseiam-se no princípio de que as realizações de família, notadamente casamento e maternidade, são a fonte da realização da psique feminina – daí decorrendo as diferentes formas de exclusão à mulher. (2006, p. 10)

As três personagens afastam-se desses ideais de feminilidade e assumem uma postura de desconstrução desses ideais. Lucy revela todo seu descontentamento com o futuro que escolhem para ela, e sabe que esse futuro está relacionado ao fato de ser mulher, por isso recusa-se a segui-lo; mesmo Xuela, que acaba se casando com um homem branco, conhece as artimanhas da exclusão e se desvencilha delas através da conscientização em relação ao poder de seu corpo e

de sua sexualidade. Essa postura de resistência apresentada pelas personagens desses romances demonstra o desejo de desconstruir o conceito de inferioridade feminina que há tanto tempo rege as relações sociais; o mito da fragilidade¹⁸⁹ mascara uma situação muito mais profunda, que diz respeito à questão cultural que rege nossas ações, para Beauvoir “as restrições que a educação e os costumes impõem à mulher restringem seu domínio sobre o universo” (1980, p. 479), ou seja, não é o fator biológico que determina a posição da mulher na sociedade¹⁹⁰.

As três personagens apresentadas assumem uma atitude diferenciada em relação ao que se espera delas; Annie procura comportar-se de forma oposta a que sua mãe lhe ensina, tomando atitudes que revelam sua rebeldia ao sistema e aos ensinamentos maternos; Xuela afasta-se da figura mascarada do pai renegando tudo o que ele representa; e Lucy afasta-se da tentativa de reprodução por parte da mãe. É graças a essa desconstrução dos costumes e dos ideais de feminilidade que Annie, Lucy e Xuela se posicionam longe da exclusão e opressão próprias do sistema patriarcal-imperial.

Jamaica Kincaid aborda nesses romances o conceito de que a formação da identidade do sujeito acontece através de um longo e doloroso processo, e nele o ponto de vista individual, que engloba as experiências pessoais e as tensões desenvolvidas em relação à família, escola e sociedade; e o ponto de vista social, englobando as experiências culturalmente vividas e as tensões relacionadas ao seu lugar de origem são dois aspectos que não podem ser vistos separadamente, por essa razão quando as personagens criticam sua estrutura familiar elas também criticam a estrutura social, pois ambas representam lados de uma mesma moeda.

¹⁸⁹ Chamamos de mito da fragilidade o conceito que se sustenta na ideia de que a inferioridade feminina é algo natural, proveniente das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Através do desenvolvimento desse mito o homem passa a ser visto como superior, e por isso é considerado o dominador, enquanto a mulher é dominada e submissa porque apresenta características ligadas à fragilidade. Nesse caso a mulher sempre necessitará de proteção, e o homem sempre será o responsável por essa proteção.

¹⁹⁰ Nosso intuito não é de negar as diferenças entre homens e mulheres, mas deixar claro que o fator cultural se sobressai ao fator biológico, afinal como nos lembra Blum: “A natureza provê; a sociedade ajuda a decidir.” (apud BRYM, 2006, p. 253).

São essas tensões que articulam o indivíduo e que fazem dele um produto das 'identidades temporalizadas'¹⁹¹.

4.3 O Poder da Sexualidade como forma de Resistência: desconstruindo valores

Na saga por desconstruir¹⁹² comportamentos pré-estabelecidos pela sociedade encontramos em nossos objetos de análise o desejo de fazer uso de sua sexualidade de maneira livre e desinibida. Sendo assim as personagens afastam-se do tabu criado para controlar as mulheres¹⁹³ e passam a usar seu corpo como forma de libertação; ao promover a descolonização de seus corpos as personagens também determinam a descolonização de suas mentes e, conseqüentemente de seus destinos.

Fica claro que as personagens desses romances demonstram grande consciência da relação discriminatória entre homens e mulheres e por isso assumem o controle da situação; o prazer é visto não como algo ruim ou pecaminoso, pelo contrário, ele é um agente libertador que mina o 'destino natural' da mulher. Para Beauvoir

O 'destino anatômico' do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não o é menos a situação moral e social. A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo casamento, é

¹⁹¹ Identidade temporalizada significa, nesse contexto, a identidade com a qual nos deparamos hoje em dia, ou seja, uma identidade que cada vez mais assume-se como provisória, o contexto não é mais fixo e imutável, muito pelo contrário, ele está em constante movimento.

¹⁹² A nosso ver desconstruir não só significa "afastar(-se) ou desviar(-se) do centro" (www.uol.com.br/michaelis em 26-09-2011), mas principalmente dar autonomia a algo, ou alguém que não a possuía.

¹⁹³ Destituindo-as de qualquer direito ao prazer, o sexo passa a ser considerado, para a mulher, mais um serviço que deve ser prestado ao marido, que não precisa se importar com o desejo ou a necessidade de sua parceira.

falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se 'cede', se 'cai', suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. Desde as civilizações primitivas até nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um 'serviço' que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade. (1980, p. 112)

As personagens analisadas contrariam este 'destino anatômico' e buscam a realização através de suas próprias decisões escolhendo assumir o desejo e a busca pelo prazer, ou seja, elas negam o papel de objeto e assumem o papel de sujeito ativo. Annie, que é a personagem mais jovem se comparada com Xuela e Lucy, ainda não teve nenhum envolvimento sexual, mas sabe que o tratamento dado a ela é diferente: *"if I had been a boy, I would have gotten the same treatment, but since I was a girl, and on top of that went to school only with other girls, my mother would always add some hot water to my bath water to take off the chill."*¹⁹⁴ (KINCAID, 1985, p. 13-14) Esse comportamento é explicado pela atitude da mãe (representante da estrutura social) em 'fragilizar' a filha, passando para Annie que seu papel enquanto mulher é estar bem cuidada, ter bons modos e aproveitar as 'regalias' de sua condição de mulher¹⁹⁵. Annie recebe um choque de realidade quando conhece uma nova amiga que faz tudo diferente do que ela aprendeu ser o correto para uma moça e, mais uma vez, vemos aqui a interferência materna, pois os modos da amiga de Annie são corroborados pela sua mãe, que a cria em dissonância ao que é comum na sociedade. Mesmo Annie sendo mais jovem que as outras personagens ela já faz reflexões sobre o casamento e o papel da mulher na sociedade; pois o desejo de não pertencer a ninguém é um ponto comum entre os três romances, as personagens vão contra a ideologia da sociedade patriarcalista, que ao centralizar o poder no homem destina à mulher um espaço de submissão. Exemplos claros dessa aversão pelos papéis socialmente destinados às mulheres acontecem várias vezes: quando Annie ouve sua amiga Gwen dizer que gostaria que ela casasse com seu irmão ela não só tem uma reação repulsiva a esta idéia como tem pena da amiga;

¹⁹⁴ "se eu fosse um garoto, eu teria tido o mesmo tratamento, mas já que eu era uma garota, e além disso ia para uma escola com outras meninas, minha mãe sempre adicionava água quente para meu banho para tirar o frio."

¹⁹⁵ Em um de seus contos, *Girl* (1992), Kincaid já exemplificava o papel da mãe enquanto 'professora' da filha, dando instruções de como fazer as coisas e como se portar bem.

quando Lucy se envolve com alguém ela está em busca de prazer, não de status, por isso prefere relacionamentos sem compromisso; quando Xuela casa ela foge da convenção social porque para ela aquele era um relacionamento que envolvia amizade e companheirismo, não amor.

Por outro lado Lucy e Xuela já têm uma sexualidade madura e buscam o prazer não como uma forma de satisfazer o outro, mas para satisfazer a si mesmas. Por esse motivo ambas personagens encaram o envolvimento sexual como algo natural, são aversas a relacionamentos duradouros ou que evocam alguma responsabilidade porque compreendem que um envolvimento mais sério pode comprometer sua liberdade. Lucy deixa claro esse desprendimento quando se afasta do rapaz que lhe tirou a virgindade por perceber a importância que esse fato significava para ele. A tomada de iniciativa das personagens demonstra que elas possuem um plano próprio para si mesmas, Pupello¹⁹⁶ diz que *“Kincaid often portrays sex as a tool of independence for women, adding another dimension to the feminist aspects of her writing”*¹⁹⁷, essa nova dimensão abordada por Kincaid comprova a postura de resistência da autora, que imprime em suas personagens a importância do desenvolvimento da consciência de si mesma enquanto pessoa, através da descolonização do corpo, que resulta na busca do prazer sem culpa, e da descolonização da mente, que resulta na liberdade das personagens. Apesar de Xuela se casar suas atitudes continuam sendo diferenciadas da ex-esposa de seu marido, pois ela comporta-se como mulher. Xuela chega a afirmar que *“the impulse to possess is alive in every heart (...), some people choose husbands; I choose to possess myself.”*¹⁹⁸ (KINCAID, 1996, p. 137-138) Este é um ponto-chave para entender as escolhas feitas pelas personagens: ter a posse de seu próprio corpo a fazem ser fortes e independentes.

Outro fato importante é perceber que o despertar da vida sexual das personagens ocorre sempre quando elas estão longe de casa, longe de sua família. Os relatos mostram que quando Lucy perde a virgindade ela já está nos Estados Unidos e Xuela tem sua primeira vez com o Monsieur LaBatte quando já não mora

¹⁹⁶ Trecho retirado do site <http://english.emory.edu/Bahri/Kincaid.html> em 20-01-2011.

¹⁹⁷ “As vezes Kincaid retrata o sexo como uma ferramenta de independência para as mulheres, adicionando outra dimensão para os aspectos feministas de sua escrita”

¹⁹⁸ “o impulso de possuir está vivo em todo coração (...), algumas pessoas escolhem maridos; eu escolho possuir a mim mesma.”

com o pai; em contrapartida por não haver relatos da perda da virgindade em *Annie John* acreditamos que ela não ocorreu antes da personagem embarcar para a Inglaterra. Isso significa que, mais uma vez é necessário o afastamento das personagens em relação à família (e a tudo que ela representa) para que Annie, Lucy e Xuela possam deixar florescer o instinto sobre o prazer e a busca pelo conhecimento de seu corpo.

Friedan afirma que “A mística feminina permite e até incentiva na mulher a ignorância da questão da identidade” (1971, p. 62), por essa razão torna-se mais comum que essa identidade acabe sendo relacionada ao papel que a mulher assume na sociedade: esposa, mãe e dona de casa. Uma por uma as personagens kincaidianas se livram dessa prerrogativa através da conscientização acerca dos valores socialmente estabelecidos e como estes são determinantes sobre a forma como nos vemos; sendo assim encaramos as jornadas de Annie, Lucy e Xuela como uma extensão da ideia de Kincaid em desconstruir os paradigmas que estão relacionados ao moralismo opressor que reduz a importância do ser feminino, destinando à mulher um lugar de coadjuvante. Xuela explica bem qual o papel que o relacionamento amoroso representa em nossa sociedade: “*Romance is the refuge of the defeated, the defeated need songs to soothe themselves*”¹⁹⁹ (KINCAID, 1996, p. 216), não se pode perder de vista que numa sociedade tão falocêntrica como a nossa não há possibilidade de estabelecer uma relação igualitária entre homem e mulher; nesse contexto a única forma de autoafirmar-se acaba sendo através da negação do sistema pré-estabelecido, e é exatamente por esse caminho que Xuela (assim como as outras personagens) acaba percorrendo.

Ao longo do percurso por auto(re)conhecimento as protagonistas kincaidianas encontram personagens mulheres, que, sem sombra de dúvida, representam um papel importante para a reflexão acerca do lugar ocupado pela mulher na sociedade. Em *Annie John*, personagem que está em processo de formação, encontramos as amigas de Annie, Gwen e Red Girl, como lados opostos de uma mesma realidade; enquanto Gwen era um exemplo de moça ‘bem dotada’, que desde cedo já pensa casamento e no papel que irá desempenhar como esposa; Red Girl é uma ‘menina-moleque’, aquela que age como um menino e que por isso está longe de assumir a

¹⁹⁹ “O romance é o refúgio dos derrotados, os derrotados precisam de músicas para acalmar-se”

ideia de feminilidade da sociedade, seus modos provavelmente a afastarão de um bom casamento. A narrativa deixa bem claro que Annie passa a sentir um desconforto enorme na companhia de Gwen, e isso só acontece quando ela conhece a nova e rebelde amiga, nesse momento Annie entra em contato com outra realidade, uma realidade que ela gosta e busca se inserir de alguma forma; entre o comportamento 'feminino' de Gwen e o comportamento 'moleque' de Red Girl Annie prefere o segundo, porque nele a personagem reconhece a sensação de liberdade.

No caso de *Lucy* a principal fonte de reflexão da personagem acontece através de Mariah e Peggy. Enquanto Mariah cumpre bem seu papel de esposa e mãe de família dedicada, tratando inclusive Lucy com bastante carinho; Peggy é a imagem da rebeldia perante os valores familiares. Lucy vê em sua patroa uma imagem de submissão, Mariah tem uma visão muito inocente do mundo, é por essa razão que Lucy afirma ver espinhos enquanto Mariah vê flores; a relação de amizade entre Lucy e Peggy passa pela confirmação de que ambas compartilham muitas ideias, da mesma forma que Lucy saiu da casa dos pais pelos conflitos que foram surgindo Peggy também tinha problemas familiares. Enquanto Mariah acreditava que a amiga de Lucy representava uma má influência, Lucy via em Peggy exatamente o que ela mesma representava: o desejo de ser livre. Por isso no fim do romance vemos que Lucy faz uma escolha, sai da casa de Mariah, que tanto lembrava sua mãe, e vai morar com Peggy, que tanto lembrava ela mesma.

Xuela já apresenta uma identidade mais bem definida e por isso, diferentemente das narrativas de *Annie John* e *Lucy*, em *The Autobiography of My Mother* as personagens que chamam a atenção de Xuela são a representação da sociedade patriarcal. Primeiramente aparece a madrasta de Xuela, que a trata com profundo desprezo porque vê nela uma concorrente à atenção do marido, a tentativa de matar a personagem é explicada como a forma que a madrasta encontra em eliminar a concorrência; quando os seus filhos nascem Xuela parece perder toda a importância e, mesmo tratando os filhos com amor (enquanto tratava Xuela com indiferença) a madrasta de Xuela dá atenção especial ao filho homem, porque sabe que ele será capaz (historicamente falando) de fazer tudo que ela não pode fazer por causa de sua condição de mulher. Corroborando com esse conceito de feminilidade como sinônimo de subserviência encontramos Madame LaBatte, mulher

rica que aceita que o marido tenha relações sexuais com Xuela para que assim possa finalmente ter um filho, muito provavelmente Madame LaBatte sente-se culpada por não ser capaz de dar algo ao marido que é sua 'obrigação natural' (uma prole) e por essa razão usa Xuela para atingir seu objetivo. Tanto a madrasta de Xuela como Madame LaBatte, mesmo estando em classes sociais diferentes, reproduzem a mesma ideia de subserviência; Xuela afasta-se da madrasta saindo de casa e afasta-se de Madame LaBatte abortando o filho que esperava, em ambos os casos Xuela demonstra soberania em relação ao aprisionamento destinado à mulher pelo casamento, e mesmo quando casa, assume um papel de liberdade sobre as vontades do marido.

Esses romances se caracterizam pela tentativa de Jamaica Kincaid de dar voz à mulher e de estabelecer uma postura de subversão ao discurso oficial, por essa razão a escrita kincaidiana é tão lembrada nos estudos de gênero; como nos lembra Davies:

Feminist politics, in my understanding, is a resistance to objectivation of women in society, in literature, art and culture. It is also the articulation of a critical and an intellectual practice which challenges all patriarchal assumptions and norms. It is also a politics of possible transformation. (1994, 28-9)²⁰⁰

A transformação citada por Davies é possível porque através da resistência em relação aos discursos hegemônicos oriundos de uma sociedade patriarcal e altamente opressora se desenvolve um processo de desconstrução que propõe aniquilar a hierarquia sexual instaurada. A desconstrução é responsável por mudanças nas práticas sociais e culturais importantes para a recolocação do espaço da mulher no âmbito social. Vemos nas atitudes de Annie, Lucy e Xuela a compreensão da necessidade de não seguir os passos da sociedade patriarcal; a recusa de Annie pelo casamento ou a recusa de Lucy por compromisso são exemplos claros dessa recusa; mesmo o casamento de Xuela também se afasta dos moldes dos casamentos tradicionais, uma vez que é ela quem tem as rédeas da situação e não o marido.

²⁰⁰ "A política feminista, em meu entendimento, é uma resistência à objetivação da mulher na sociedade, na literatura, arte e cultura. É também a articulação de uma prática crítica e intelectual que recusa os pressupostos e normas patriarcais. É também uma política de possível transformação."

Os romances analisados aparecem como forma de resistência a todo esse modelo patriarcal implantado que não dá mais conta de absorver nossas necessidades; eles surgem da necessidade de desconstruir as desigualdades e instaurar as novas feminilidades e masculinidades (Suaréz, 2002) para que possamos desenvolver uma nova ordem social. Corroborando com esse pensamento Davies afirma que *“the future of our earth may depend upon the ability of all women to identify and develop new definitions of power and new patterns of relating across difference. The old definitions have not served us, nor the earth that supports us.”*²⁰¹ (1994, p. 38) Cada uma das personagens analisadas exemplifica essa nova postura: Annie, apesar de terminar a narrativa com apenas dezessete anos, assume para si uma postura rebelde porque passa a compreender a mãe como um modelo social inferiorizado e por essa razão resolve não seguir seus passos; a ideia de casamento é, para Annie, uma forma de aprisionamento, o que sugere que, provavelmente ela seguirá as outras personagens no que diz respeito ao descompromisso em relação ao envolvimento sexual; a migração é a atitude de resistência por parte de Lucy, não apenas pelo ato de sair de casa, mas principalmente porque a personagem resolve adaptar-se em seu novo ambiente como forma de negar a influência da mãe, outro modelo da sociedade patriarcal, e construir seu próprio lugar; no caso de Xuela o uso da memória é a principal ferramenta que a personagem encontra para resistir à forma manipuladora de viver do pai, ao mesmo tempo em que busca recuperar a mãe na tentativa de conhecer a si mesma.

Com suas atitudes de resistência Annie, Lucy e Xuela desenvolvem novas definições que explicam de maneira adequada qual o papel delas nessa sociedade, essas atitudes viabilizam o poder que as personagens tomam em relação ao seu corpo e seus desejos. Seja pela forma como lidam com o corpo e a sexualidade, seja pela maneira como conduzem a representação da mulher na sociedade em que estão inseridas, as protagonistas destes romances vão além e escolhem vivenciar a liberdade não apenas como um direito que deve ser conquistado, mas principalmente como uma condição que deveria ser natural para qualquer ser humano, independente de raça, classe social ou gênero.

²⁰¹ “o futuro da nossa terra pode depender da habilidade de todas as mulheres de identificar e desenvolver novas definições de poder e novos padrões de relacionamento sobre a diferença. As definições antigas nem servem a nós, nem a terra que nos sustenta.”

4.4 A Pós-colonialidade das protagonistas Annie, Lucy e Xuela

Segundo Elleke Boehmer (1995) a literatura pós-colonial é aquela que está envolvida com um movimento de resistência e que tem como objetivo transformar as sociedades com passado colonial²⁰². Os romances aqui analisados captam este espírito de resistência em diversos momentos. Independentemente da idade das personagens todas elas assumem uma postura contrária à violência e chamam para si a responsabilidade sobre seus corpos e suas mentes as personagens também assumem a responsabilidade por suas histórias²⁰³. A decisão de assumir essa responsabilidade só é possível graças à consciência que cada personagem desenvolve ao longo da narrativa, seja através da formação de sua identidade, seja pelo movimento migratório ou mesmo pela centralidade da memória as personagens são conscientes do mundo a sua volta: Annie, por exemplo, zomba de Colombo e arca com as consequências de seus atos perante a instituição escolar, já Lucy critica a postura dos amigos de sua patroa Mariah, que sempre se sentem superiores em relação aos demais ('vencidos'); o mesmo acontece com Xuela, que não aceita a postura opressora do pai, que prefere se unir aos 'vencedores', mesmo que isso signifique afastar-se de suas raízes e de sua própria filha. Nesse ambiente de resistência Annie, Lucy e Xuela transformam o futuro a partir do reconhecimento e reflexão acerca do passado porque sabem que o que deve ser observado "não é a inserção das pessoas no passado, mas os resquícios do passado no presente" (MACEDO, 1997, p. 18). Só com o entendimento de que o passado é uma peça chave para descobrirmos o que somos e o que representamos é que surge a possibilidade de mudar os paradigmas que cercam as personagens, e é exatamente

²⁰² Esse passado colonial está incrustado das crueldades do colonizador europeu contra os que eram considerados selvagens, já que para o colonizador "o colonizado é um débil, sugere como isso que tal dependência reclama proteção" (MEMMI, 1977, p. 79); esse é, aliás, o mesmo raciocínio para o estabelecimento da relação entre homens e mulheres. Em ambos os casos vemos a tentativa de legitimar a hierarquização entre as pessoas, seja através da superioridade racial ou pela superioridade sexual.

²⁰³ Para que isso aconteça são as próprias protagonistas que narram suas histórias, tomam a voz para si como um direito que lhes foi outorgado pela História Oficial, que é a história contada a partir da perspectiva do colonizador branco.

isso que elas buscam fazer: pensar no passado, compreender o presente para então (re)construí-lo e (re)modificá-lo.

A postura das personagens enquanto sujeitos oriundos de uma ilha colonizada é sempre uma postura de resistência. Nos três romances analisados percebemos que elas assumem uma atitude crítica sobre sua condição de ‘povo vencido’; quando Xuela pergunta *“but who can really forget the past? Not the victor, and not the vanquished, for even when words become forbidden, there are other ways to betray memory”*²⁰⁴ (KINCAID, 1996, p. 221) a personagem mostra sua reflexão sobre a condição de ‘vencedores’ e ‘vencidos’ e revela que sua visão é que a vida é um jogo, em que uns ganham e outros perdem. Lucy também demonstra sua consciência frente à história e revela o sentimento de raiva que ela possui em relação aos ‘vencedores’ quando fala sobre os amigos da patroa e afirma que *“all of the members of this organization were well off but they made no connection between their comforts and the decline of the world that lay before them.”*²⁰⁵ (KINCAID, 1990, p. 72) A personagem sente a existência de uma linha que os separa, e compreende essa linha como sendo a situação privilegiada que eles tem graças a ‘desgraça’ de seu povo.

A atitude rebelativa de Annie, a realidade migratória de Lucy, e a jornada memorialista de Xuela revelam o desejo das personagens em atingir a liberdade física e psicológica em relação aos seus algozes (família, realidade social), mesmo assim é preciso entender que o “processo de descolonização das mentes é mais demorado do que o da expulsão física do colonizador. Não é um processo automático” (FREIRE & FAUNDEZ, 1985, p. 111); aliás, como nos lembra Albert Memmi (1977) a única maneira do colonizado libertar-se é através da ruptura. Essa ruptura faz-se necessário porque as identidades do colonizador e colonizado são essencialmente antagônicas. Justamente por não ser algo automático a descolonização aparece na narrativa dos romances desde o início. Annie não só reflete sobre como a história do seu povo é desvalorizada como percebe também como ela é tratada por ser mulher; o mesmo acontece com Lucy que demonstra preferir ficar sozinha a ter que aceitar ser subjugada por um companheiro, além de

²⁰⁴ “mas quem pode realmente esquecer o passado? Nem o vencedor, e nem o dominador, pois mesmo quando as palavras se tornam proibidas, há outras formas de trair a memória”

²⁰⁵ “todos os membros desta organização eram bem de vida mas eles não faziam nenhuma conexão entre o conforto deles e o declínio do mundo que estava diante deles.”

mostrar consciência de que ela, enquanto mulher é subvalorizada; com Xuela – que é a mais velha – vemos uma reflexão ainda mais centrada nas questões de dominação, fazendo com que a personagem precise a todo tempo buscar recuperar a história da mãe, de seu povo, para ter a sua própria história.

Para Silva (2001) os processos culturais estão vinculados às relações sociais, por essa razão cultura envolve poder; nesse caso cultura não pode ser vista como um campo autônomo, cultura é um campo de negociação, de dialogismo e ambivalência. Kincaid surge num momento histórico em que os cânones, ou, como diria Hutcheon (1991), as metanarrativas, passam a ser questionados por não atender por completo as novas realidades e necessidades do indivíduo pós-moderno (aquele que não tem identidade fixa), e através de sua escrita ela é capaz de criar um contexto de descentralização e desconstrução das ‘verdades sociais’, abordando a cultura como um espaço de conflito e poder.

Jamaica Kincaid, assim como sua obra, aborda o pós-colonialismo como algo real, que está presente em sua vida e que por isso mesmo influencia suas narrativas; o papel da escritora nesse cenário de proliferação desse conceito é interessante:

La obra misma de Kincaid, su vasta producción de cuentos, ensayos y novelas, puede ser vista como el esfuerzo por configurar una posición simbólica, una particular perspectiva, desde la cual resignificar reflexivamente los desgarros de su propia biografía. Se trata, así, de la búsqueda por conquistar un lugar que establezca distancias con la tradición literaria británica – cuyo aprovechamiento por parte del proyecto imperial británico es duramente criticado –, sin desconocer el aporte cultural de la misma y la importancia de ampliar las perspectivas desde las cuales se produce su recepción.²⁰⁶
(STECHEER & STECHER, 2010, p. 140)

A desconstrução proposta por Kincaid passa justamente por esse esforço em estabelecer sua independência em relação à tradição dos ‘vencedores’ (sejam eles

²⁰⁶ “A própria obra de Kincaid, sua vasta produção de contos, ensaios e romances, pode ser vista como um esforço para configurar uma posição simbólica, uma perspectiva particular, a partir do qual ressignifica reflexivamente as lágrimas de sua própria biografia. Se trata, assim, da busca por conquistar um lugar que estabeleça distâncias com a tradição literária britânica – cujo aproveitamento por parte do projeto imperial britânico é duramente criticado –, sem desconhecer a contribuição cultural da mesma e a importância de ampliar as perspectivas a partir das quais se produz sua recepção.”

britânicos ou norte-americanos) e aproximar-se cada vez mais de sua própria história; é graças a esse processo que a escritora consegue abordar, através de suas personagens, o desenvolvimento da identidade e como ela é importante para a conscientização do indivíduo no que diz respeito ao seu lugar no mundo e o papel que ele ocupa. Em dois dos três romances analisados as protagonistas saem de sua terra com o intuito de criar novos laços em suas vidas; enquanto Annie resolve ir para a Inglaterra, Lucy viaja para os Estados Unidos; esse movimento migratório (que é um elemento que já se tornou mundial) é um ponto-chave para entendermos essa nova identidade proposta por Kincaid. Canclini conclui que “Um dos traços definidores do mundo contemporâneo é a intensidade e a interligação dos processos sociais; as migrações e as diásporas intensificam-se, redefinindo redes e relações internacionais” (2003, p. 153), a própria Kincaid é resultado desse processo e usa sua própria experiência para dar vivacidade à suas histórias.

A literatura pós-colonial trabalha levando em consideração pontos importantes para o entendimento do novo sujeito criado a partir desse novo contexto: a reconstrução da identidade, aliada à descolonização da cultura são elementos que se fundem numa dialética constante. Além disso, a questão da posição da mulher nessa sociedade também deve ser aprofundada como outra forma de resistência, já que “a primeira liberdade a ser conquistada é a do corpo e depois então livra-se de uma alma manufaturada pela sociedade” (MONTEIRO, 1984, p. 32) as personagens kincaidianas surgem com a tarefa de desestabilizar o processo social de mistificação da feminilidade da mulher e requerer autonomia para si. Nesse contexto de resistência a sexualidade tem um papel fundamental:

Xuela, like Lucy, uses her sexuality to defy maternal control, and for Xuela, as for Lucy, sexuality is an area in which she can gain power over the men in her life, including for Xuela the white Englishman whom she eventually marries and dominates as she plays out in her marriage.²⁰⁷ (BOUSON, 2006, p. 118)

²⁰⁷ “Xuela, como Lucy, usa sua sexualidade para desafiar o controle materno, e para Xuela, assim como para Lucy, a sexualidade é uma área em que ela pode ganhar poder sobre os homens da vida dela, inclusive para Xuela o cidadão inglês branco com quem ela eventualmente casa e domina como ela joga no casamento dela.”

Existe nos romances analisados a mudança no foco da narrativa, que deixou de ser centralizada no homem²⁰⁸ e passou a centralizar a figura feminina. Annie, Lucy e Xuela contam suas histórias e escolhem seus próprios caminhos; graças a essa descentralização proposta por Jamaica Kincaid questões como “*childhood, domesticity, power relations, the mother-daughter bond, personal development, loss, mourning, sensuality, and sexuality*”²⁰⁹ (EDWARDS, 2007, p. 16) recebem outro enfoque, são tratados mais profundamente. A descentralização presente nas narrativas analisadas abrange tanto as questões relacionadas ao universo da mulher como também as questões que envolvem a realidade do povo colonizado; tudo isso só acontece porque as personagens Annie, Lucy e Xuela participam do processo de descolonização de suas mentes e corpos, afinal

“A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história.” (FANON, 2002, p. 26)

Enquanto a colonização se fundamenta na falsificação das relações humanas, corrompendo os dois lados participantes do processo – colonizador e colonizado²¹⁰ – (MEMMI, 1977) o ato de descolonizar o corpo e a mente surge como uma forma obter a liberdade. A obra da escritora caribenha Jamaica Kincaid trabalha de forma a criar um espaço para que o subalterno possa falar e ser ouvido; para afastar da realidade proferida por Spivak²¹¹.

Kincaid nos mostra que há uma relação direta entre o subjetivismo e a formação da identidade. As narrativas de *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of*

²⁰⁸ Nos séculos anteriores a maioria das obras escritas era de homens, o que explica a focalização da visão masculina sobre as coisas; com o aparecimento cada vez maior de mulheres escritoras surgem novas temáticas, que passam a fazer parte dos textos literários (casamento, sexualidade, etc). Se, para alguns estudiosos (CASTELLO BRANCO, 1991; JONES, 1981; MAGALHÃES, 1995) existe uma ‘escrita feminina’ isso se dá pelo fato de que nela o universo da mulher é contemplado de uma forma mais significativa, fugindo dos estereótipos que por tanto tempo marcaram a figura feminina na obra literária.

²⁰⁹ “infância, vida familiar, relações de poder, o vínculo mãe-filha, o desenvolvimento pessoal, a perda, o luto, a sensualidade, e a sexualidade”

²¹⁰ O mesmo vale para o patriarcalismo, que falsifica e corrompe as relações entre homens e mulheres, sendo prejudicial a ambos.

²¹¹ “O sujeito subalterno feminino não pode ser ouvido ou lido (...). O subalterno não pode falar” (1988, p. 129-130).

My Mother celebram temáticas que unem o pessoal (relacionamento entre mãe e filha e a sexualidade da mulher) com o social (questões relacionadas às consequências do colonialismo, poder), paralelo a isso esses romances também abordam a relação entre o local e o global, mostrando como ambos estão cada vez mais conectados um com o outro; entretanto nem sempre essa relação é posta para o indivíduo como algo confortável (em especial para um sujeito que se desloca de lugares que sofreram tanto com a colonização); apesar de mudar-se para os Estados Unidos aos dezessete anos, a escritora caribenha não se afastou de suas origens; Kincaid utilizou seus romances como forma de trabalhar os conflitos vivenciados por ela mesma durante o período de adaptação ao seu novo lar e à sua nova vida. Para Jamaica Kincaid a importância em revisitar o passado com o intuito de redesenhar o presente e construir um novo futuro é real; podemos considerar que “essa redescoberta do passado [como] parte do processo de *construção da identidade* que está ocorrendo nesse exato momento e ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise.” (SILVA, 2001, p. 12) Lucy (assim como Annie e Xuela) comprova que a presença do passado é marcada pelo conflito, incerteza e por muitos outros sentimentos:

*I used to think that just a change in venue would banish forever from my life the things I most despised. But that was not to be so. As each day unfolded before me, I could see the sameness in everything; I could see the present take a shape – the shape of my past.*²¹²
(KINCAID, 1990, p. 90)

Nesses romances a escritora caribenha revela a impossibilidade de sair ileso das influências do passado, seja ele familiar ou histórico; as personagens precisaram aprender a lidar com o fato de que foram, de uma forma ou de outra, ‘contaminadas’ pela cultura colonial e pela cultura patriarcal, já que como afirma Fanon (2002) o colonialismo se volta para o passado do povo colonizado e oprimido para distorcê-lo e destruí-lo, por isso a contaminação é inevitável e perigosa. O afastamento de Annie, Lucy e Xuela de seus genitores é a prova final da busca delas por uma identidade que, apesar da contaminação cultural, seja articulada por

²¹² “Eu costumava pensar que apenas uma mudança de lugar expulsaria para sempre da minha vida as coisas que eu mais desprezava. Mas não era para ser assim. Cada dia que se desenrolava diante de mim, eu podia ver a mesmice em tudo; eu podia ver o presente ter uma forma – a forma do passado.”

elas próprias, ou seja, que se desenvolva não através da imposição dos ‘vencedores’, mas sim a partir do contato inevitável que acontece entre ‘vencedores’ e ‘vencidos’. Sendo assim o eixo centralizador das narrativas analisadas está na liberdade que as personagens constroem, liberdade essa que tem muito a ver com a negação dos valores patriarcais, com a descentralização do poder da colonização, com a desconstrução dos valores e verdades sociais; Annie, Lucy e Xuela vivenciam trajetórias que por vezes diferenciam-se entre si, mas que tem um mesmo objetivo: assumir uma ‘identidade libertária’.

Se no início da narrativa de *Annie John* a personagem demonstra total dependência em relação à mãe, que diz respeito não só ao lado emocional, mas também ao lado físico; Lucy já se afasta um pouco dessa dependência, isso acontece por causa da mudança da personagem para os Estados Unidos, o fato de sair de casa faz com que a personagem precise criar um ambiente de independência a fim de que ela possa se desenvolver nesse novo país. No caso de Xuela vemos um estágio completamente diferente das outras duas personagens: primeiro porque não há, em nenhum momento uma dependência física, já que a mãe morre no parto, em contrapartida a dependência emocional que Xuela nutre nos primeiros anos (e que continuará durante toda a vida) é enorme.

Os caminhos de Annie, Lucy e Xuela se encontram numa encruzilhada de emoções que é a mesma da própria Kincaid, que precisou, assim como suas personagens, percorrer os obstáculos necessários para desenvolver sua identidade nas novas prerrogativas que se apresentaram, mudar a perspectiva em relação às questões relacionadas à sua história, até chegar ao estágio de conscientização necessário para compreender a si mesma e o mundo a sua volta. Essa postura não significa a anulação dos sentimentos por sua mãe-pátria, mas a tentativa de tornar-se independente das interferências que esses sentimentos podem causar. Mesmo decidindo-se pelo afastamento de seus genitores as personagens desses romances sentem profundamente o desprezo que eles emanam, Annie deixa isso bem claro quando diz “*I could not believe that she could see how miserable I was and so reach out a hand to comfort me and caress my cheek, the way she usually did when she*

*sensed that something was amiss with me.*²¹³ (KINCAID, 1985, p. 83) Esse fato acaba demonstrando bem o quanto a personagem sofre por perceber que já não tem tanta importância para a mãe como tinha antes, é como sentir que perdeu seu espaço no mundo. É preciso recuperar seu espaço.

4.5 A Escrita Kincaidiana e o Entrelaçamento entre Feminismo e Pós-colonialismo: a identidade vista através da diferença

O discurso pautado na resistência é uma forma clássica de reescritura e é no ato de reescrever que temos a chance de rever conceitos até então ‘naturalizados’ pela cultura. Nesse ímpeto pela reflexão das relações sociais movimentos como o feminismo e pós-colonialismo acabam sendo aliados por defenderem uma mesma causa: dar voz às ‘minorias’ silenciadas pela opressão. Cada movimento consolidou-se levando em consideração a situação discriminatória que alguns indivíduos vivenciam; seja por ser mulher, seja por ser natural de um lugar colonizado, existe uma área de dominação que passa a ser analisada pelas novas teorias que foram surgindo e se desenvolvendo principalmente ao longo do século XX e que se tornam responsáveis pela mudança na forma de enxergar o texto literário.

Tendo em vista o objetivo comum a que estão sujeitos é possível fazer um contraponto interessante com os estudos de gênero e os estudos pós-coloniais levando em consideração que

Both began with strategies that aimed to upset dominant hierarchies and recover or reassert marginalized histories and writings. Both have also turned towards analyses of the construction of those hierarchies, categories, and canons, questioning the systems of

²¹³ “Eu não podia acreditar que ela pudesse ver o quão miserável eu estava e não estender a mão para me confortar e acariciar minha bochecha, do jeito que ela sempre fazia quando sentia que alguma coisa estava errada comigo.”

*thought and the forms of critical legitimation behind them.*²¹⁴ (CHILDS & WILLIAMS, 1997, p. 198)

Os discursos relacionados ao feminismo e ao pós-colonialismo baseiam-se na resistência e subversão, assim como afirmam Childs e Williams na citação acima o movimento de desconstrução da hierarquia estabelecida através dos cânones, e, conseqüentemente, das relações sociais está presente nessas duas teorias. Percorrendo trilhas diferentes feminismo e pós-colonialismo buscam chegar num mesmo lugar; seu objetivo é a descentralização do poder hegemônico e a desconstrução das relações hierarquizadas, a fim de instaurar uma nova perspectivação, ou como propõe Guedes uma “reestruturação de uma nova identidade e subjetividade” (2004, p. 52). A nosso ver a separação entre a teoria feminista e a teoria pós-colonial apresenta-se basicamente não pelo objeto de estudo em si, mas pelo estágio em que cada teoria se encontra. Em primeiro lugar os momentos históricos são diferentes; enquanto o movimento feminista iniciou-se ainda no século XIX e por isso já percorreu um caminho mais longo, os estudos pós-colonialistas só aparecem depois dos anos 80. Essa diferença no tempo de existência de cada movimento interfere na forma como cada um é encarado, o que nos leva a outro ponto.

Quando o feminismo surge seu principal objetivo é obter os direitos até então negados às mulheres, como o direito ao voto e à educação. Nos primeiros anos as mulheres que participavam eram brancas e ricas, o que fará com que o próprio movimento receba críticas ferrenhas pela sua exclusão às outras mulheres; com o tempo há a inserção de mulheres de todas as raças e classes sociais e o movimento passa a apoiar também outras minorias (homossexuais), demonstrando seu interesse em expandir a ideia de inclusão. Por outro lado o movimento pós-colonial aparece bem depois e surge como uma forma de resistência aos efeitos da colonização; os estudiosos que criticam o conceito de pós-colonialismo fundamentam sua crítica ao fato de que o termo pós-colonial cria um rótulo que indica que o colonialismo teve fim, e sabemos que mesmo que a ocupação territorial

²¹⁴ “Ambos começam com estratégias que visavam perturbar as hierarquias dominantes e recuperar ou reafirmar histórias e escritas marginalizadas. Ambos também têm voltado para análises da construção dessas hierarquias, categorias e cânones, questionando os sistemas de pensamento e as formas de legitimação crítica por trás deles.”

tenha acabado os países colonizados continuam recebendo grande influência dos países colonizadores. Acreditamos porém que os estudos pós-coloniais já começam a dar grandes mostras de amadurecimento em relação à problematização do sujeito oriundo de terras colonizadas; isso acontece graças a um movimento de expansão que o pós-colonialismo assume. Sem dúvida a existência de escritores migrantes, como Jamaica Kincaid, facilita esse processo de incorporar o passado e o presente, ou seja, as raízes de sua terra de origem com a nova vida nas ex-metrópoles. Esse entrelaçamento é o fator chave para o sucesso dos estudos pós-coloniais.

A crítica feminista e a crítica pós-colonial têm a tarefa de afastar-se cada vez mais da visão limitada/limitadora que com a justificativa de dar voz às minorias não abandona a polaridade (homem-mulher, colonizador-colonizado, centro-margem, branco-negro, etc.) e destitui o foco de um lado e só se interessa pelo outro; o grande passo a ser dado continuamente é a dialogização entre as partes²¹⁵.

Ao analisarmos a escrita kincaidiana encontraremos traços de luta contra a violência colonial e patriarcal; Grumbach afirma: *"Hers is a voice you have never heard before"*²¹⁶ (apud EDWARDS, 2007, p. 16). Essa voz que Kincaid assume rompe com o sistema não apenas por sua postura enquanto escritora negra, mas principalmente por dar voz ativa a mulheres que, culturalmente são marginalizadas; e vai além ao abordar as relações de domínio, subordinação e inferiorização apresentadas na cultura colonial (também presentes na relação entre os gêneros). Acreditamos que a escolha da escritora caribenha em relação à narração dos romances analisados demonstra tanto a necessidade de Kincaid de dar voz à mulher quanto à necessidade de existir num ambiente em que sua própria voz pode ser ouvida e respeitada²¹⁷.

Os romances de Kincaid demonstram muito bem esse universo subversivo. Nos romances analisados percebemos o entrelaçar entre os discursos anticolonial e antipatriarcal na tentativa de afastar-se do discurso hegemônico e dar valor ao

²¹⁵ Afastando-se cada vez mais daquela dicotomia mencionada por Said (apud BONNICI, 1998), porque o mundo não está mais dividido em dois (o do colonizador e o do colonizado), ele está fragmentado em várias partes que, de uma forma ou de outra interagem entre si.

²¹⁶ "A voz dela é uma voz que você nunca ouviu antes"

²¹⁷ Como dissemos outrora a escrita de Kincaid se caracteriza por seu perfil autobiográfico, uma vez que as narrativas kincaidianas centram-se na própria experiência de Elaine Potter enquanto criança e adolescente, até mudar de país e de nome.

discurso até então marginalizado. Se como afirma Stuart Hall “O feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico” (2006, p. 45) o pós-colonialismo segue na mesma linha de raciocínio; demonstrando-se questionador, o que faz com que Álvarez afirme que

Pela ênfase colocada na temática da alteridade a teoria pós-colonial tende a transcender as consequências do colonialismo, servindo como frente de combate a qualquer grupo que se sinta discriminado em relação à norma prevalecente – seja esta étnica, social ou sexual – e que procure implementar uma política de identidade através da afirmação da diferença. (2000, p. 222)

Vê-se aqui a importância do conceito de alteridade como forma de questionar a hierarquia proposta pela ideologia vigente. Dessa forma a teoria pós-colonial aborda os desdobramentos da posição do sujeito no que diz respeito à realidade sócio-econômico-político-cultural, e nesse caso mostra-se aberta a outros discursos como forma de minar o conceito de identidade fixa e unificada. Essa postura indica, no caso da literatura, a subversão do cânone literário, que representa(va) a prática dominante e agora passa a ser questionada pelos autores até então considerados marginais; esses autores buscam a conscientização de que a construção dos discursos opressores passa necessariamente pelo desenvolvimento da ideia de hierarquização das relações humanas.

Graças às novas prerrogativas que vão surgindo dia após dia os discursos de resistência (feminista e pós-colonial) não representam apenas a luta contra o opressor, esses discursos vão além porque promovem a busca pelo entendimento da realidade como um todo. Por mais críticas que as teorias feministas e pós-coloniais recebam parece que cada vez mais elas se aproximam de uma ‘Literatura dos Mundos’ (GNISCI, 1999) que explora justamente o diálogo entre os mundos que compõem nossa realidade sócio-cultural, em outras palavras é um tipo de literatura que não só desconsidera a assimilação cega dos conceitos institucionalizados como promove a interação dos indivíduos de diversas realidades. No caso de Kincaid, por exemplo, temos uma realidade de dominação que é tripla: ela e mulher, é negra e vem de uma ex-colônia; por essa razão seus textos contribuem de maneira significativa para as discussões levantadas a partir desses discursos de resistência.

Considerações Finais

“O que aconteceu de doloroso no passado tem tudo a ver com o que somos hoje.”
(William Glasser)



Figura 10

Esse trabalho surgiu com o intuito de compreender o processo de desenvolvimento da identidade das personagens kincaidianas (Annie, Lucy e Xuela) a fim de perceber como elas lidam com a representação feminina e a representação do sujeito pós-colonial criada pela sociedade, para isso fez-se necessário levar em consideração o contexto fluido que as personagens vivenciam ao longo da narrativa; o fato é que vivemos numa época em que as identidades são desenvolvidas de maneira fluida, elas deixaram de ser algo automático passaram a ser um ato politizado (HALL, 2006). Por essa razão é tão importante hoje repensarmos nossas identidades, percebendo o quanto elas tem a ver com o nosso habitat; a maneira como somos criados e os ensinamentos que recebemos desde cedo influenciam muito a nossa forma de ver, sentir, pensar e agir no mundo.

Sendo a literatura uma linguagem cheia de significado (POUND, 1990) o texto literário passou a ser analisado não apenas pelo seu valor estético, mas também pela construção caleidoscópica²¹⁸ que aborda questões referentes ao nosso contexto histórico-socio-cultural. Nesse caso o texto passa a ser um instrumento de análise da nossa sociedade, afinal se a literatura é uma forma de expressar a realidade isso significa dizer que “além de seu compromisso eminentemente estético, a obra de arte possui os seus deveres sociais e históricos” (PORTELLA, 1963, p. 25). Através da análise dos romances *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* destacamos essa característica social do texto literário, demonstrando o quanto as personagens analisadas cumprem um papel subversor; além disso destacamos também a postura subversora da escritora caribenha Jamaica Kincaid, que revela em seus trabalhos um discurso de resistência à ideologia dominante.

A análise dos romances *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* nos deu a oportunidade de destacar questões referentes à raça, gênero, lugar, identidade que estão cada vez mais em evidência. Jamaica Kincaid imprime em suas obras um universo minimalista em que as questões pessoais – relacionadas principalmente à família – entrelaçam-se com as questões sociais – relacionadas à pátria. Encontramos em seus romances o desenvolvimento das tensões (pessoais e sociais) que se apresentam como parte do processo de desenvolvimento do

²¹⁸ Usamos o termo caleidoscópico para exemplificar a característica que o texto literário tem de se apresentar como uma espécie de mosaico, onde várias partes se juntam e formam uma única parte.

processo de identificação; percebemos que a representação feminina e pós-colonial que as personagens desenvolvem ao longo da narrativa tem muito a ver com os conflitos vivenciados por cada uma delas.

A escrita kincaidiana mostrou-se atenta aos conflitos do indivíduo pós-moderno; Butler (2003) afirma que era importante para a teoria feminista que fosse criada uma linguagem que conseguisse representar a mulher e seus interesses, só assim a mulher passaria a ser visível num ambiente que sempre teve o olhar masculino como primordial²¹⁹, a teoria feminista compreendia que “o entendimento da vida de mulher e homem é permeado por ideias preconcebidas que não se sustentam na realidade” (MACHADO, 1999, p. 95) e que por essa razão era necessário focar nos discursos responsáveis pela manutenção dessas ideias com o intuito de desconstruí-las. Sendo assim podemos considerar como os pilares para os estudos de gênero:

1. To develop and uncover a female tradition of writing, 2. To interpret the symbolism of women's writing so that it will not be lost or ignored by the male point of view, 3. to rediscover old texts, 4. to analyze women writers and their writings from a female perspective, 5. to resist sexism in literature, and 6. to increase awareness of the sexual politics of language and style. (TUTTLE, 1986, p. 184)²²⁰

Na literatura essa resignificação pode ser comprovada com a análise dos textos conhecidos até então como marginais – como os de Jamaica Kincaid. Nos romances analisados nesse trabalho são as próprias mulheres que tomam a voz para narrarem suas trajetórias, e nessa narrativa identificamos o desejo das personagens em utilizar suas experiências de vida como forma de descolonizar seus corpos e suas mentes, desconstruindo assim o discurso patriarcal (e, conseqüentemente o discurso colonial²²¹).

²¹⁹ Nesse caso concordamos com Rich (1972), que afirma que a crítica feminista é um ato de sobrevivência.

²²⁰ “1. Desenvolver e abrir uma tradição de escrita feminina; 2. interpretar o simbolismo da escrita das mulheres para que não seja perdido pelo ponto de vista masculino; 3. Redescobrir textos antigos; 4. analisar as escritoras mulheres e seus escritos de uma perspectiva feminina; 5. resistir ao sexismo na literatura, e 6. aumentar a consciência da política sexual de linguagem e estilo.”

²²¹ Como afirmamos durante esse trabalho os discursos patriarcal e colonial se equivalem, pois ambos utilizam-se dos mesmos instrumentos (como a internalização de valores) e tem as mesmas características (a presença da opressão), além de pleitear o mesmo objetivo (a verticalização do poder).

Essa busca por descolonização também está presente na teoria pós-colonial, nesse caso vemos a presença de vários episódios em que as personagens Annie, Lucy e Xuela refletem sobre a situação de seu povo, constantemente explorado pelos 'civilizados', que ao imporem a colonização criam também a imposição de seus costumes, valores e crenças; nesse universo a comemoração do aniversário da rainha Elizabeth, por exemplo, torna-se um evento mais importante do que algumas datas que se referem a momentos históricos da ex-colônia. Os romances escolhidos para essa análise demonstram o quanto a internalização de valores está presente na vida do povo marginalizado, e que essa internalização é a principal responsável pela situação opressora vivenciada pelas personagens; em contrapartida os discursos feministas e pós-colonialistas aparecem como uma forma de reescritura, ou seja, de resistência aos discursos hegemônicos, que por tanto tempo guiaram nossa sociedade e que participam ativamente do processo de internalização de conceitos. Essa re-visão promovida por esses movimentos é a responsável pela mudança de paradigmas, pela nova visão de mundo e também pela mudança de comportamento das personagens, que desenvolvem uma identidade libertadora através de atitudes libertárias²²².

Percebemos que o texto kincaidiano aborda três questões presentes na literatura pós-colonial: a reconstrução da identidade, a descolonização da cultura e o lugar da mulher. Em primeiro lugar devemos levar em consideração que para que a reconstrução da identidade aconteça faz-se necessário a desconstrução de certas 'verdades' que pairam em nossa realidade social; em relação às personagens analisadas verificamos essa desconstrução tomar forma através da reflexão de Annie sobre o posto ocupado por Colombo (figura representante da História Oficial) ou a revolta de Lucy com os amigos da patroa (pessoas que nunca se importaram com as consequências de suas ações colonizadoras), o mesmo vale para Xuela que ao criticar as atitudes opressoras do pai critica também todo o sistema colonial. Essa desconstrução proporciona e intensifica também o processo de descolonização da cultura, à medida que as personagens promovem a descolonização de seus corpos (graças à exploração desinibida da sexualidade) elas também caminham em direção à descolonização de suas mentes e, conseqüentemente de sua cultura; um exemplo

²²² Um ponto ápice dessas atitudes libertárias diz respeito à maneira como as personagens (em especial Lucy e Xuela) lidam com sua sexualidade, utilizando-a como arma para encontrar prazer.

claro disso é a ação rebelde de Annie, que dança *calypso* na escola mesmo sabendo que a professora (representante do sistema educacional) considera um ato impróprio, nesse caso Annie dá importância à sua cultura mesmo que para isso precise contrariar os bons modos. A questão da sexualidade é também um ponto crucial nos romances e demonstra um divisor de águas no que diz respeito ao lugar destinado à mulher na sociedade, a forma como Lucy e Xuela se comportam sexualmente comprova o desejo que elas têm de serem livres para sentir prazer desvinculado de culpa.

No decorrer de nossa análise percebemos alguns aspectos em comum nos romances e quando começamos a nos aprofundar neles ficou claro a existência de uma conexão, havia um fio condutor que os entrelaçava; por essa razão passamos a encará-los como tendo uma característica trilogica. Consideramos que Xuela está num processo de autoentendimento que está um passo a frente do que Lucy, e esta, por sua vez, apresenta um amadurecimento maior que Annie. Esse conceito de trilogia se sustenta no fato que há uma mesma rede temática que trabalha como uma espécie de engrenagem da narração; cada uma das personagens interage com as mesmas situações e estão em busca do mesmo objetivo.

Em *Annie John* Kincaid problematiza o aparecimento das tensões na vida familiar e escolar da pequena Annie; com isso a escritora demonstra que entre o final da infância e o começo da adolescência – período fundamental para o sujeito (a)firmar seu eu perante a sociedade – já recebemos um pacote cheio de influências que farão parte do que somos. No caso da protagonista Annie fica claro que na medida em que a personagem vai crescendo ela começa a tomar atitudes que a definirão como uma pessoa em busca de liberdade. Ao caracterizarmos esse romance como sendo um romance de formação entendemos que a autora explora esse período como forma de mostrar que a identidade da personagem está intimamente ligada às experiências que ela vivencia, bem como as reflexões que ela passa a ter em cima dessas experiências. No final do romance Annie sai de navio para uma nova jornada, que começou graças à deteriorização do relacionamento da personagem com sua mãe.

O ponto principal do romance *Lucy* também tem a ver com a forma que a protagonista lida com suas experiências de vida; o livro inicia com a chegada da

narradora aos Estados Unidos e esse é o ponto de partida para que Lucy possa se tornar responsável por si mesma e suas escolhas, através de seu deslocamento a personagem busca a certeza de que vai estar livre de se tornar uma cópia da mãe. Durante sua estada na casa da patroa Mariah Lucy percebe que mesmo que oriundas de classes sociais diferentes Mariah e sua mãe representam o mesmo modelo patriarcal: donas de casa dependentes financeira e emocionalmente dos maridos; por essa razão Lucy promove seu segundo ato de resistência e sai da casa de Mariah para morar com sua amiga Peggy; esse passa a ser um novo capítulo na vida da personagem.

Já com a idade avançada a protagonista de *The Autobiography of My Mother* não demonstra interesse em sair de onde está e espera pela morte por saber que é a única coisa verdadeira e irrefutável. No caso de Xuela a memória é a principal forma para obter a liberdade pretendida. Isso comprova a ideia de que só podemos saber quem somos quando sabemos de onde viemos, o passado aqui – assim como nos outros romances – é, sem dúvida, o marco zero para o entendimento de sua realidade. Xuela demonstra desde o princípio que a existência de máscaras é comum em nossa sociedade e acaba ficando no lado oposto de seu pai, que representa o lado ‘vencedor’ da história; mesmo com a morte prematura da mãe essa personagem a utiliza como padrão para compreender a si mesma. Todas suas experiências – desde a infância até a velhice – sempre a colocam num espaço fronteiro que diz respeito não apenas ao seu presente, mas principalmente revela a importância de seu passado.

Annie, Lucy e Xuela fogem dos estigmas de mulher frágil. O papel da mulher na sociedade patriarcalista é sempre o de ser coadjuvante de alguém – pai, marido, filho, etc. – e por essa razão Annie e Lucy revelam grandes preocupações em fazer parte de um relacionamento. A ideia de casar-se com alguém deixa Annie revoltada, enquanto Lucy prefere satisfazer-se sexualmente deixando que seu corpo indique com quem ela deve ficar. Annie e Lucy não parecem estar prontas para criar um laço de companheirismo com alguém, porque não acreditam que os homens devem ser dignos de confiança; esse receio em relação aos homens acontece por causa da representação cultural de homens e mulheres, segundo Gazzola

todos nós construímos culturalmente perfis de mulher e eles tanto dizem respeito a uma forma pessoal e simbólica de recortar o mundo e com ele conviver, como também são imagens histórico-sociais que expressam uma mentalidade emergente no plano coletivo... (1990, p. 87)

Enquanto a representação masculina diz respeito à visão do homem enquanto provedor do lar, responsável pela proteção da esposa; a representação feminina está imbuída com a ideia de mulher submissa, dona de casa com a principal tarefa de cuidar do marido e filhos. Nesse contexto o homem sempre é visto fora da casa, cumprindo um papel primordial à manutenção da sociedade; enquanto a mulher é vista dentro de casa, cumprindo um papel secundário. Por essa razão Annie e Lucy desenvolveram uma aversão não só pelo pensamento de casar-se como também demonstraram aversão a entregar seus corpos e suas ambições a um parceiro. A nosso ver Xuela dá um passo adiante não pelo fato de casar mas porque a personagem demonstra discernimento sobre sua escolha. Primeiro Xuela afirma que não se sente igual às mulheres que buscam possuir um marido – ela está mais preocupada em possuir a si mesma – segundo ela escolhe casar-se com Philip, a quem considera um amigo, em vez de casar-se com Roland, por quem ela realmente fora apaixonada. Os romances *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* demonstram a visão kincaidiana de que a mulher também é/pode ser responsável por sua vida e que a sexualidade feminina é uma arma de libertação, desde que usada a favor dos desejos da mulher e não com o intuito de prendê-la em determinadas convenções sociais.

Em relação à terra natal podemos afirmar que a maneira como Annie, Lucy e Xuela enxergam-na é igual à forma como elas veem as suas genitoras. Nos dois casos (*mother-motherland*²²³) vemos que as personagens refletem a sua situação mostrando consciência de que é a mesma situação de seu povo; Xuela chega a afirmar que “*I only wish from time to time to make my actions be the actions of a people, to make my actions be the actions of a nation*”²²⁴ (KINCAID, 1996, p. 216). As personagens demonstram consciência do sofrimento de seu povo e refletem em diversos momentos sobre a existência de ‘vencedores’ (colonizadores) e ‘vencidos’

²²³ “mãe-pátria”

²²⁴ “Eu gostaria apenas de vez em quando fazer com que minhas ações sejam as ações de um povo, fazer com que minhas ações sejam as ações de uma nação”

(colonizados); através dessa consciência Annie e Lucy saem em busca de libertação desses paradigmas através da migração para metrópoles (Inglaterra e Estados Unidos, respectivamente); no caso de Xuela vemos uma diferenciação crucial que diz respeito ao fato de que essa personagem não sai do país, o que indica seu apego ainda maior ao significado de suas raízes (explicado pela busca ininterrupta pelo conhecimento da mãe morta).

A importância da memória para a constituição de uma pessoa (ou de um povo) reside no fato que é através do ato de lembrar que somos capazes de nos identificar com alguém ou com algum lugar; os três romances revelam a necessidade do indivíduo em lembrar do passado como parte do processo de (a)firmção de sua identidade; essas lembranças não apenas revelam as experiências vivenciadas por Annie, Lucy e Xuela mas também como essas experiências influenciaram as personagens. Segundo Walter

Ao desenvolver-se na e nutrir-se da passagem do tempo, a memória é ao mesmo tempo situada num quadro espacial: o ato de rememoração se materializa sempre num determinado espaço físico constituído por relações socioculturais; isto é, a memória precisa sempre de um objeto exterior, ou melhor, da imagem desse objeto... (2009, p. 65)

De maneira geral podemos afirmar que no caso desses romances o que existe não é um objeto, mas sim uma figura exterior que é responsável pela materialização dos eventos na vida das personagens: a mãe. No caso de Annie a lembrança da mãe divide-se em dois paralelos, a mãe amorosa acaba dando lugar a uma mãe que não se importa com os sentimentos da filha; Lucy, por sua vez, revela através da lembrança de certas passagens de sua adolescência o ressentimento da mãe por essa não apoiá-la (preferindo pensar no futuro dos filhos varões); mesmo Xuela que não teve a oportunidade de conviver com a mãe tem nela a figura central de toda sua jornada mnemônica.

Ao longo desse trabalho observamos a disposição das personagens em buscar caminhos que as levem à liberdade. Primeiramente a liberdade de fazer as próprias escolhas, mesmo que elas contradigam o que se espera de cada uma (subserviência e resignação); em segundo lugar liberdade de sentir prazer, seja através da relação sexual, seja através do ato de masturbar-se; o que indica

claramente que elas têm consciência da importância de possuir seus corpos. Durante nosso trabalho levantamos a questão de que “as mulheres consciente ou inconscientemente são cúmplices dos comportamentos autoritários e repressivos” (GEBARA, 1991, p. 40), esse comportamento de cumplicidade é embutido na mulher através da educação que ela recebe e da internalização dessa educação; no caso dos romances analisados verificamos a quebra dessa postura de vítima algoz, o mesmo que acontece com a condição colonizada das personagens, uma vez que Annie, Lucy e Xuela mostram entendimento das artimanhas e consequências da colonização, fato explicitado pela atitude que Xuela tem em relação ao pai, representante da opressão colonial.

Kincaid deixa claro que as tensões que nos cercam também são responsáveis pelo que construímos e pela visão do mundo que temos, a escritora caribenha afirma que “*I would be lost without the feeling of antagonism that people have towards me. I write out of defiance*”²²⁵. Na escrita kincaidiana as tensões ficam mais aparentes no âmbito familiar, em especial no que diz respeito à relação mãe-filha (que faz um paralelo à relação nação-pessoa) e essas tensões são preponderantes para compreendermos a narrativa de uma forma mais ampla e completa.

Procuramos levantar durante a análise dos romances *Annie John*, *Lucy* e *The Autobiography of My Mother* como as questões relacionadas à identidade fazem parte da essência da realidade pós-moderna, além disso comprovamos a importância da família e da escola na internalização dos valores que permeiam nossa vida social. Nesse contexto vemos as personagens Annie, Lucy e Xuela como ferramentas da escrita kincaidiana a fim de repensar acerca da desconstrução das verdades difundidas pelos discursos patriarcal e colonial; quando Nascimento cita Derrida ele explica que

A desconstrução do sujeito (...) significa antes, um questionamento e um deslocamento de sua pretensa centralidade, de seu pretense caráter originário ou fundacional. O sujeito passa a ser pensado a partir de múltiplas determinações. (2005, p. 253)

²²⁵ “Eu estaria perdida sem o sentimento de antagonismo que as pessoas têm sobre mim. Eu escrevo a partir do desafio.”

É essa desconstrução do sujeito, que vem junto com a desconstrução do conceito de identidades fixas e outros conceitos institucionalizados que é abordado na narrativa dos romances analisados; a des-colonização dos corpos das personagens é um exemplo claro dessa desconstrução, que basicamente passa por três eixos principais: homem-mulher, colonizador-colonizado, mãe-filha. Entendemos que o discurso feminista e pós-colonial fazem parte dessa nova realidade desconstrutora, Roland Walter afirma que:

Ao lado do discurso feminista e pós-moderno destaca-se o discurso pós-colonial como motriz da desconstrução dos discursos hegemônicos e das epistemologias tradicionais – desconstrução esta que traz no seu bojo a revalorização dos discursos marginalizados. (1999, p. 78)

Ao decidir ler esses discursos o leitor/crítico literário passa a participar do mesmo processo de desconstrução, pois além de abrir um espaço para discussão participa do movimento de pluralização dos centros; incluindo autores, situações, temas e vivências até então desconhecidos. Esses discursos são subversores porque agem como dinamites que explodem as 'verdades' e 'certezas' hegemônicas e instauram a dúvida epistêmica do ser. A partir do universo subversor que Kincaid cria é possível para Annie, Lucy e Xuela desenvolver a capacidade de sair em busca de liberdade, seja a liberdade pessoal (que passa pela descolonização do corpo através da exploração da sexualidade e passa também pela descolonização da mente através da reflexão sobre a colonização e a exploração da sociedade patriarcal/colonial), seja a liberdade social (que está ligada a descolonização da cultura do colonizado em relação à cultura do colonizador).

Referências Bibliográficas

ALBORNOZ, Suzana & CARRION, Conceição. **Na Condição de Mulher**. 2ª edição. Santa Catarina: Santa Cruz do Sul, 1985.

ÁLVARES, Cláudia. **Teoria pós-colonial, Uma abordagem sintética**. In: Revista de Comunicação e Linguagens - Tendências da Cultura Contemporânea. Lisboa: Relógio de Água, 2000.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOEHMER, Elleke. **Colonial and Postcolonial Literature: Migrant Metaphors**. Delhi: Oxford University Press, 1995.

BONNICI, Thomas. **Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21**. Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 4, N. 3, 2005, p. 186-202.

_____. **Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais**. Bauru: Mimesis, Vol. 19, N. 1, 1998, pp. 7-23.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOUSON, J. Brooks. **Jamaica Kincaid: Writing Memory, Writing Back to the Mother**. Albany: State University of New York, 2006.

BRYM, Robert (et all). **Sociologia: sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia (org.). **Culturas da Ibero-América: Diagnósticos e propostas para o seu desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é escrita feminina?** São Paulo: Braziliense (Coleção Primeiros Passos), 1991.

CERRI, Luiz Fernando. **Breves notas sobre o conceito de Identidade Nacional**. União da Vitória: Ensino e Pesquisa, 2002, pp. 105 - 108.

CHILDS, Peter & WILLIAMS, Patrick. **An Introduction to Post-Colonial Theory**. London: Prentice Hall, 1997.

COIMBRA, Paulo Guedes. **Da Redação Escolar ao Texto: um manual de redação**. Porto Alegre: UFRS, 2002.

CORACINI, M. J. R. F. (org.). **Linguagem, poder e subjetividade na pós-modernidade**. Comunicação proferida no VIII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Brasília: ALAB, 2007.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora**. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, vol. 13, n. 25/26, 2003, pp. 97-103.

DAVIES, Carole Boyce. **Black Women, Writing and Identity: migrations of the subject**. London: Routledge, 1994.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Nizza. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DURKHEIM, Emile. **Sociologia, educação e moral**. Trad. Evaristo Santos. Porto: Rés Editora, 1984.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. Trad. Luis Carlos Borges Silvana Vieira. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

EDMONDSON, Belinda. **Making Men: Gender, Literary Authority and Women's Writing in Caribbean Narrative**. Durham and London: Duke University Press, 1999.

EDWARDS, Justin. ***Understanding Jamaica Kincaid***. Columbia: South Carolina Press, 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002.

FLORA, Luísa. **Bildungsroman**. http://www.edtl.com.pt/index.php?option=Com_mtr_ee&task=viewlink&link_id=150&Itemid=2. Acesso em 05 de março de 2011.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das Mulheres, Injustiça dos Homens**. 4ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Counter-Memory: the philosophy of difference**. New York: Cornell University Press, 1995.

FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

FRYE, Joanne. **Living stories, telling lives**. The University of Michigan Press, 1986.

GAZZOLA, Ana Lucia Almeida (org.). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, Vol. 1, 1990.

GEBARA, Ivone. **Poder e não-poder das mulheres**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

GEBERT, L. **Jamaica Kincaid: a critical companion**. London: Greenwood Press, 1999.

GNISCI, Armando. **Poetiche dei Mondi**. Roma: Meltemi, 1999.

GUEDES, Peonia Viana. **Representando Temáticas e Estatísticas Pós-coloniais: três ensaios sobre literatura e culturas caribenhas**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, Vol. 8, N. 2, 2004, pp. 51-55.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARRIS, Leila Assumpção. **Feminismos, identidades, comparativismos: vertentes nas literaturas de Língua Inglesa.** Vol. II. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

ISER, Wolfgang. ***The Act of Reading: a theory of aesthetic response.*** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1978.

JACOBS, J. & KRAUSE, M. ***Der Deutsche Bildungsroman.*** München: C. H. Beck, 1989.

JAMESON, Fredric. **O Inconsciente Político.** São Paulo: Ática, 1992.

JONES, Ann Rosalind. ***Writing and Body: Toward an Understanding of L'Écriture Féminine.*** Feminist Studies 7, N. 2, 1981, pp. 247-263.

KINCAID, Jamaica. ***Girl.*** In: ***At the Bottom of the River.*** New York: Farrar Strauss and Giroux, 1992.

_____. ***Annie John.*** New York: Farrar Strauss and Giroux, 1985.

_____. ***Lucy.*** New York: Plume Contemporary Fiction. 1990.

_____. ***The Autobiography of My Mother.*** New York: Farrar Strauss and Giroux, 1996.

LEJEUNE, Philippe. ***Le pacte autobiographique.*** Paris: Seuil, 1975.

MAAS, Wilma Patrícia. **O Cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MACEDO, J. Rivair. **A Mulher na Idade Média.** 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MACHADO, Leda Maria Vieira. **A incorporação de gêneros nas políticas públicas.** São Paulo: Annablume, 1999.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. **O sexo dos textos: traços da ficção narrativa de autoria feminina.** In: **O sexo dos textos e outras leituras.** Lisboa: Editorial Caminho, 1995, pp. 15-54.

MARTINS, Geraldo Majela. **Crítica Literária e Estudos Culturais: “Eis a questão”.** Caderno de Filosofia e Ciências Humanas, Ano VII, Outubro 1999.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Trad. Mariza Pinto Coelho. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MINH-HA, Trinh. **Not You/Like You: Postcolonial Women and the Interlocking Questions of Identity and Difference.** In: **Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

MOISES, Tai. **A motherless child rages in Jamaica Kincaid’s searing ‘Autobiography’.** [http://www.metroactive.com/papers/metro/02.15.96/kincaid-9607.](http://www.metroactive.com/papers/metro/02.15.96/kincaid-9607.html)

[html](#). Acesso em 10 de março de 2011.

MONTEIRO, Irineu. **Walt Whitman: Profeta da Liberdade.** São Paulo: Martin Claret, 1984.

NASCIMENTO, Evandro. **Jacques Derrida: Pensar a Desconstrução.** 6ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares.** Projeto História. N. 10, 1993, pp. 7-28.

O’SULLIVAN, Edmund. **Aprendizagem Transformadora: uma visão educacional para o século XXI.** Tradução de Dinah A. de Azevedo. São Paulo: Cortez Editora: 2004.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social: Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: APDOC, Vol. 5, N. 10, 1992.

PORTELLA, Eduardo. **Literatura e Realidade Nacional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura.** São Paulo: Cultrix, 1990.

PUPELLO, Vanessa. **Jamaica Kincaid.** [http://www.english.emory.edu/Bahri/Kincaid.](http://www.english.emory.edu/Bahri/Kincaid)

html. Acesso em 20 de janeiro de 2011.

RICH, Adrienne. ***When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision***. In: ***On Lies, Secrets, and Silence***. New York: Norton, 1972, pp. 33-49.

ROSALDO, Zimbalist & LAMPHER, Louise. **A mulher, a sociedade, a cultura**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições Femininas para o estado da violência de gênero**. Campinas: Cadernos Pagu: desdobramentos do feminismo, 2001, pp. 115-136.

SARTI, Cyntia. **Feminismo e Contexto: lição do caso brasileiro**. www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf. Acesso em 08 de maio de 2011.

SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da Representação Feminina**. OPSIS – Revista do NIESC, Vol. 6, 2006, pp. 7-19.

SCHWARZ, Roberto. **Que Horas São?** São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.

_____. **Diasporas old and new: woman in the transnational world**. Vol. 10, N. 2, pp. 245-269.

STECHEER, Antonio & STECHER, Lucía. **Identidad y discursos multiculturales em los ensayos de Jamaica Kincaid**. Valdivia: Estudios Filologicos, N. 46, 2010, pp. 137-155.

SUÁREZ, Mireya. **Gestão local e desigualdades de gênero**. São Paulo: Agende (Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento), 2002.

TAVARES, Edson (org.). **Mulher: Criação Social? Leitura de perfis femininos da literatura brasileira**. João Pessoa: Ideia, 2008.

TIFFIN, Helen. ***Post-Colonial literatures and counter-discourse***. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. ***The Post-Colonial Studies Reader***. London: Routledge, 1995.

TUTTLE, Lisa. ***Encyclopedia of Feminism***. Harlow: Longman, 1986.

UMBACH, Rosani. ***Memórias da repressão***. Santa Maria: UFSM – PPGL editores, 2008.

WALTER, Roland. ***Literatura, Teoria Literária e as Diferenças Culturais***. Recife: Investigações, Vol. 10, 1999, pp. 75-107.

_____. ***Narrative Identities: (Inter)Cultural In-Betweenness in the Americas***. Bern: Peter Lang: 2003.

_____. ***Afro-América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas***. Recife: Bagaço, 2009.

Sites na Internet:

Dicionário Michaelis: www.uol.com.br/michaelis. Acesso em 26 de setembro de 2011.

Programa Charlie Rose: www.charlierose.com/view/content/6341. Acesso em 06 de dezembro de 2010.

[www.infopedia.pt/\\$transculturacao](http://www.infopedia.pt/$transculturacao). Acesso em 17 de novembro de 2011.

www.postcolonialweb.org/caribbean/kincaid/kincaidov.html. Acesso em 10 de fevereiro de 2011.

www.nytimes.com/1990/10/07/magazine/though-west-indian-eyes.html. Acesso em 23 de julho de 2010.